

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO FACULDADE DE CIÊNCIAS
HUMANAS E DA SAÚDE CURSO DE PSICOLOGIA

CAROLINE ASSIMAKOPOULOS

TRANSTORNO DE PERSONALIDADE ANTISOCIAL:
Uma Compreensão Fenomenológica do seriado Dexter e de “Pedrinho Matador”

São Paulo
2015

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO FACULDADE DE CIÊNCIAS
HUMANAS E DA SAÚDE CURSO DE PSICOLOGIA

CAROLINE ASSIMAKOPOULOS

TRANSTORNO DE PERSONALIDADE ANTISSOCIAL:
Uma Compreensão Fenomenológica do seriado Dexter e de “Pedrinho Matador”

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial
para graduação no curso de Psicologia sob orientação do
Prof. Dr. Marcos Oreste Colpo.

São Paulo
2015

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Marcos Colpo, pelo compromisso e dedicação sem os quais este trabalho não seria possível. Por estar sempre presente, pelas ideias e reflexões que enriqueceram este trabalho e também a mim.

Ao Prof. Marcelo Sodelli, por me acompanhar nestes cinco anos, pelos inúmeros conhecimentos a mim passados, por me guiar e me orientar em todos estes anos de formação, iluminando o caminho.

À minha família, pela paciência e suporte inabalável. Por possibilitar ser quem sou. Agradeço ao meu pai por sua incrível força e persistência, por me mostrar todos os dias a alegria de viver a vida. Agradeço à minha mãe, por todas as ideias, por ser a melhor guia e mestra que tive a honra de ter ao meu lado, por toda paciência de ler, ouvir, reler todos os trabalhos sem nunca estremecer em seu suporte. Ao meu irmão, por ter a coragem de trilhar os caminhos primeiro e me mostrar como alcançá-los, por expandir meus horizontes e viver a vida de forma tão leve e simples.

À Guilherme Dias, por tornar a minha vida tão completa. Pelas reflexões que iluminam minha vida, por sempre estar lá, pelo apoio sempre presente. Pela grande ajuda neste trabalho, por tentar compreender Heidegger. Por existir ao meu lado.

Aos meus amigos, pelo suporte dado em todos estes anos de formação, por vivenciarem comigo este caminho e torná-lo incrível.

Autora: Caroline Assimakopoulos

Título: Transtorno de Personalidade Antissocial: Uma Análise Fenomenológica do Seriado “Dexter” e de Pedrinho Matador

Ano: 2015

Orientador: Prof. Dr. Marcos Oreste Colpo

RESUMO

O presente trabalho busca ampliar a compreensão do chamado transtorno de personalidade antissocial conhecida no *lato sensu* como psicopatia a luz da fenomenologia existencial de Martin Heidegger (1889- 1976), procurando esclarecer seus possíveis sentidos. Para tanto foram analisadas as vivências do personagem Dexter, protagonista da série de TV americana denominada também de *Dexter*, assim como as vivências retratadas por Pedro Rodrigues Filho, mais conhecido como Pedrinho Matador, o maior assassino em série brasileiro, em uma entrevista concedida pelo mesmo para TV Record. Procurou-se assim, desvelar o sentido da vivência de tal psicopatologia para ambos, personagem e homem, compreendendo seus modos-de-ser ao analisar os estreitamentos existenciais que apresentam. Apesar de encontradas restrições nos existenciais ser-consigo-mesmo e ser-no-mundo, percebeu-se que os existenciais de cuidado (*Sorge*) e ser-com-os-outros parecem ser os mais afetados pela chamada psicopatia, uma vez que o psicopata parece não habitar a morada do *ethos*, não adentrando as regras existentes na *polis* e não partilhando de uma intimidade e preocupação genuína com os outros a sua volta.

Palavras-Chave: Psicopatologia, Transtorno de Personalidade Antissocial, Psicopatia, Fenomenologia, Heidegger, Dexter, Pedrinho Matador.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
CAPÍTULO I: A Psicopatologia na Psiquiatria.....	9
1.1 O Diagnóstico Psicopatológico.....	9
1.2 O Conceito de Normalidade na Psicopatologia Psiquiátrica	12
CAPÍTULO II: Aproximando o Transtorno de Personalidade Antissocial a partir do Horizonte Psiquiátrico	15
CAPÍTULO III: A Compreensão Fenomenológica.....	22
3.1. Fenomenologia e Psicopatologia	24
3.2 Psicopatia ou Transtorno de Personalidade Antissocial e a Compreensão Fenomenológica Existencial.....	29
CAPÍTULO IV: Metodologia	31
4.1 Procedimento:	33
CAPÍTULO V: Sinopse breve do seriado Dexter e biografia de Pedro Filho.....	35
5.1 Sinopse do seriado “Dexter”.....	35
5.1.1 Primeira Temporada	36
5.2 Biografia de Pedro Filho	40
CAPÍTULO VI: Análise.....	43
6.1 O Horizonte de Sentido de Dexter.....	43
6.1.1 Ser-Com-Os-Outros.....	43
6.1.2 Ser-Consigo.....	54
6.1.3 Ser-no-Mundo.....	58
6.1.4 Modo-de-Ser de Dexter	62
6.2 O Horizonte de Sentido de Pedro Filho.....	64
6.2.1 Ser-Com-Os-Outros.....	64
6.2.2 Ser-Consigo-Mesmo	67
6.2.3 Ser-no-Mundo.....	69

6.2.4 Modo-de-Ser de Pedinho Matador.....	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	80
ANEXOS.....	84
Anexo I: Análise dos episódios da primeira temporada de Dexter	84
Anexo II: Análise da Entrevista com Pedro Filho	111
Anexo III: Transcrição da entrevista de Marcelo Rezende com Pedrinho Matador.....	124

INTRODUÇÃO

Um camaleão pode adotar várias dezenas de tonalidades conforme as necessidades de sobrevivência. O propósito é camuflar-se, passar despercebido, confundindo-se com o lugar no qual está. Essa é a outra boa metáfora para o psicopata”. (Garrido, 2005, p. 23).

O transtorno de personalidade antissocial, ou como é chamado no lato sensu psicopatia, tem sido apresentado na mídia e na literatura como traços de caráter malignos que comumente causam aos outros sofrimento, uma vez que tais comportamentos não parecem apresentar condições que contemplam a compaixão, desconsiderando o outro na sua singularidade (alteridade). Historicamente as tentativas de compreensão do tema têm sido realizadas através do estudo psiquiátrico da nosografia, ou seja, da descrição dos comportamentos que constituem esse transtorno, carecendo de uma compreensão dos sentidos (*Sinn = rumo, direção do existir*) que estão na base desse modo de ser.

É neste contexto que a fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger (1889-1976) se insere, buscando ampliar a compreensão desse transtorno, esclarecendo seus possíveis sentidos. Cabe ressaltar que o horizonte daquilo que aqui entende-se por sentido foi explicitado por Heidegger no parágrafo sétimo de *Ser e tempo*, dedicado à compreensão do método de fenomenológico de investigação. Nesse parágrafo o pensador entende que a tarefa fenomenológica procura desvelar o sentido do ser, constituindo-se assim o horizonte de uma fenomenologia hermenêutica ou hermenêutica da facticidade, tema este que será esclarecido no capítulo dedicado ao método de investigação.

A escolha do tema foi realizada em virtude de este possuir um cunho tanto pessoal como acadêmico. Referente ao primeiro deve-se citar o forte interesse da autora pelo assunto que se tornou ainda maior quando, para uma aula de psicologia da PUC-SP necessitou apresentar um trabalho sobre “serial killers” e psicopatas, ampliando seu questionamento sobre indivíduos aprisionados nesta forma de ser. Os relatos lidos para tal matéria descrevem as diversas “maldades” cometidas por pessoas chamadas de antissociais, o que gerou na autora grande curiosidade em compreender este modo-de-ser que parece tanto diferir daquilo que é atualmente considerado como uma conduta moral ou ética. Assim,

questionou-se como seria a vivência destas pessoas consigo mesmas, com os outros e com o mundo que as cercam. Desta maneira, este trabalho se apresentou como uma oportunidade de iniciar um estudo sobre o modo-de-ser psicopata.

A escolha do tema também possui uma justificativa acadêmica na medida em que, ao se pesquisar mais acerca do tema discutido, descobriu-se que não haviam muitos trabalhos sobre o transtorno antissocial realizados à luz da fenomenologia existencial, sendo encontrado apenas o artigo: “Dialética da Psicopatia” de autoria de Castellana (2012), um psiquiatra fenomenólogo. É necessário, portanto, ampliar as discussões realizadas sobre o assunto com o referencial aqui utilizado.

Este trabalho tem como objetivo, desvelar o sentido dos comportamentos vivido pelo personagem Dexter Morgan (Michael C. Hall) um assassino em série que trabalha como analista forense especializado em dispersão de sangue do departamento de polícia do Condado de Miami. Esta série de TV Americana denominada *Dexter* teve início em 01/10/2006 e teve seu último capítulo em 23/09/2013. Serão utilizadas para a análise a primeira temporada deste seriado assim como as entrevistas concedidas por ‘Pedrinho o matador’ o maior assassino em série brasileiro que cometeu mais de cem homicídios, todos homens, sendo considerado o *Dexter* brasileiro.

Essa análise, ou melhor, essa hermenêutica exploratória poderá oferecer pistas significativas sobre o sentido dessa condição patológica. Sentido aqui, não deve ser entendido como referência à noção de essência, observada pela fenomenologia eidética de Husserl entre outros autores, o termo sentido está sendo considerado como caráter polissêmico da noção de sentido, assim sendo o sentido desvelado refere-se às condições singulares de cada existência, ou seja, ao horizonte fático de cada biografia e a liberdade de escolha, de poder ser que orienta cada existência.

Para facilitar a discussão do tema a presente pesquisa foi dividida em seis capítulos. O primeiro capítulo demonstra como a psicopatologia é compreendida na psiquiátrica, enquanto o segundo capítulo trata-se de uma revisão bibliográfica em que se discorre sobre a psicopatia sob o horizonte psiquiátrico, esclarecendo o histórico do transtorno e como este vem sendo compreendido por diferentes profissionais da saúde. Em seguida descreve-se como o método

fenomenológico entende as psicopatologias a partir das ideias de Martin Heidegger e seu discípulo Medard Boss. O quarto capítulo, por sua vez, apresenta a metodologia, esclarecendo o referencial teórico utilizado e o procedimento da análise. Posteriormente, foi feita uma breve sinopse do seriado “Dexter” e da biografia de Pedro Filho, relatando, também, o que já foi escrito sobre ambos. No sexto capítulo encontra-se a análise do seriado e da entrevista, e no sétimo, por fim, as considerações finais.

CAPÍTULO I: A Psicopatologia na Psiquiatria

A palavra “psicopatologia” é originada da língua grega, *ψυχή* (*psico*) significa alma, *πάθος* (*pato*) significa paixão, sofrimento ou doença e “logia” deriva do sufixo *λογία* significando estudo. Assim, psico-pato-logia significa o estudo do adoecimento da alma. Deste modo o objeto de estudo da psiquiatria é justamente o sofrimento ou adoecimento da alma ou mente humana.

Segundo Dalgarrondo (2008) o estudo psiquiátrico deve ser sistemático, elucidativo e desmistificante uma vez que por se caracterizar como um conhecimento científico este não deve incluir critérios de valor e nem aceitar qualquer tipo de dogma. Ainda de acordo com o mesmo autor a psicopatologia recebe influências de outras áreas de conhecimento como a neurologia, psicologia e filosofia, mas é, no entanto, “uma ciência autônoma, e não um prolongamento da neurologia ou da psicologia” (Dalgarrondo, 2008, p. 28).

1.1 O Diagnóstico Psicopatológico

O processo diagnóstico na psiquiatria segue, conforme Dalgarrondo, os princípios gerais da medicina, no entanto este possui especificidades que devem ser mencionadas. Em primeiro lugar o diagnóstico psiquiátrico deve ser baseado em dados clínicos, como dosagens laboratoriais, exames de neuroimagem e testes psicológicos. O diagnóstico também deve ser pautado nos sinais e sintomas do paciente assim como a história contada por este na entrevista. Deste modo deve-se ter duas linhas concomitantes de raciocínio clínico, sendo a primeira diagnóstica, em que procurasse descrever cuidadosamente a evolução atual dos sintomas que o paciente apresenta, e outra linha etiológica, cujo objetivo é formular uma hipótese plausível sobre os possíveis fatores etiológicos a partir das informações biológicas, psicológicas e sociais do paciente.

No diagnóstico psicopatológico deve-se também levar em consideração que os sinais ou sintomas psicopatológicos não são exclusivos a um transtorno mental. Assim, o diagnóstico deve ser baseado na totalidade de dados clínicos tanto momentâneos como evolutivos coletados pelo psiquiatra. O diagnóstico psicopatológico é, em diversos casos, apenas possível através da observação do curso da doença, este deve também ser pluridimensional e, por último, o

diagnóstico deve conter confiabilidade e validade, assim este procedimento deve poder reproduzir, em diferentes circunstâncias, o mesmo diagnóstico para todos os pacientes de um mesmo grupo diagnóstico. (Dalgarrondo, 2008).

Em relação a observação psicopatológica na psiquiatria Dalgarrondo afirma: “(...) a observação articula-se dialeticamente com a ordenação dos fenômenos. Isso significa que, para observar também é preciso produzir, definir, classificar, interpretar e ordenar o observado (...)” (p. 29).

A análise dos sintomas na psiquiatria segue a observação psicopatológica descrita à cima, observando os sintomas sob dois diferentes enfoques: sua forma e conteúdo. Na primeira é observada a estrutura básica que segundo o mesmo autor, se mantém semelhantes entre os pacientes. O conteúdo, por sua vez, se caracteriza por ser pessoal, sendo dependente da história de vida, personalidade e cultura do indivíduo e é definido como “aquilo que preenche a alteração estrutural” (op. cit.).

Segundo o livro “Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais” de Dalgarrondo, os conteúdos dos sintomas se relacionam com os “temas centrais da existência humana” (op. cit. p. 29) que segundo o autor podem ser divididos em cinco categorias de acordo com os desejos do sujeito ou com a forma com que lida seus temores, como pode ser observado no quadro abaixo:

Existencial	Desejo
Sexo, alimentação e conforto físico.	Sobrevivência e Prazer
Dinheiro, poder e prestígio.	Segurança e controle sobre o outro
Morte	Religião/ mundo místico
Temores centrais do ser humano	Formas comuns de lidar com tais temores
Ter uma doença grave, sofrer de dor física ou moral e miséria	Vias mágicas/ medicina/ psicopatologia, ect.
Falta de sentido existencial.	Relações pessoais significantes/ cultura

Na psicopatologia psiquiátrica a avaliação do paciente é realizada, principalmente, através da entrevista com o paciente. Esta entrevista juntamente com a observação meticulosa do paciente se torna o principal instrumento da

psicopatologia. A entrevista psicopatológica permite a realização tanto da anamnese quanto do exame psíquico ou exame do estado mental atual.

O exame psíquico consiste na análise de cinco funções, cada uma contendo “subfunções” que, por sua vez, podem ter alterações qualitativas e quantitativas. A primeira função é a função de integração, da qual participam as subfunções de consciência e atenção.

A consciência na psiquiatria se baseia tanto numa perspectiva neuropsicológica quanto psicológica. Para a primeira a consciência é um termo que possui: “(...) um sentido de estado vígil, o que, de certa maneira iguala a consciência ao grau do sensório (...). Trata-se especificamente do nível de consciência”. (Dalgalarondo, 2008, p. 88). Já, para o autor citado, a psicologia entende a consciência como uma “(...) dimensão subjetiva da atividade psíquica do sujeito que se volta para a realidade (...), a consciência é a capacidade de o indivíduo entrar em contato com a realidade, perceber e conhecer os objetos”. (op. cit.). A atenção, por sua vez, segundo o autor citado anteriormente, pode definida como a direção da consciência, é esta que permite a capacidade de selecionar, filtrar e organizar as informações em unidades controláveis e significativas.

Posteriormente são analisadas as funções cognitivas que incluem a orientação, a memória, o juízo, a crítica, o pensamento e a inteligência. A orientação é a capacidade do indivíduo de se localizar no tempo, no espaço e em relação a si mesmo, sendo que as duas primeiras se configuram como orientações alopsíquicas, ou seja, são direcionadas ao meio, enquanto a última caracteriza-se por ser uma orientação autopsíquica. Já a memória pode ser definida como a capacidade de registrar, fixar e reproduzir os vestígios de algo que foi vivenciado, enquanto o juízo é compreendido como a capacidade de atribuir valor a determinado objeto ou situação. Por crítica entende-se capacidade do paciente de entender sua condição e de ter insight sobre seu estado. Pensamento é entendido como a associação de ideias com uma finalidade, possuindo uma tonalidade afetiva e sendo constituído de um curso, de uma forma e de um conteúdo. Já a inteligência é a capacidade do indivíduo de analisar e sintetizar informações.

Em seguida são analisadas a afetividade, o humor, a conação e a impulsividade, compondo as funções afetivo-conativas. O humor é o estado

disposicional da afetividade, este possui dois polos, o depressivo e o eufórico, enquanto a conação é a atividade psíquica direcionada para a ação, é a vontade de realizar algo. A impulsividade depende de filtros pessoais e culturais e move a conação e, de acordo com Dalgarrondo (2008): “Os impulsos patológicos são tipos de atos impulsivos, nos quais predominam as ações psicomotoras automáticas, sem reflexão, ponderação ou decisões prévias, de tipo instantâneo e explosivo” (op. cit. p. 178).

Por fim no exame psíquico são analisadas as funções de aferência e eferência, sendo que a primeira pode ser entendida como a capacidade do indivíduo de incorporar informações do meio externo para o meio psíquico e a segunda como a capacidade do indivíduo de projetar suas informações psíquicas no meio externo, sendo capaz de planejar movimentos condizentes com o ambiente a sua volta.

1.2 O Conceito de Normalidade na Psicopatologia Psiquiátrica

Segundo Dalgarrondo (2008) a psicopatologia tem como uma de suas principais características a multiplicidade de abordagens e referenciais teóricos nela utilizados. Inserido neste contexto de variabilidade, o conceito de normalidade e anormalidade na psicopatologia é bastante variado, dependendo, prioritariamente, da filosofia e abordagem teórica do profissional. De acordo com o autor supracitado, são nove os principais conceitos de normalidade dentro da psicopatologia:

1. Normalidade como ausência de doença: normal seria o sujeito que não é portador de nenhum transtorno mental.
2. Normalidade ideal: normalidade é entendida como adequação a uma normal ideal criada socialmente, dependendo, assim de critérios socioculturais e ideológicos de determinada sociedade.
3. Normalidade estatística: conceito de normalidade inserido em um contexto quantitativo, em que o normal é aquilo que se encontra com mais frequência dentro na população. Os indivíduos que se encontram fora da curva de normalidade são considerados doentes.

4. Normalidade como bem-estar: neste conceito a saúde é entendido como o completo bem-estar físico, mental e social.
5. Normalidade funcional: é considerado patológico um fenômeno que é considerado disfuncional e que, portanto, causa sofrimento para o próprio indivíduo ou para o grupo social no qual convive.
6. Normalidade como processo: consideram-se, neste caso, os aspectos dinâmicos do desenvolvimento.
7. Normalidade subjetiva: o conceito de saúde baseia-se na percepção subjetiva do próprio sujeito de seu estado de saúde. Segundo Dalgarrondo (2008) este conceito é falho, pois muitas vezes o sujeito se sente bem, como nos episódios de mania, apesar de possuírem, de acordo o mesmo autor, um transtorno mental grave.
8. Normalidade como liberdade: a doença mental é vista como perda da liberdade existencial, sendo esta uma compreensão fenomenológica do fenômeno psicopatológico e que será discutido em maior profundidade no capítulo três.
9. Normalidade operacional: assume-se a priori o que é normal e o que é patológico, trabalhando-se operacionalmente com tais definições, aceitando as consequências acarretadas por estas.

Diversas críticas foram realizadas a todos os nove conceitos de normalidade existentes na psicopatologia, existindo, assim, forte discrepância naquilo que é entendido como patológico. Os dois maiores manuais de psicopatologia, a CID e o DSM, também receberam críticas ao longo dos anos.

A Classificação Internacional de Doenças, a CID- 10, procura padronizar a codificação de doenças e outros problemas relacionados à saúde, sendo também utilizada no diagnóstico de transtornos mentais. A CID-10 é publicada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) que define saúde como “o completo estado de bem-estar físico, mental e social, e não simplesmente a ausência de enfermidade”. Muitas foram as críticas feitas a este conceito de saúde, Dalgarrondo (2008) afirma: “(...) é um conceito criticável por ser muito vasto e impreciso, pois bem-estar é algo difícil de se definir objetivamente. Além disso,

esse completo bem-estar físico, mental e social é tão utópico que poucas pessoas se encaixariam na categoria 'saudáveis'" (p. 33).

Segre e Ferraz discutem também o conceito da OMS de saúde, entendendo que:

(...) a "perfeição" (na tradução utilizada por esses autores o 'completo bem-estar físico' é entendido como 'perfeito bem-estar físico') não é definível. Se se trabalhar com um referencial "objetivista", isto é, com uma avaliação do grau de perfeição, bem-estar ou felicidade de um sujeito externa a ele próprio, estar-se-á automaticamente elevando os termos perfeição, bem-estar ou felicidade a categorias que existem por si mesmas e não estão sujeitas a uma descrição dentro de um contexto que lhes empreste sentido, a partir da linguagem e da experiência íntima do sujeito. (1997, p. 3)

O DSM, o manual de transtornos mentais utilizado mundialmente no diagnóstico psiquiátrico, compreende, por sua vez, os transtornos mentais como:

Neste (DSM- IV), cada um dos transtornos mentais é conceitualizado como uma síndrome ou padrão comportamental ou psicológico clinicamente importante, que ocorre em um indivíduo e que está associado com sofrimento (...) ou incapacitação (...) ou com risco significativamente aumentado de sofrimento atual, morte, dor, deficiência ou uma perda importante da liberdade. (...). Qualquer que seja a causa original, ela deve ser considerada no momento como uma manifestação de uma disfunção comportamental, psicológica ou biológica do indivíduo. (Associação Americana de Psiquiatria, 1994, p. XXI).

Desde modo, o DSM IV utiliza, mais amplamente, o quinto conceito de normalidade descrito por Dalgarrondo, compreendendo a patologia como uma disfunção que causa ao indivíduo, ou aos outros com quais convive, sofrimento ou dor. Apesar de mencionar a perda da liberdade como parte de seu conceito de normalidade, tal perda de liberdade no DSM não pode ser entendida aqui da mesma forma que a fenomenologia de Heidegger a compreende, uma vez que para o manual, a perda de liberdade faz referência a perda de autonomia do sujeito, enquanto que para a fenomenologia tal perda seria uma perda de liberdade existencial que restringe as possibilidades de ser do Dasein, questão será discutida em maior profundidade no capítulo três deste trabalho.

CAPÍTULO II: Aproximando o Transtorno de Personalidade Antissocial a partir do Horizonte Psiquiátrico

As primeiras diretrizes realizadas acerca do transtorno antissocial datam de 1835 com Prichard sobre a insanidade moral: “Estes indivíduos apresentam-se poucos decentes, careciam de sentimentos e de capacidade de autodomínio e do sentido ético-elementar” (Serafim, p. 66).

Foi Kock, no entanto, que em 1891 utilizou pela primeira vez o termo “psicopatia”, descrevendo os indivíduos portadores do transtorno como possuidores de uma anomalia do caráter cuja origem é quase sempre congênita. Em estudos posteriores datados de 1923, Schneider afirma que psicopatas são: “personalidades anormais que sofrem ou fazem sofrer a sociedade (...) cujo caráter anormal os coloca, em todas as circunstâncias, em conflitos externos e internos” (Serafim, p.67).

Harvey Cleckley (1988), por outro lado, em seu livro “Mask of Sanity”, analisa o transtorno à luz da psiquiatria forense, dizendo que a questão central da psicopatia é uma deficiência afetiva, pois, apesar de seus desvios emocionais internos serem comparáveis com a de uma esquizofrenia mascarada, exteriormente o psicopata não demonstra nada.

Robert Hare, psicólogo renomado e de referência no assunto de transtorno antissocial, continua o trabalho de Cleckley, afirmando em seu livro “Without Conscience” (1999) que os psicopatas, segundo normas legais e psiquiátricas aceitas, não são loucos. Seus atos não são resultado de uma mente danificada, mas sim de uma racionalização fria e calculante combinada com uma incapacidade de tratar os outros como seres humanos pensantes e sentimentais.

Cleckley e Hare também analisaram como as emoções aparecem no discurso dos “psicopatas”. De acordo com o primeiro estas pessoas utilizam as palavras sem realmente entender seu significado, pois há uma falha de integração entre as palavras e as emoções que estas denotam. Por isto estes parecem ter pouca ou nenhuma capacidade de sentir o significado da situação na qual estão inseridos, não conseguem experienciar as emoções reais de arrependimento ou vergonha e não percebem que não as possuem. Suas declarações inteligentes não são pouco mais do que um reflexo verbal, até mesmo suas expressões faciais não possuem conteúdo emocional. Não se trata

de uma compreensão, mas sim de uma mímica excelente desta. Deste modo, nenhuma intenção sincera pode derivar de suas conclusões, porque não existe nenhuma convicção afetiva que pode motivá-las.

Seguindo o pensamento de Cleckley, Hare (1999) afirma que psicopatas parecem sofrer de um empobrecimento emocional que limita o alcance e profundidade de seus sentimentos. Enquanto, às vezes, parecem ser frios e sem sentimentos, por outro lado eles possuem uma inclinação em demonstrar emoções dramáticas, superficiais e rápidas. Segundo o mesmo autor os psicopatas as vezes afirmam sentir fortes emoções, mas carecem da capacidade de descrever as sutilezas dos vários estados afetivos, igualando, por exemplo, amor à excitação sexual, tristeza à frustração e raiva à irritabilidade.

Robert Hare baseia sua teoria acerca da psicopatia na afirmação de que esta não se desenvolve somente no âmbito de traços da personalidade, mas deve ser compreendida na diferenciação de tipos de constelação: a área emocional/ interpessoal e estilo de vida. No que tange a área emocional/ interpessoal os aspectos do distúrbio característicos são:

- Eloquência e encanto superficial
- Egocentrismo e grandioso sentido de própria valia
- Falta de remorso ou de sentimento de culpa
- Falta de empatia
- Talento para mentiras e manipulações
- Emoções superficiais

Já em relação ao estilo de vida revelam-se os aspectos:

- Impulsividade
- Controle deficiente de comportamento
- Necessidade de excitação continuada
- Falta de responsabilidade
- Problemas precoces de comportamento
- Comportamento antissocial adulto

Com base nos aspectos acima, Hare desenvolveu a escala PCL-R, instrumento que serve como escala de pontuação do grau de psicopatia.

Segundo Duarte (2003), este instrumento consiste em uma lista de características comuns ao transtorno antissocial, sendo que o sujeito recebe uma pontuação de 0 a 2 de acordo com o nível de presença da característica em questão. Desde modo, caso o indivíduo apresente integralmente o atributo descrito na lista, recebe dois pontos, se há presença de apenas alguns elementos do item, o sujeito recebe um ponto e, frente a ausência da característica, é pontuado zero pontos. Ao final, tem-se uma escala que varia de 0 a 40 pontos, demonstrando se há a presença ou não de psicopatia e qual seu grau do transtorno presente no indivíduo.

De acordo com Morana (2003) o ponto de corte exato para o diagnóstico de psicopatia sofre variações segundo características culturais. Nos EUA e no Canadá, o ponto de corte é usado, tradicionalmente, como 30 para definir psicopatia, enquanto pontuações de 15-29 explicitam a existência de alguns traços de psicopatia. Na Europa e, particularmente na Escócia, os autores usam o ponto de corte de 25 para definir psicopatia. Para Hare o ponto de corte deve ser definido em 30 segundo a porcentagem acumulada de casos confirmados de psicopatia.

Em seu livro “o psicopata: um camaleão na sociedade atual”, Garrido descreve os experimentos realizados por Lykken em 1995 com pessoas “não-psicopatas” e “psicopatas”. Na experiência as pessoas tinham seus dedos ligados a dois eletrodos e escutavam, primeiramente, um som neutro que era imediatamente seguido por uma descarga elétrica. Tal sequência se repetia diversas vezes, até que o som, anteriormente neutro, passa a ser um estímulo ansiógeno. A ansiedade sentida pelos participantes não-psicopatas fazia com que as descargas elétricas medidas pelos eletrodos se alterassem. Por sua vez, os participantes com transtorno de personalidade antissocial possuíam menor condutividade elétrica em sua pele, indicando que são muito menos sensíveis ao medo de receber um estímulo desagradável ou um castigo. Segundo Garrido, isto pode ter marcantes consequências práticas, uma vez que sentenças de prisão, por exemplo, teriam pouca probabilidade em alterar o comportamento futuro de um psicopata.

Muitos experimentos similares realizados por outros pesquisadores são descritos no livro supracitado de Garrido. Todos demonstram alguma especificidade do comportamento intitulado psicopático. Algumas de suas

conclusões foram: pessoas com personalidade antissocial aplicam o mesmo valor emocional à imagens e palavras com teor considerados neutros e imagens e palavras consideradas negativas. Assim, eles compreendem o sentido da palavra, mas se sentem afetados por sua conotação emocional.

Apesar dos diversos estudos e experimentos realizados com o tema ainda não se sabe ao certo a causa do transtorno. Pensa-se que existem possíveis fatores biológicos e sociais, no entanto, até hoje, estes parecem ser plausíveis apenas em casos concretos, servindo apenas como sugestões ou hipóteses para explicação de uma teoria geral (Garrido, 2005).

Em seu livro “Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais”, Dalgalarrondo cita que segundo a classificação dos transtornos mentais da OMS, a CID-10, os transtornos da personalidade são definidos através das seguintes características:

- “Geralmente surgem na infância ou adolescência e tendem a permanecer relativamente estáveis ao longo da vida do indivíduo (...).”
- “Manifestam um conjunto de comportamentos e reações afetivas claramente desarmônicos, envolvendo vários aspectos da vida do indivíduo, como afetividade, o controle de impulsos, o modo e o estilo de relacionamento interpessoais, ect.”
- “O padrão anormal de comportamento e de respostas afetivas e volitivas é permanente, de longa duração e não limitado ao episódio de doença mental associada (...).”
- “O padrão anormal de comportamento inclui muitos aspectos do psiquismo e da vida social do indivíduo, não sendo restrito a apenas um tipo de reação ou uma área do psiquismo”.
- “O padrão comportamental é mal adaptativo, produz uma série de dificuldades para o indivíduo e/ ou para as pessoas que com ele convivem”.
- “São condições não relacionadas diretamente à lesão cerebral evidente ou a outro transtorno psiquiátrico (...).”

- “O transtorno de personalidade leva a algum grau de sofrimento (...); entretanto, tal sofrimento pode se tornar aparente para o indivíduo apenas tardiamente em sua vida”.
- “Em geral, o transtorno de personalidade contribui para o mau desempenho ocupacional (...) e social (...). Entretanto, tal desempenho precário não é condição obrigatória”. (Dalgalarondo, 2008, p.268 e 269).

Os transtornos de personalidade, segundo a CID-10 e o DSM-V, “podem ser agrupados em três grandes subgrupos, que são: A- esquisitos e/ou desconfiados; B- instáveis e/ou manipuladores; C- ansiosos e/ou controlados-controladores” (Dalgalarondo, 2008, p. 269). O transtorno de personalidade antissocial encontra-se, juntamente com o transtorno de personalidade borderline e histriônico, no segundo subgrupo. Ainda de acordo Dalgalarondo:

Os sociopatas são indivíduos que, embora reconhecidos por todos, têm um status nosotáxico em psicopatologia polêmico, sempre discutível. É uma variação da normalidade ou uma doença, um modo de ser ou uma categoria médica? São perguntas ainda em aberto. (Dalgalarondo, 2008, p. 271).

O mesmo autor descreve os psicopatas como sujeitos que “(...) não tem consideração ou compaixão pelas outras pessoas, mentem, enganam, trapaceiam, prejudicam os outros, mesmo a quem nunca lhes fez nada (...)” (Dalgalarondo, 2008, p. 271).

Segundo o DSM V (Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais) o critério diagnóstico do transtorno de personalidade antissocial é realizado através da análise dos seguintes itens:

- A) Padrão invasivo de desrespeito e violação dos direitos dos outros, ocorrendo desde os 15 anos de idade, como indicado por três (ou mais) dos seguintes itens:
 - 1) Incapacidade de se conformar às normas sociais com respeito a comportamentos dentro dos parâmetros legais, indicados por atos repetidos que constituem motivo de detenção.

- 2) Desrespeito aos desejos, direitos ou sentimentos alheios. Comportamento enganoso ou manipulativo, a fim de obter vantagens pessoais ou prazer, indicado por mentiras repetitivas, uso de nomes falsos, ludibriar ou mentir.
 - 3) Impulsividade ou incapacidade de planejamentos futuros.
 - 4) Irritabilidade ou agressividade, indicado pela realização repetitiva de lutas corporais ou atos de agressão física.
 - 5) Desprezo imprudente pela segurança própria ou de outros.
 - 6) Constante irresponsabilidade, indicado por uma repetitiva incapacidade de manter um comportamento laboral consistente ou de honrar obrigações financeiras.
 - 7) Falta de remorso, indicado por indiferença à ou racionalização de ferimentos, maus-tratos e roubo.
- B) O indivíduo deve ser maior de 18 anos.
- C) Evidência de transtorno de conduta antes dos 15 anos.
- D) O comportamento antissocial não deve ocorrer exclusivamente durante um episódio de esquizofrenia ou de um episódio de transtorno de bipolaridade. (Associação Americana de Psiquiatria, 2013, p. 659, tradução nossa).

Em resumo, a literatura descreve o que ela própria denomina como psicopata, indivíduos sem empatia, extremamente manipuladores, impulsivos, talentosos para mentir e dissimular, além de não possuírem sentimentos de culpa e remorso. Diz-se, ainda, que estas características permitem às pessoas com transtorno antissocial a participarem da sociedade de forma a esconder sua verdadeira identidade e traços de caráter, tornando-se indivíduos “funcionais” na sociedade que participam desta ativamente.

Sem dúvida alguma o papel de líder ou de executivo é muito atraente para o psicopata. Além de um bom salário, esses cargos proporcionam muito poder e permitem uma ampla margem de ação. A capacidade de um líder fazer os funcionários trabalharem é mais importante que sua habilidade técnica em enfrentar uma tarefa particular, E se há uma coisa de que é capaz o psicopata, por certo é induzir as pessoas a fazer o que ele quer (...) (Garrido, 2005, p.108).

Assim, os diferentes posicionamentos aqui salientados testemunham pontos significativos de convergência, principalmente em relação àqueles que concernem as relações com os outros, ou seja, desconsideração, ausência de compaixão (culpabilidade), entre outras características que restringem o âmbito as relações éticas entre as pessoas, sob o ponto de vista fenomenológico, poder-se-ia considerar muitos desses aspectos descritivos, nosográficos desse transtorno, mas permanece obscuro a explicitação dos sentidos (*Sinn = rumo, direção do existir*) desses comportamentos.

As contribuições de Martin Heidegger (1889-1976) desenvolvidas na sua ontologia a fundamental publicada em 1927 – *Ser e tempo*, podem contribuir significativamente para esse acesso, sendo que deve-se observar a singularidade de cada pessoa exposta a esta hermenêutica (ofício de interpretar), como observou Heidegger na sua ontologia utilizando-se da expressão: “em cada caso”. Nesse sentido os âmbitos dos sentidos devem ser desvelados considerando a biografia de cada pessoa e seu ‘horizonte do projeto’.

CAPÍTULO III: A Compreensão Fenomenológica

O referencial teórico escolhido para a realização deste trabalho foi a fenomenologia existencial pautada na ontologia *Ser e Tempo* (1927) de Martin Heidegger, assim é importante elucidar como é realizada uma observação fenomenológica, procurando-se explicar também porque foi escolhido este referencial teórico.

A fenomenologia é um método de investigação, um modo de conhecer um determinado fenômeno, neste sentido a fenomenologia não é uma teoria psicológica ou uma teoria filosófica, ela não articula uma compreensão prévia a respeito do transtorno de personalidade antissocial ou a respeito de qualquer outro transtorno, como método de investigação sustentado pelas contribuições de Edmund Husserl ou da fenomenologia hermenêutica explicitada por Martin Heidegger (1889-1976) no parágrafo sétimo de *Ser e tempo* (1927). A fenomenologia busca conhecer o fenômeno tendo por horizonte a pessoa que vive uma dada condição existencial, ou seja, o âmbito de sua facticidade (dos acontecimentos e das suas não escolhas) e o âmbito da sua liberdade (seu poder de escolher/decidir).

Assim, a fenomenologia compreende um novo significado de mundo e de como ocorre a vivência humana, buscando o sentido dos entes através da observação dos fenômenos, desta forma: “A fenomenologia é o estudo ou a ciência do fenômeno, sendo que por fenômeno, em seu sentido mais genérico, entende-se tudo o que parece, que se manifesta ou se revela por si mesmo” (Moreira, 2002, p. 63).

A observação fenomenológica é, portanto, “(...) um método de investigação da história do conhecimento, que propõe a volta às coisas mesmas, a partir da descrição e da interrogação do fenômeno, isto é, do que é dado imediatamente” (Rothschild; Calazans, 1992, p. 142).

O método fenomenológico existencial foi escolhido, pois este permite acesso às vivências do Dasein de forma única e também porque possibilita a compreensão acerca das significações deste sobre de seu modo de ser. Deste modo, pode-se dizer que a fenomenologia não se preocupa em definir o homem, chegando a uma teoria geral a qual devem se adequar todos os indivíduos, mas procura compreender de o homem em sua individualidade, não perdendo de

vista que cada homem é único e que este está lançado no mundo de um modo único, vivenciando-o de forma única.

Neste contexto de elucidação da escolha do referencial teórico, é importante ressaltar ainda que a pesquisa fenomenológica busca desvelar os significados do sujeito na situação estudada, assim o fenômeno pesquisado deve sempre ser situado segundo o sujeito que o está vivenciando.

A diferença fundamental do método fenomenológico existencial está na sua compreensão de homem e de suas relações com o mundo, e conseqüentemente sua relação com si mesmo e com os outros. Sobre o mundo Heidegger compreende que o homem é um “ser-aí”, um Dasein que está sempre no mundo, sempre aberto às possibilidades de diferentes vivências:

Como estrutura fundamental do ser-aí, ‘ser-no-mundo’ é o próprio ‘Da’ do Dasein (ser-aí). E este ‘Da’ é, propriamente, seu estado de ‘aberto ser’. (...) O ente homem, ‘aí’ no ‘mundo’ de sua constituição fundamental de ser-no-mundo, compreende-se como estar lançado em possibilidades de poder-ser. (...) ‘Mundo’ é o projetar-se em possibilidades e é a manifestação do ser, em seu ‘aí’ (Trinca, 2002, p. 35 e 36).

A expressão Dasein, então, desconstrói a separação entre sujeito e objeto, entre homem e seu mundo, uma vez que o homem não está no mundo, como algo que se encontra sobre uma coisa, mas sim é um com seu mundo, no sentido de que o mundo é “o horizonte (não fisicamente delimitado) onde se desdobram as possibilidades do homem”. (Cardinalli, 2012, p.56).

Deste modo, Heidegger compreende homem como *Dasein* (ser-aí). Esta expressão alemã coloca o ente homem e ser em uma unidade de correspondência indissociável. É esta unidade de correspondência com o SER que o torna o Dasein um ente único, pois apenas ele pode se perguntar o que é o SER e indagar-se sobre seu sentido. Assim, a fenomenologia desconstrói a prévia concepção de homem, olhando-o para além da compreensão deste como *animal racional*, ou como um sujeito representacional descrito por Descartes, entre tantas outras definições consideradas na história da filosofia. O Dasein é um aberto ao ser, ou seja, é a ele que o ser se dá, se apresenta.

A significância da relação entre os Dasein também é um aspecto fundamentado pelo modo como estes são no mundo, pois “se autocompreendem

no cotidiano por meio de sua descrição fenomênica de estar junto a... e de existir com os outros” (Trinca, 2002, p. 38). Assim:

O Dasein deve ser visto sempre como ser-no-mundo, como ocupar-se com coisas e cuidar dos outros, como ser-com as pessoas que vêm de encontro, nunca como um sujeito existente para si. Além disso, o Dasein deve ser visto sempre como um estar dentro da clareira, como estada junto ao que vem de encontro nela. (Heidegger apud. Cardinalli, 2012, p. 57).

3.1. Fenomenologia e Psicopatologia

A fenomenologia, no contexto psiquiátrico, não possui pretensão de explicar a experiência psiquiátrica no sentido de encontrar uma explicação causal para a patologia vivida, mas procura desvelar e clarificar sua vivência e significado junto daquele que vive a experiência patológica. Não se pretende buscar novos fatos sobre a patologia, mas sim experiências novas sobre aquilo que já é desde de sempre estudado (Tattossian, 2006).

Segundo Castellana (2012), no método fenomenológico o encontro entre paciente e médico é único, sendo estabelecido de acordo com a compreensão de cada *Dasein* presente na relação e nos significados que tal encontro permite a ambos. Assim, a investigação da experiência psiquiátrica deve concentrar-se no “estudo do encontro”, buscando não o insight sobre a consciência do sujeito, mas sim baseando-se nos fenômenos presentes na relação com a pessoa que experiência determinada patologia.

A aplicação fenomenológica na psiquiatria se inicia com o filósofo e psiquiatra alemão Karl Jaspers (1883- 1969), Jaspers baseia sua prática no pensamento de Husserl, compreendendo a fenomenologia como um modo de “(...) captar a vivência do paciente psiquicamente doente, isto é, aquilo que é vivido diretamente pelo paciente, quando descrever de maneira viva os estados psíquicos que os pacientes vivenciam (...)” (Cardinalli, 2002, p. 74).

A fenomenologia de Jaspers, ao procurar descrever os estados psíquicos dos pacientes, se caracteriza como uma fenomenologia descritiva, ao mesmo tempo o filósofo afirma que seu trabalho não é estritamente fenomenológico por ser também uma psicologia compreensiva. “Quando Jaspers diz que sua Psicopatologia é também uma Psicologia Compreensiva, ele pretende ir além da

mera descrição fenomenológica da vivência dos pacientes, visando a esclarecer o que ele denomina de conexões do psiquismo” (ap. cit., p. 75).

Jaspers, ao explicar as conexões do psiquismo, compreende que há dois tipos de causalidades, a explicação causal de fora e a explicação causal de dentro. A primeira “(...) visa identificar e explicar objetivamente a regularidade dos fatos. A segunda (...) é denominada compreensão genética e pretende esclarecer como um evento psíquico é seguido por outro” (Cardinalli, 2002, p. 75). Em relação às duas causalidades, Jaspers diz que os fenômenos humanos podem ser esclarecidos através da explicação causal de fora, mas são melhor compreendidos através da compreensão genética, ou seja, pela explicação causal de dentro.

Seguindo o pensamento de Jaspers, Minkoeski e Von Gebattel, desenvolvem a denominada *Fenomenologia genética-estrutural*. Nesta, consideram importante compreender não somente as descrições das vivências do paciente, mas também as conexões e inter-conexões destas vivências em cada patologia, através da identificação da estrutura que organiza essas vivências perturbadas dos pacientes.

Ludwig Binswanger propôs em 1941 a *daseinsanalyse psiquiátrica* como oposição a psiquiatria tradicional da época, uma vez que recriminava esta por ter arbitrariamente considerado conceitos de diversas disciplinas científicas, afirmando que o “pensamento das ciências naturais era insuficiente para estudar o comportamento humano” (Boss, 1976, p. 24).

Em seus primeiros trabalhos, influenciados por Husserl, Binswanger procura compreender as “vivências patológicas do paciente, relativas aos estados da consciência” (Cardinalli, 2002, p. 79) Posteriormente o psicólogo passar a ser influenciado pelo pensamento heideggeriano, deslocando o foco de sua análise para a “explicitação da existência, ou, mais especificamente, para o projeto de mundo do paciente” (op. cit).

Assim, Binswanger compreendia as experiências patológicas dos pacientes através dos existenciais ontológicos heideggeriano, no entanto, o psicólogo achou necessário complementar o existencial denominado por Heidegger como *cuidado*, afirmando ser necessário considerar amor como um existencial. O próprio Heidegger em diversos momentos nos Seminários de

Zollikon critica tal complementação explicando que Binswanger cometeu “um mal-entendido na analítica do Dasein” (Heidegger, 2009, p. 154), uma vez que:

o mal-entendimento de Binswanger não consiste em que ele quer complementar o cuidado com o amor, mas sim no fato de que não vê que o cuidado tem um sentido existencial, isto é, ontológico, que a analítica do Dasein pergunta pela sua constituição fundamental ontológica (existencial) e não quer simplesmente descrever fenômenos ônticos do Dasein. (op. cit).

Binswanger demonstra, portanto, não compreender as características ontológicas do Dasein, confundindo-as com os entes ônticos: “Binswanger revela total desentendimento do meu pensamento (...) ele afirma simplesmente que interpreta erroneamente o existencial fundamental chamado cuidado (...) como Binswanger, se confunde a visão do ontológico com coisas ônticas” (Heidegger, 2009, p. 267).

Medard Boss (1903-1990), psiquiatra e *daseinsanalista* suíço, incitado pelo trabalho de Binswanger, voltou-se para o pensamento de Heidegger, no entanto, Boss possui uma motivação diferente, enquanto Binswanger possui um interesse puramente científico, foram preocupações terapêuticas que iniciaram Boss no pensamento heideggeriano. (Boss; Condrau, 1976, p. 26).

Tendo em vista que este trabalho foi pautado no pensamento de Martin Heidegger, principalmente referentes à sua ontologia *Ser e Tempo* (1927) e devido a proximidade do pensamento de Boss com o filósofo, foram escolhidas também suas contribuições referentes à aplicação da fenomenologia na psicopatologia. Inicialmente atentou-se ao livro *Daseinsanalyse e esquizofrenia* (2004) de Ida Elizabeth Cardinalli, nesta obra, a patologia é discutida a partir das contribuições oferecidas por Heidegger, também foram utilizados *Os seminários de Zollikon*, assim como textos de autoria de Boss.

O pensamento de Medard Boss, afinado com o entendimento da ontologia de Heidegger, entende que somente pode-se compreender a condição patologia se partirmos da compreensão do que é saúde:

De fato, qualquer modo do ser-doente só pode ser compreendido a partir do modo de ser-sadio e da constituição fundamental do homem normal, não perturbado, pois todo modo de ser-doente representa um aspecto privativo de determinado modo de ser-são. (Boss; Condrau, 1976, p.29.).

Na condição assim chamada sadia diz Boss:

(...) a essência fundamental do ser sadio caracteriza-se precisamente pelo seu poder dispor livremente do conjunto de possibilidades de relação que lhe foi dado com que se lhe apresenta na abertura livre de seu mundo. (Boss; Condrau, p. 29. 1976).

A partir desse horizonte a patologia apresenta-se para Boss como uma restrição da abertura do Dasein ao mundo, momentos em que seu modo-de-ser se expressa, naquele tempo específico, de determinada maneira restrita a patologia. Assim: "(...) Boss mostra que essas patologias também podem ser pensadas, numa perspectiva existencial, como privação na realização das possibilidades humanas e segundo as limitações físicas" (Cardinalli, 2012, p. 109).

Nesta perspectiva a abertura do Dasein se dá a partir do mundo que é o seu, assim Boss, ao discorrer sobre o tédio afirma que: "Certamente o homem pode sempre estar aberto para o que vem a seu encontro enquanto um ente, mas somente de um modo tal que tudo, coisas a seres, só podem mostrar-se a ele como igualmente desprovidos de mensagem" (Boss; Condrau, p. 31, 1976).

Por ser uma restrição da abertura ontológica do homem, o modo de ser-doente pode ser compreendido como uma das possibilidades do modo de ser-sadio, mas que se caracteriza por ser doente justamente porque tal Dasein encontra-se aprisionado nesta forma de ser patológica. Em relação a isto Boss, ao se debruçar sobre a esquizofrenia, relata:

Não existe nos esquizofrênicos um único modo de comportamento em relação ao que aparece em seu mundo que não se encontra igualmente nas pessoas sadias. O caráter patológico desses doentes reside no fato de lhes faltar uma possibilidade de existir em relação aos seres sãos. Falta-lhes acentuadamente a capacidade de assumir as possibilidades constitutivas de seu ser-aí para tornar-se um ser-si-mesmo livre e autônomo cuja abertura para o mundo possa se manter firme face a tudo que a eles se oferece (Boss; Condrau, 1976, p. 32).

Esta forma restrita do modo de ser-doente influencia, ainda, o modo como o *Dasein* lida com si mesmo e com seu mundo: "(...) Quando há qualquer restrição nos diferentes âmbitos do existir, ocorre ao mesmo tempo uma modificação na maneira como o homem realiza seu ser aberto em relação a si mesmo e a seu mundo" (Cardinalli, 2012, p.114).

A patologia na fenomenologia é compreendida, portanto, como uma “(...) perturbação (...) impedindo a realização das diferentes características de ser do existir humano. ” (Boss; Condrau, 1976, p.29). Deste modo, o ser-doente se apresenta como restrições dos existenciais (características ontológicas) do Dasein.

Tais características ontológicas são contempladas na ontologia desenvolvida por Heidegger, chamadas de estruturas ontológicas do ser-aí – estruturas de possibilidades de ser do ser-aí que constituem o seu modo de ser, por exemplo: a temporalidade; a corporeidade; o ser-com-os-outros; a culpabilidade; a Cura/cuidado; a compreensão; as disposições afetivas; a impropriedade (queda, ou compreensão decaída) entre outros existenciais.

Conforme as descrições apontadas no capítulo I, no transtorno antissocial o âmbito das relações com os outros encontram-se muito afetado, restrito, assim como a estrutura do cuidado, da preocupação (Cura) e da culpabilidade. Boss afirma que quando um existencial é afetado os outros também o são: “Enquanto traços fundamentais do ser-aí, formam todos juntos uma estrutura total e indivisível. Se um entre eles é perturbado em sua realização, todos os outros não deixam de sofrer, igualmente, as consequências” (Boss; Condrau, 1976, p. 29). No entanto, em certa medida, serão apontando apenas os existenciais que se mostraram mais mencionados nas descrições sintomáticas do capítulo I.

A compreensão da saúde e da doença em Boss é de fundamental importância para possibilitar a compreensão desse transtorno, mas como referido no final do capítulo I, as contribuições de Heidegger em relação ao método de investigação fenomenológico são fundamentais para acessar o sentido desse transtorno em cada caso. Sentido pode ser entendido como propósito, como ‘projeto de mundo’ para o ser-aí, parte-se da compreensão de que o ser-aí é um ser de sentido, quer seja esse sentido próprio ou impróprio.

Desde modo, a fenomenologia propõe a compreensão da psicopatologia sob outro horizonte, buscando não encaixar o homem em descrições nosográficas, mas procurando desvelar os sentidos da existência dos Dasein aprisionados em modos de ser-doentes. Assim, “Não é que a *daseinsanalyse* considere que se deva eliminar a técnica e a ciências naturais que estão na base. (...) Mas é urgente dar aos homens de hoje noção de uma relação

consideravelmente mais livre com a técnica, pondo fim a sua supremacia” (Boss; Condrau, 1976, p. 34).

O pensamento fenomenológico de Boss alinhado com a ontologia de Heidegger, portanto:

(...) considera que o mais importante para a Medicina e Psicologia não é o entendimento das doenças mesmas e, sim, do ser humano que está doente. Assim, ele (Boss) desloca o entendimento da doença para o entendimento do homem que está doente, isto é, para a compreensão da experiência do doente” (Cardinalli, 2011, p.106).

3.2 Psicopatia ou Transtorno de Personalidade Antissocial e a Compreensão Fenomenológica Existencial

Conforme foi observado com Medard Boss o âmbito daquilo que se pode considerar por “doença” ou patologia podem ser pensadas existencialmente como uma privação na realização das possibilidades do ser-aí, nesse sentido essas restrições precisam ser vistas a partir do âmbito do projeto de cada ser-aí, ou seja, em cada caso. Foi visto também que essas restrições de possibilidades de ser afetam os existenciais, ou seja, as estruturas ontológicas que constituem o ser-aí, embora Boss tenha assinada algumas como o âmbito da liberdade, a espacialidade, a corporeidade e a afinação ou disposição afetiva do ser-aí, todos os existências observados por Heidegger em *Ser e tempo* (1927) podem ser afetados, isso inclui a temporalidade, a culpabilidade existencial, a angústia ou o seu modo improprio apresentado no temor (fobias), a historicidade do ser-aí e o âmbito do cuidado/zelo (*Sorge*).

Com relação à assim chamada psicopatia ou transtorno antissocial pode-se dizer que o âmbito dessa condição existencial incide mais pronunciadamente na relação com o outro. O coexistir encontra-se restrito a algumas possibilidades de relação que não contemplam o outro na sua alteridade. O outro não é visto na sua singularidade e é desconsiderado no seu projeto, a disposição afetiva (a afinação) na psicopatia não contempla a possibilidade da compaixão, do amor, da afeição autêntica, muitas vezes estas manifestações são usadas para a obtenção de outros fins. Os sentimentos de culpa em relação ao outro não aparecem o que leva a crer que o outro para o psicopata torna-se uma coisa, um

objeto. Essa objetivação extrema do outro parece caracterizar a essência desse transtorno. A contravenção, os posicionamentos antiéticos, transgressores pautam a existência dessas pessoas, pois não há um acordo com o coletivo, com a *polis* (cidade).

Este trabalho tem como proposta realizar uma hermenêutica, ou seja, uma análise dos sentidos dessas duas biografias.

CAPÍTULO IV: Metodologia

A metodologia utilizada para a análise dos modos-de-ser de “Dexter” e de Pedro Rodrigues Filho será orientada pela fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger apresentada no parágrafo sétimo da sua ontologia fundamental *Ser e tempo* (1927). Tal método visa desvelar os sentidos (sinn= rumo, direção do existir) que orientam as ações de Dexter e de Pedro Filho.

Cabe ressaltar que Heidegger (1990) entende por sentido “o contexto no qual se mantém a possibilidade de compreensão de alguma coisa, sem que ele mesmo seja explicitado ou, tematicamente visualizado” (p.117). Com Heidegger a fenomenologia passa a visar o “ser dos entes, seu sentido, suas modificações e derivados” (Heidegger 2009, p.75). Com relação à pesquisa com filmes, obras de arte e literária trata-se de observar os possíveis horizontes de projeto que orientam, as ações dos personagens. A leitura das aparências¹, ou seja, daquilo que é anunciado nos símbolos e nos sintomas, nos auxiliarão a compreender esses sentidos.

Seguindo a proposta fenomenológica à compreensão de um sintoma ou comportamento limita-se a desvelar ou projetar os possíveis sentidos que sustentam esse modo de ser do homem como ser-no-mundo, a questão diagnóstica não é relevante.

Com relação ao Dexter e ao Pedro não houve preocupação em identificar aquilo que se possa ser chamado de traços antissociais, deste modo procurou-se acessar os sentidos desses comportamentos sem preconceitos ou teorias escolhidas a priori. Edmund Husserl (1859-1938) denominou essa atitude do investigador de redução fenomenológica, que consiste no exercício de abstenção de todo e qualquer ‘a priori’ que seja ele de ordem teórica ou de senso comum, cabe ressaltar que essa condição não se exerce na sua radicalidade, mas contempla um posicionamento necessário para que se possa acessar aquilo que é vivido, aquilo que é dado.

¹ Aparência para Heidegger e um modo privativo do fenômeno se mostrar, ou seja, as aparências anunciam, indicam, mas não revelam o fenômeno na sua totalidade, como exemplo Heidegger cita a febre. A febre não é enganosa ela indica algo, porém não revela a sua proveniência.

A fenomenologia é um método especialmente importante para se estudar como as pessoas 'estão sendo' num dado momento. Implica abandonarmos temporariamente aquilo que acreditamos que as pessoas são num determinado momento ou o que julgamos significar a partir de nossas próprias perspectivas para então entrarmos em contato com a realidade única do vivido daquele sujeito ao qual estamos nos dirigindo. (Holanda, 2001, p.43).

Desta forma, Dexter e Pedro serão compreendidos como um *Dasein*, um ser-aí, sendo observado, portanto, as relações da personagem e do homem com seu mundo, assim como suas relações com si mesmo e com os outros. Procurar-se-á compreender, ainda, suas vivências e modo-de-ser em todos os âmbitos de sua vida apresentadas nas entrevistas e no seriado. No caso de Dexter observou-se a personagem como trabalhador, como namorado, como amigo e também como *Serial Killer*.

A observação realizada visa, portanto, uma discussão do chamado transtorno de personalidade antissocial no seriado Dexter e nas vivências de Pedro apresentadas em sua entrevista, procurando compreender a vivência do modo-de-ser restrito à psicopatia apresentada, naquele momento, por ambos. O método demonstra-se ser o melhor para o alcance deste objetivo, pois: "A facticidade da existência é não só suscetível de interpretação, mas também necessita de interpretação; ela é interpretação" (Sapienza, 2007, p. 27). Não há, ainda, seguindo o que encaminha o método fenomenológico, nenhuma pretensão de generalização da reflexão que será aqui apresentada.

Se a fenomenologia enquanto método visa o fenômeno, deve-se ater ao que Heidegger entendeu por fenômeno, uma vez que para as ciências humanas a noção de fenômeno se mostra distinta das noções de fenômeno advindas da física, da química ou da biologia. Conforme elucidou Heidegger (2009): "em sentido fenomenológico, fenômeno é somente o que constitui o ser, e ser é sempre ser de um determinado ente" (p.77). Em outro momento das suas observações ainda no parágrafo sétimo de Ser e Tempo, o pensador amplia esta compreensão dizendo (2009):

O conceito fenomenológico de fenômeno propõe, como o que se mostra, o ser dos entes, o seu sentido, suas modificações e

derivados. Pois, o mostrar-se não é um mostrar-se qualquer e, muito menos, uma manifestação. (p.75).

A partir dessas referências pode-se entender que o que está em jogo para a fenomenologia hermenêutica de Heidegger é o sentido daquilo que se apresenta, o sentido daquilo que emerge no discurso 'logos'. Quando Heidegger indica que o fenômeno não é um "mostrar-se qualquer, muito menos uma manifestação", o pensador está aludindo aos modos privativos do fenômeno se mostrar, ou seja, que uma manifestação pode muitas vezes equivocar, portanto, se mostrar como um engano – **parecer ser**. Uma manifestação pode também ao se mostrar, velar(encobrir) outras possibilidades que concernem ao fenômeno, por exemplo, uma febre pode anunciar algo que não é enganoso, mas que ao mesmo tempo encobre sua proveniência. Este tipo de manifestação foi denominado por Heidegger de aparência, por aparências entende-se: os símbolos; os ícones; os sintomas; os fetiches. Estas entre outros modos de manifestação são modos privativos do fenômeno se mostrar, não sendo, portanto, o fenômeno. Para chegar ao fenômeno é preciso investigar, perscrutar o ente tal como ele se mostra, realizando a tarefa hermenêutica que visa a explicitação do seu sentido.

Este trabalho, pautado em uma entrevista concedida por Pedrinho e pelos capítulos do seriado Dexter, discorrerá sobre estes possíveis sentidos que orientam as ações de ambos os homens.

4.1 Procedimento:

Para a realização da análise, foram primeiramente vistas ou lidas as diversas entrevistas realizadas com Pedro, sendo escolhida a feita por Marcelo Rezende em 11 de junho de 2012 pelo programa "Record Repórter" televisionado pelo canal de televisão brasileiro "TV RECORD" no próprio presídio em Guarulhos onde Pedro se encontra encarcerado. Esta entrevista foi escolhida por se tratar de uma das mais completas já realizadas com Pedro Rodrigues e por ter sido gravada em vídeo, permitindo acesso visual ao comportamento do entrevistado.

No mesmo programa foram entrevistados também a irmã de Pedro e seu ex-empregador, no entanto, considerou-se apenas o discurso do Pedrinho, sendo que os depoimentos da sua irmã e do seu ex-empregador serão utilizados apenas para compor os sentidos desvelados pela entrevista do Pedrinho - quando essas falas testemunham ou ressaltam aspectos já desvelados ou que possam eventualmente acrescentar elementos para a compreensão do modo de ser do Pedro.

Em relação ao seriado Dexter (2013), optou-se por analisar a partir da fenomenologia hermenêutica a primeira temporada da série, uma vez que esta trata mais especificamente do tema discutido nesta pesquisa, ou seja, demonstrando o modo-de-ser psicopático da personagem e como este se relaciona com os outros, o modo como coexiste.

A leitura da entrevista e do seriado procurará destacar o horizonte de sentido de Pedrinho e Dexter, procurando a partir da análise da vida fática e das escolhas, dos posicionamentos assumidos por ambos.

Para facilitar esta busca pelo sentido a análise será realizada através de um quadro dividido em duas colunas, na direita será descrito a fala ou comportamento apresentada por Dexter e Pedro e na esquerda a unidade de sentido que tal fala anuncia, indica. Cabe ressaltar que sentido é compreendido aqui como distinto da significação, pois sentido nos remete ao rumo, a direção do existir, contemplando, portanto, o horizonte de um projeto, de um propósito.

Ao final será discutido aquilo que, descrito nos quadros, permite acesso ao sentido do modo-de-ser apresentado por Dexter e Pedro. Posteriormente, será discutido as convergências e divergências encontradas em ambos os quadros. Assim, a análise procurará descrever aquilo que foi compreendido, sendo realizado apenas ao final, de acordo com o que dita a suspensão fenomenológica, um paralelo entre o que foi observado no seriado e na entrevista com as características psicopáticas descritas na literatura.

CAPÍTULO V: Sinopse breve do seriado Dexter e biografia de Pedro Filho

5.1 Sinopse do seriado “Dexter”:

“Dexter” é um seriado estadunidense criado por Jeff Lindsay e adaptado para televisão por James Manos. Foi televisionado de primeiro de outubro de 2006 a 22 de setembro de 2013 pela emissora “Showtime” nos Estados Unidos, totalizando ao final 96 episódios divididos em oito temporadas, sendo o ator Michael Carlisle Hall responsável por interpretar o protagonista da série. O seriado gerou grande impacto no público, seu último episódio foi assistido por 2,8 milhões de pessoas.

O seriado tem como protagonista Dexter Morgan, “Serial Killer” de outros assassinos que foi ensinado por seu pai “o código” que lhe permite matar apenas as pessoas que já cometeram homicídio e que na visão policial do pai, merecem ser mortos. Tal código ensina ainda, o modo de cometer os crimes sem ser descoberto e o modo de se comportar na sociedade adequadamente, em uma tentativa de adequar o homem à comunidade em que vive.

Deste modo, a personagem consegue esconder o que ele próprio chama de sua verdadeira identidade através da construção de uma imagem de morador e trabalhador pacato de Miami. Com este objetivo, Dexter trabalha como analista forense especialista em padrões de dispersão de sangue no departamento de do condado de Miami que lhe possibilita tanto encontrar suas vítimas e ajudar a esconder seus crimes através da manipulação de pistas, como também ajudar a aliviar sua fascinação por sangue.

É importante ressaltar ainda que em relação a análise deste seriado foi encontrado o livro “Psychology of Dexter” (Psicologia de Dexter) que discorre sobre o enredo da personagem comparando seu comportamento a de pessoas com transtorno antissocial, abordando também o motivo pelo qual este programa de televisão fascinou e cativou seu público.

Os traços psicopáticos de Dexter descritos no primeiro capítulo do livro supracitado englobam seu modo de agir, as emoções que sente, a forma como assassina suas vítimas e o prazer que sente com isso. Em relação a suas emoções Defife afirma: “Dexter consegue muitas vezes falsificar um sentimento sem realmente o experimentar (...) A excitação que Dexter tem ao matar e

escapar da captura é uma de suas poucas experiências emocionais genuínas” (Defife, 2010, p. 9, tradução nossa).

O autor relata também que: “Como muitos psicopatas, Dexter não somente justifica seus crimes como necessários, mas também pode manipulá-los de forma a extrair simpatia de outros de sua própria vitimização”. (Defife, 2010, p. 8, tradução nossa).

Defife diz, ainda, que muitos psicopatas “predadores”, modo como chama Dexter, uma vez que este caça suas vítimas, são sadistas sexuais. No seriado o protagonista diz não se interessar muito em sexo. No entanto, o autor diz que Dexter ainda assim é um sadista sexual, mas que seu prazer não se origina no sexo: “A motivação real dos assassinatos de Dexter é satisfação, uma satisfação que vem de subjugar, humilhar e torturar suas vítimas: a marca de um sadista sexual” (Defife, 2010, p. 15, tradução nossa)

Ainda em relação ao sadismo sexual de Dexter, Ochberg afirma: “Deve ser notado que predadores podem ter gratificação sexual em atividades que a maioria das pessoas acharia não sexual, como causar dor, mutilar, exibição pós morte do corpo e colecionar troféus (de suas vítimas)” (Ochberg apud. Defife, 2010, p. 14, tradução nossa”. Todas as atividades citadas, com exceção da exibição do corpo pós morte, são práticas realizadas por Dexter.

Defife também aponta que, por outro lado, alguns dos comportamentos de Dexter não são típicos de pessoas com personalidade antissocial, uma vez que é “muito mais confiável que a maior parte dos psicopatas” (2010, p. 10, tradução nossa), pois possui um relacionamento estável com sua namorada e um trabalho no qual é bem-sucedido e dedicado. Em relação a isto Hare afirma: “A verdade é que alguns psicopatas são algumas vezes habilidosos em fingir amor por uma mulher ou simular devoção parental pelos seus filhos” (Cleckley, 1941, p. 347, tradução nossa).

5.1.1 Primeira Temporada

Como dito anteriormente no método a primeira temporada de Dexter foi escolhida como objeto de estudo deste trabalho. Tal temporada é composta de 12 episódios sendo o primeiro televisionado em primeiro de outubro de 2006 e o último em 17 de dezembro de 2006.

A primeira temporada introduz Dexter Morgan, um analista forense especializado em padrões de dispersão de sangue para o Departamento de Polícia de Miami. Dexter é também um assassino em série que tem como alvo apenas outros assassinos. Como ele veio a ser um *serial killer* e desenvolver o seu código único de moralidade é revelado em *flashbacks* ao longo dos episódios.

Quando jovem, Dexter se torna órfão e é encontrado pelo policial Harry Morgan, que adota o menino. A memória traumática da perda dos pais é reprimida por ele. Quando a irmã adotiva de Dexter e filha de Harry, Debra pergunta sobre os verdadeiros pais de Dexter, Harry diz apenas que eles morreram em um trágico acidente.

Em tenra idade, Dexter começa a matar animais e mostra sinais de que ele não é capaz de se conectar emocionalmente com as pessoas. Vendo que tendências homicidas do menino estão aparecendo e que estas não podem ser totalmente anuladas, Harry decide ajudar o rapaz canalizá-las. Harry ensina Dexter como esconder suas ações de investigações policiais e que, se ele deve matar, que sejam apenas assassinos que escaparam da lei. Dexter se refere a estas diretrizes como "O Código" ou "Código de Harry". A Regra número um é nunca ser pego e a regra de número dois é só matar aqueles que ele sabe, sem dúvida, que são assassinos. A filha de Harry, Debra, não tem conhecimento da verdadeira natureza de seu irmão adotivo e não sabe por que o pai passa tanto tempo com ele em "viagens de caça."

Harry protela o primeiro assassinato de Dexter de uma pessoa real por tanto tempo quanto possível, mas, finalmente, dá sua permissão ao filho adotivo de fazê-lo quando ele está no hospital e percebe que sua enfermeira estava matando pacientes. Na sétima temporada, Dexter esclarece que ele tem 20 anos de idade quando comete o primeiro assassinato de um ser humano. Harry morre em um hospital um ano depois devido a problemas cardíacos.

Ao longo da temporada, Dexter (agora com 30 anos e trabalhando para a polícia) verifica a culpa de suas vítimas escolhidas antes de perseguir e incapacita-los. Como regra geral, ele os injeta com um tranquilizante que imediatamente coloca-los para dormir. Dexter leva o assassino para um quarto especialmente preparado, às vezes sua própria casa, que cobre inteiramente de plástico, colocando também fotos das vítimas que o assassino matou. A vítima

acorda nu, imobilizada e presa a uma mesa com fita adesiva e plástico. Dexter confronta os assassinos sobre seus crimes, então ele usa um bisturi e lâmina de vidro para obter uma amostra de sangue de sua bochecha direita. O slide de sangue é adicionado a uma coleção de troféus semelhantes que ele mantém escondido em seu apartamento. Depois de matar sua vítima (às vezes usando a arma que sua vítima utilizava para matar as pessoas), Dexter corta o corpo em pedaços, colocando-os em diferentes sacos de lixo. Ele então embarca em seu barco *Slice of Life* e leva o corpo para um local afastado da costa onde despeja os sacos de lixo.

A vida de Dexter como um assassino é um segredo para todos. Para parecer mais normal, ele namora Rita, uma mãe com dois filhos Astor e Cody, cujo marido está na cadeia. Dexter escolhe Rita porque, por ter sido abusada pelo marido, tem medo de intimidade, assim ela não é, inicialmente, interessada em sexo e ele pode mantê-la à distância.

No trabalho, Dexter é visto como um colega amigável, por vezes excêntrico, com excelente visão sobre a natureza dos assassinos. Sua irmã Debra Morgan, que trabalha no departamento de disfarces no início da temporada, pede conselhos regularmente para Dexter. A superior de ambos, a Tenente LaGuerta flerta com ele e ele é considerado um amigo pelo colega Masuka e pelo Detective Anjo Batista. Apenas o Sargento James Doakes suspeita do comportamento de Dexter, acreditando que ele olha com alegria para as cenas de sangue e assassinato.

A temporada começa com uma série de assassinatos onde os corpos de prostitutas são encontrados em pedaços e completamente drenadas de sangue. Dexter fica imediatamente impressionado com a precisão por trás dos assassinatos e ajuda Debra a identificar alguns dos métodos do homicida. Devido à ajuda de Dexter, Debra é promovida ao departamento de homicídios por seus insights no comportamento do assassino, agora chamado de *Ice Truck Killer*, assassino do caminhão de gelo, uma vez que este utiliza um destes veículos para transportar os corpos e impedir que estes apodreçam. Enquanto isso, Dexter descobre que o homicida invadiu seu apartamento e deixou para trás pistas relacionadas com os assassinatos. Dexter percebe que foi convidado para jogar um jogo com o assassino, para saber quem ele é.

A vida romântica de Dexter se complica quando Rita torna-se mais interessada em levar as coisas a um nível sexual e também quando seu marido Paul Bennett é libertado da prisão em liberdade condicional. Enquanto Bennett é bom para seus filhos, ele repetidamente - mas sem sucesso - tenta voltar com Rita. Após Bennett ameaçar Rita, Dexter impulsivamente bate Paul, desacordando-o. Dexter em seguida, monta a cena para que parece com que Paul utilizou heroína, violando sua liberdade condicional. Após voltar à prisão, Bennett insiste que foi Dexter que armou a situação para ele.

Debra começa a namorar um técnico de próteses chamado Rudy Cooper, que também está interessado em fazer amizade com Dexter. Dexter mais tarde descobre que um homem recentemente falecido chamado Joe Driscoll era seu pai biológico, ou seja, o homem não morreu quando ele era criança como Harry havia dito. Enquanto ele busca por respostas, Dexter é introduzido para Rudy, que diz ter tido de esperar um longo tempo para que eles se encontrem, e os dois começam uma amizade, embora torna-se claro para o público que Rudy é responsável pela morte do pai biológico de Dexter. Debra fica confusa porque às vezes Rudy parece mais interessado em Dexter do que nela.

Chegando em uma cena de crime do *Ice Truck Killer*, um quarto de hotel coberto de sangue, Dexter sofre um ataque de pânico e começa a recuperar suas memórias reprimidas. Investigando seu passado, ele descobre que Harry encontrou-o em uma cena de um assassinato cruel quando ele era criança. Eventualmente, ele se lembra que ele e sua mãe, uma mulher chamada Laura Moser, estavam em um contêiner, preso por criminosos. Esses criminosos, então, mataram Laura e cortaram-na com motosserras na frente de Dexter, deixando-o trancado no recipiente, sentado no sangue da mãe, sendo encontrado por Harry apenas dois dias depois. Posteriormente Dexter descobre que Laura era amante de Harry e também era informante deste em um caso policial que foi o que a levou a ser morta.

É revelado para o público que Rudy Cooper é realmente o Ice Truck Killer. Depois de tentar matar Detetive Batista, que estava descobrindo sua identidade, Rudy propõe casamento a Debra. Mas este é um ardil para sequestrá-la e usá-la como isca para Dexter. Pistas de Rudy levam Dexter de volta para sua casa de infância, onde Rudy está aprisionando Debra. Dexter lembra agora que ele tinha um irmão mais velho, que também estava no container quando sua mãe

Laura foi assassinada. Rudy Cooper é realmente este irmão mais velho, Brian Moser, que não foi adotado e passou grande parte de sua vida em instituições para doentes mentais. Como Dexter, ele é um assassino em série, mas não vinculado por um código moral.

Rudy revela que ele procurou Dexter por anos e estava feliz em perceber que seu irmão mais novo também era um assassino. Durante meses, ele manipulou Dexter para ajudar seu irmão mais novo a recuperar as memórias de seu trauma de infância compartilhada. Rudy, então, revela um quarto coberto de plástico, onde Debra, inconsciente, está nua e presa a uma mesa. Rudy organizou o quarto para ser idêntico ao que Dexter faz com suas vítimas, e diz que eles vão matar Debra em conjunto para cimentar a sua ligação como irmãos. Após alguma hesitação Dexter diz que não vai matar Debra e Brian protesta que seu irmão "não pode ser um assassino e um herói." Dexter salva Debra de Brian então ela acorda e Brian escapa antes da polícia chegar.

Doakes suspeita que Dexter sabe mais do que ele está compartilhando e pode ter ajudado Rudy Cooper, mas Debra insiste que Dexter a salvou do Ice Truck Killer. A conexão biológica de Rudy e Dexter é mantida em segredo. Brian Moser (Rudy Cooper) faz outra tentativa na vida de Debra, mas cai em uma armadilha de Dexter. Determinado a manter Debra em segurança, Dexter mata Brian e organiza a cena para que os policiais sejam convencidos de que o Ice Truck Killer cometeu suicídio. Desta vez, Dexter não mantém um troféu de slide de sangue da matança. A temporada termina com Rita querendo saber se, de fato, Dexter armou para que seu marido fosse preso novamente, enquanto Dexter percebe que Doakes, agora convencido de que ele está escondendo alguma coisa, irá observá-lo atentamente.

5.2 Biografia de Pedro Filho

Pedro Rodrigues Filho nasceu em Minas Gerais em Santa Rita do Sapucaí em 1954 e se encontra atualmente preso na penitenciária Desembargador Adriano Marrey em Garulhos. O homem foi condenado a prisão por mais de 100 assassinatos, sendo considerado o maior "serial killer" brasileiro. Segundo o próprio Pedro, ele matou em torno de 50 pessoas enquanto estava em liberdade e mais 50 dentro da prisão, seu motivo, diz ele, é que todos mereciam morrer.

Todas as vítimas de Pedro foram homens que, em sua concepção, haviam cometidos delitos pelos quais deveriam ser mortos. Muitos destes realmente haviam realizados atos ilegais, como foi o caso de seu próprio pai. O pai assassinou a mãe de Pedro com 21 facadas proferidas em seu abdômen, sendo encarcerado na mesma prisão que o filho. O “serial killer” relata, em uma entrevista realizada por Marcelo Rezende, que conseguiu acesso à cela do pai, onde o matou com 22 facadas para vingar a morte da mãe.

A primeira tentativa de homicídio ocorreu quando Pedrinho tinha 13 anos em uma briga com seu primo, Pedro conta ter empurrado o primo em um moedor de cana, pois este o agrediu fisicamente. Aos 14 anos Pedrinho matou o então vice-prefeito de Santa Rita do Sapucaí por ter demitido seu pai de uma escola pública onde trabalhava como vigia devido a acusações de roubo. Meses depois Pedro assassinou o outro vigia da escola, quem acredita-se ser responsável pelos roubos.

Pedro refugiou-se em Mogi das Cruzes onde se iniciou no tráfico de drogas ao morar junto com a viúva de um líder do tráfico. Neste período assassinou alguns rivais do tráfico, matando também os responsáveis pela morte de sua companheira. Pedrinho também diz ter morado junto com outra mulher, Aparecida, que também foi assassinada devido ao tráfico. Pedrinho então, junto com outros quatro homens, foram ao casamento do irmão responsável pela morte da mulher e atiraram nos homens presentes na festa, matando sete pessoas e deixando outras dezesseis feridas. Pedro não havia ainda completado 18 anos.

O homem foi preso pela primeira vez em 24 de maio de 1973. Na prisão, além do próprio pai, assassinou em torno de 50 pessoas, todos homens que Pedrinho achava que deveriam morrer, os motivos da morte, segundo Pedro, era porque suas vítimas ou eram estupradores ou porque tentaram agredi-lo.

A primeira sentença de Pedrinho o condenou a 126 anos de prisão, no entanto o homem passou 34 anos encarcerado, quatro anos a mais do que permite a lei brasileira. O homem foi solto no dia 24 de abril de 2007, porém, devido aos crimes cometidos dentro do presídio, Pedrinho, acusado de motim e cárcere privado, foi preso novamente em 15 de setembro de 2011, sendo condenado a mais oito anos de prisão. O homem foi apreendido em Balneário Camboriú onde trabalhava como caseiro.

Deste modo, percebe-se uma aproximação da história de Pedro e Dexter, uma vez que ambos assassinam pessoas que, em suas percepções, devem morrer. Assim, tanto personagem como pessoa justificam seus crimes da mesma forma, sendo ambos considerados pela literatura como pessoas com transtorno de personalidade antissocial.

Neste contexto, não foi encontrado nenhum trabalho acadêmico que aborde esta aproximação entre Pedro Rodrigues Filho e a personagem Dexter, no entanto há um texto chamado “Pedrinho Matador: O Dexter brasileiro” situado no blog intitulado “4verbos” de autoria de Lisandro de Castro que realiza tal comparação. O texto conta a história de ambos os homens, justificando seu título pela seguinte passagem:

O ‘Dexter Brasileiro’ (Pedro Filho) se assemelha ao personagem do seriado por eliminar bandidos, se guiar por um tipo de código e representar o psicopata clássico. Ambos despertaram para vida em meio ao caos da violência urbana, matam por prazer e têm em seus pais a figura mais importante para o seu instinto assassino. (Castro, 2013).

CAPÍTULO VI: Análise

6.1 O Horizonte de Sentido de Dexter

Durante a análise do seriado procurou-se compreender o modo-de-ser de Dexter, buscando-se esclarecer também as restrições existenciais que este apresenta. Após analisar as percepções feitas acerca dos doze episódios, percebeu-se que o existencial mais abalado é: Ser-com-os-outros, ou seja, a relação de Dexter com os outros. Nesse contexto das relações com os outros, outro existencial (estrutura de possibilidades) que também pode ser observado é a CURA (Sorge), entendido como cuidado, preocupação, zelo e que Heidegger na sua ontologia fundamental, contempla como sendo o ser do ser-aí, ou seja, o ser-aí está sempre já cuidado ou se preocupando com as coisas e com os outros que seja no seu sentido positivo como também no sentido da negligência, indiferença. Tal âmbito de cuidado pode ser exercido na relação com os outros, consigo mesmo e até mesmo em relação ao mundo circundante, assim, será analisado como é exercido o cuidado nestes três existenciais.

6.1.1 Ser-Com-Os-Outros

Segundo Heidegger:

A elucidação do ser-no-mundo mostrou que não 'é' dado de pronto nem nunca se dá um mero sujeito no mundo. Do mesmo modo que também não há afinal de pronto um eu isolado que se dê sem os outros. Mas se 'os outros' já são cada vez 'aí' com, no ser-no-mundo. (Heidegger, 2012, p.337).

Desde modo, segundo o autor supracitado, o Dasein (ser-aí) nunca é sozinho, isolado no mundo, ele está sempre "aí com", é sempre um ser-com-os-outros. Isso torna imprescindível a compreensão do modo como Dexter é com os outros para se desvelar o seu modo-de-ser no mundo.

Ao longo da temporada Dexter demonstra, em diversos momentos, estranheza em seu modo-de-ser-com-os-outros, uma vez que não compreende interações sociais e "regras" sociais ditadas pelo impessoal. Exemplo disto são os momentos em que sua chefe demonstra ter interesse nele: "Querida que ela

parasse com isso. É um destes rituais de paquera que não entendo” (episódio 1).

Por não compreender tais interações sociais Dexter relata ter de fingi-las para parecer “normal”: “As pessoas fingem várias interações humanas, mas eu sinto como se fingisse todas” (episódio 1), tendo que fingir, ainda, os sentimentos, que também diz não possuir, que acompanham tais relações sociais: “Para a maioria das pessoas lidar com a morte é difícil, mas eu não faço parte desta maioria. É o luto que me deixa incomodado, não porque sou assassino, mas porque eu não entendo estes sentimentos, o que faz com que seja difícil fingi-los” (ep. 3). Desta forma, a relação ser-com-os-outros de Dexter é pautado por um fingimento, um modo-de-ser não autêntico.

Esta situação descrita no parágrafo anterior demonstra, ainda, que Dexter tem uma reação emocional superficial, não sabendo lidar também com os sentimentos de outros. Assim, quando Rita chora, Dexter pergunta: “Você precisa de papel higiênico?” (ep. 3). Desde modo, o protagonista parece lidar com os sentimentos alheios de forma literal e objetiva, sendo incapaz de transcender o sentido que a situação apresenta. A dificuldade de transcender realiza-se na dificuldade dele poder compreender, como no caso do luto descrito no parágrafo anterior, a falta que alguém pode fazer para a aquele que perdeu. Dexter não consegue entender que ruptura de sentidos que a morte realiza, pois, aquela pessoa que chora, chora por algo que foi retirado da sua vida, é uma ruptura da familiaridade.

Sua superficialidade emocional também é vista quando este tenta descrever como vivenciou alguma situação: “Beijar Rita foi... interessante” (ep. 1) ou “Harry ter mentido sobre meu pai biológico é.... interessante” (ep. 9) e ainda após sua irmã perguntar como ele está sua resposta é: “Estou bem, tomei café da manhã legal, mas você me conhece, vivo com fome” (ep. 2). Dexter, não conseguindo expressar a emoção sentida nestes momentos, diz apenas que foi “interessante”, sem apresentar maior densidade ou profundidade emocional e responde sobre seu bem-estar de forma banal, descrevendo ações do cotidiano.

Dexter define sua relação com outros como sendo feita através de uma máscara, de fantasias utilizadas para mascarar seu “verdadeiro eu”: “As pessoas acham engraçado fingir que são monstros. Eu passei minha vida inteira fingindo

não ser um. Namorado; amigo; irmão, todos parte da minha coleção de fantasias” (ep. 4).

Estas máscaras utilizadas por Dexter têm como objetivo o controle sobre suas relações com os outros, uma vez que ao se utilizar de máscaras e não demonstrar seu verdadeiro eu, Dexter se distancia dos outros, mantendo-os afastados de si, pois, ele mentindo, o outro nada sabe sobre ele, mas ele tem a posse absoluta de tudo o que acontece com ele e com os outros. Desta forma, o protagonista vive a solidão de não poder compartilhar, pois se envolver, ficar íntimo, ser tocado pelo outro, abriria a possibilidade do descontrole. Afastando-se dos outros Dexter tem como ganho a perspectiva do controle, do domínio sobre os outros. O controle demonstra, assim, ser um importante âmbito do modo-de-ser de Dexter, sendo diretamente explicitado em seu discurso: “Eu realmente gosto de controlar” (ep. 8).

Tal estranheza e fingimento na relação ser-com-os-outros faz com o que Dexter deseje ficar sozinho: “Gostaria de fingir que estou só. Completamente só. Talvez depois de um apocalipse ou de uma praga. Qualquer um. Sem ninguém para fingir ser normal. Sem precisar esconder quem eu realmente sou. Seria... Libertador” (ep. 5). Em várias descrições nosográficas da psicopatia há referência a essa falta de vinculação afetiva, na verdade mais do que uma falta de vinculação pode-se dizer que Dexter evita compor sua vida colocando o outro no seu horizonte de projeto, há uma opção pela solidão, por uma vida solitária. Neste contexto, o professor Leonardo Van Acker (1981) ao escrever o prefácio do livro *O paciente psiquiátrico*, de Van den Berg, diz: “(...) a chamada neurose é sempre no fundo ‘sociose’ ou synethose’, devida a qualquer causa de inadaptação social; de modo que a psicopatologia pode ser conceituada como a ciência da solidão ou do isolamento humano” (2000, p.8).

Desta forma, Dexter evita ao máximo a intimidade com os outros, considerando ainda relações sexuais como algo indigno: “Não entendo sexo, o ato parece indigno” (ep.1). No entanto, Dexter não é desprovido de interesse sexual, estes surgem principalmente quando Dexter se depara com os assassinatos do “Ice Truck Killer” e com suas vítimas drenadas de sangue, como ocorre no primeiro episódio em que Dexter, ao ver Rita logo após retornar de uma destas cenas do crime, percorre as coxas de Rita com a mão explicando como o assassinou esquitejou suas vítimas com claro interesse sexual.

A relação de Dexter com as pessoas que não pertencem a sua família, como seus colegas de trabalho e vítimas dos assassinatos que investiga parece ser uma de desinteresse. Assim, Dexter não se atenta em como faz os outros se sentirem ou em seus problemas, exemplo disto é encontrado no episódio quatro em que Batista, colega de trabalho de Dexter, pede conselhos a este sobre o presente de casamento que dará a sua esposa, Dexter então diz que o broche de diamante que seu colega comprou parece um inseto, sem perceber como o modo que diz isto fez o colega se sentir. Outro exemplo que elucida o modo-de-ser de Dexter com os outros é: “Não me importo de quem sejam estes dedos, só com a mensagem que meu amigo quer me mandar” (ep. 2), deixando claro neste momento que vítima não lhe importa e sim o uso, a objetificação desta vítima: a mensagem que esta contém.

Os assassinos também são desconsiderados por Dexter como Dasein, vistos como objetos de onde pode retirar seu prazer em matar e a quem se deve matar, pois estes não possuem nenhum valor, sendo constantemente chamados de “lixo” pelo protagonista: “Hoje Jeremy (assassino) é só mais um pedaço de lixo em Miami” (ep. 3).

Dexter apresenta Rita como alguém que utiliza para “parecer normal”, visto que, segundo o protagonista, pessoas normais tem relacionamentos amorosos. Ele diz escolher Rita, pois por ter sido abusada pelo marido, ela não tem interesse em manter relações sexuais. Dexter ajuda a namorada com seus problemas e cuida dos seus filhos, como é visto no episódio três em que o protagonista consegue um carro para Rita quando esta teve seu veículo roubado. Ao final do episódio Dexter brinca com os dois filhos de Rita dentro do novo carro, parecendo autenticamente preocupado com seu bem-estar, no entanto Dexter esclarece seu comportamento dizendo: “Um ponto para o menininho de madeira”. A menção ao Pinóquio leva a crer que Dexter está demonstrando que o modo como age com os outros é fingido, um falso preocupar-se. Em alguns momentos, ao agir em prol do bem-estar de Rita, aparenta, em última instância, estar agindo para interesse próprio: “Prefiro a Rita encantadora do que a Rita preocupada” (ep. 10).

Desta forma, de início, Rita se apresenta como um instrumento para Dexter, alguém que ele utiliza como meio para um fim. No entanto, ao se atentar ao modo como Dexter age com Rita percebe-se que há uma dualidade, por um

lado a objetifica, por outro ele se surpreende com o que sente por ela: “o que me surpreende mais sobre Rita é o quanto gosto de ficar com ela” (ep. 2) e se preocupa com seu bem-estar: “eu não deveria estar aqui, Rita ficará devastada se eu for preso” (ep. 6). Ainda quando acha que será preso, Dexter elucida como acha que deve aproveitar sua vida: “Quase não escapei de ser pego, percebo agora que meus dias estão contados, então melhor aproveitá-los ao máximo” (ep. 6), após dizer isto se une a festa de Astor, filha de Rita, e brinca com seu outro filho Cody, demonstrando assim, que, para ele, “aproveitar os dias” é ser parte da vida de Rita e de seus filhos.

Dexter demonstra ainda querer contar a verdade para Rita, dizendo inclusive a ela no episódio sete que não mata inocentes, sua namorada acredita que ela está brincando. O personagem também diz não querer perder Rita: “Não posso dormir com Rita, toda vez que eu durmo com uma mulher ela me vê pelo o que realmente sou: vazio. E logo vai embora. Mas não quero perder Rita” (ep.8).

Assim, Rita se apresenta, apesar do modo como Dexter a introduz, como alguém que lhe parece ser mais do que um “objeto”, um meio para parecer “normal”, ela é também alguém de quem gosta, com quem ele se preocupa com seu bem-estar, com quem sente que pode aproveitar sua vida e alguém com quem gostaria de dividir seus segredos e quem tem medo de perder. Rita é, inclusive, a única pessoa que faz Dexter se distanciar, mesmo que por um instante, do “Ice Truck Killer”, pessoa com quem ele, como será discutido posteriormente, sente-se mais próximo, pois é o único que sabe a verdade sobre Dexter. Exemplo disto pode ser encontrado no episódio oito, em que Dexter, após perder o controle e quebrar com seu modo-de-ser calmo, tem relações sexuais com Rita, dizendo na mesma noite para o psicólogo com quem se consulta: “Está tudo certo Doutor, parei de me preocupar com aquele meu amigo que está sumido”, seu “amigo sumido” é o “Ice Truck Killer” com quem Dexter parou de se preocupar após ter tido relações com Rita, após ter se tornado mais próximo desta.

A irmã de Dexter, Debra, apresenta-se, desde o início, como a pessoa com quem Dexter mais se preocupa: “Não tenho sentimentos, mas se os estivesse, os teria por Deb” (ep.1). Sua irmã é a única pessoa na vida cotidiana de Dexter com quem ele parece genuinamente se preocupar e quem ele não

objetifica. Ele a ajuda com seus casos policiais; no segundo episódio para de perseguir sua vítima, abrindo mão de matar, para ir se encontrar com Debra quando esta pede; no sexto episódio, quando precisa mentir para departamento de polícia e descreditar as ideias de sua irmã para não ser pego, preocupa-se com seu relacionamento com Deb, pensando quando esta irá perdoá-lo. Por fim, no décimo primeiro episódio procura garantir que esta está a salvo do “Ice Truck Killer”: “Ao menos eu sei que minha irmã estará a salvo esta noite”.

A importância de Debra para Dexter, também se mostra quando este afasta de si seu irmão (o “Ice Truck Killer”), a única pessoa a quem se sente próximo, para salvá-la: “O que foi que eu fiz? Afastei meu verdadeiro irmão, alguém que me vê, me aceita como sou, por uma irmã adotada que me rejeitaria se soubesse a verdade (...)” (ep. 12). Por fim, Dexter assassina seu irmão para garantir a segurança da irmã: “(...) tenho que sacrificar você (...) para segurança da minha irmã” (ep. 12).

Desde modo, Debra é uma das únicas pessoas que Dexter compreende como Dasein, como alguém singular e portador de um horizonte de sentido, contemplando em sua relação com a irmã a possibilidade de compaixão, amor e afeição autêntica: “Não posso (matá-la), não Deb, gosto muito dela” (ep.12). No entanto, tal amor de Dexter pela irmã, apesar de ser explicitado em suas falas, é um amor restrito, uma vez que sua relação com Deb é pautado pela inautenticidade já que Dexter não pode demonstrar a irmã quem é.

Harry, pai adotivo de Dexter, mostra-se como uma figura importante para Dexter, foi seu pai que, quando vivo, ensinou-lhe “O Código” que permite a Dexter matar apenas quem é assassino e a fingir se importar com os outros para ter uma vida normal. É neste “código” que Dexter pauta quem ele é e como ele age, questão que será discutida em profundidade posteriormente no item Ser-consigo. Harry é visto por Dexter como um herói, alguém que possui um código de conduta inabalável e que era sempre verdadeiro: “Harry tinha um código. Nunca pediria que destruísse provas” (ep. 11). Tal código é, para Dexter, o que o impediu de se tornar um assassino sem sentido e de ser preso, o código é sua salvação: “Mas claro que na realidade foi Harry quem permitiu minha salvação (...) suas lições nunca me desapontaram” (ep. 3).

Harry é a única pessoa durante toda a vida de Dexter até o surgimento do “Ice Truck Killer” com quem Dexter possui uma relação ser-com verdadeira,

dizendo a ele a verdade de como se sentia. Exemplo disto pode ser observado no quarto episódio em que seu pai, ao ver Dexter brincando com sua irmã durante um passeio em família diz: “Estou feliz que você está se divertindo tanto Dexter”, ao que Dexter responde: “Você está brincando? Esta porcaria de feno está me dando alergia e estamos a horas passeando em uma plantação de abóboras, eu não entendo”.

A imagem de seu pai como verdadeiro e herói aparenta ser bastante forte para Dexter, pois este diz ter vontade de fugir depois de todas as mentiras que Harry lhe contou: “Depois de todas as mentiras que Harry contou, eu gostaria de fugir também” (ep. 11), sente-se também, perante as mentiras do pai como se tivesse sido traído: “(...) por um pai adotivo que me traiu. Foi isso que foi: uma traição” (ep. 12).

Assim como com sua irmã, Dexter parece genuinamente preocupar-se com o pai e conferir-lhe a mesma consideração de singularidade e possibilidade de afeto autêntico que demonstra a esta. No quarto episódio Harry quer tirar uma foto com Dexter que reclama dizendo que não o quer, no entanto, quando seu pai passa mal, Dexter insiste em tirar a foto, demonstrando ter cuidado em relação a este. Tal preocupar-se e cuidado parece ser estendido também a mãe adotiva de Dexter, uma vez que no primeiro episódio este mata um cachorro que impedia sua mãe doente de dormir.

Desde o início do aparecimento do “Ice Truck Killer”, que posteriormente vira o namorado de Debra, Rudy, e que por fim descobre-se que é na verdade o irmão biológico de Dexter, Brian, Dexter fica obcecado por ele e por seu “trabalho” como ele chama seus assassinatos: “Este assassino é um artista” (ep.1). Dexter sente-se extasiado com que ele chama de jogo amigável entre ele e o “Ice Truck Killer” em que este lhe deixa pistas através de seus assassinatos: “Sei que deveria me sentir chateado, violado (quando o assassino invade sua casa), mas acho que foi um ato amigável, tipo um convite para um jogo e eu quero jogar” (ep. 1).

Dexter, obcecado com os assassinatos do Ice Truck Killer, ao entrar em contato com uma pista sobre o assassino ou alguma de suas vítimas, sente-se uma criança, como alguém que aprende algo novo perante um mestre: “Me sinto como uma criança em sua festa surpresa” (ep. 2); “(...) sinto como se fosse manhã de natal. Veja isso um milagre no gelo (corpo esquartejado), incrível (...)

Parece um sonho” (ep. 3); “A primeira vez que vi seu trabalho me senti como um explorador hispânico chegando no litoral do novo mundo, sem sangue nas vítimas, nem sequer um salpicado ou mancha” (ep. 7); “Por semanas me senti como um estudante para um mestre” (ep.7).

O “Ice Truck Killer”, através de seus assassinatos, tenta demonstrar para Dexter a verdade sobre seu passado: “Tenho vivido na escuridão durante muito tempo. Com passar dos anos meus olhos se ajustaram até que a escuridão se converteu em meu mundo e eu pude ver, mas então Rudy ascendeu a luz. Inundou minha memória e agora estou cego” (ep. 12). Dexter nesta fala refere-se a escuridão como o esquecimento de seu passado, viveu anos sem saber nada sobre este e esta “nova” vida, sem passado, se tornou “seu mundo”, mas quando Brian lhe mostra o que ocorreu em sua infância, este “ascende a luz”: mostra-lhe seu passado e Dexter, não mais acostumado ao seu mundo escuro de esquecimento, fica cego, perdido neste novo mundo constituído de um passado.

Assim, conforme a proximidade com seu irmão se fortalece e Dexter começa a se lembrar do que ocorreu em sua infância, este se torna mais nervoso, rompendo com seu modo-de-ser-com-os-outros fingido e controlado. No quarto episódio Dexter fica nervoso quando o assassino utiliza memórias de sua infância para escolher os locais de seu crime. Já no décimo episódio Dexter passa mal quando vê a cena de crime que Brian fez especialmente para ele que o relembra da morte de sua mãe, após voltar da cena do crime é agressivo com os colegas de trabalho que lhe perguntam o que ele viu, dizendo também palavrões, o que normalmente não faz. Tal nervosismo ocorre novamente no episódio de número onze, em que Dexter, ao se lembrar de cenas de sua infância, é agressivo com Doakes, seu colega de trabalho.

Dexter sente uma forte conexão com o “Ice Truck Killer” por este saber a verdade sobre seu passado e quem ele “é”: “Ele sabe, ele não está corrompendo memórias de minha infância, ele está mostrando a terrível verdade por trás delas” (ep. 4); “(...) afastei meu verdadeiro irmão, alguém que me vê, me aceita como sou (...)” (ep. 12). Dexter, ao matar Brian, diferentemente do que faz com suas outras vítimas, não recolhe uma gota de sangue do irmão como troféu, não o vê como sua típica vítima, sendo o ato de mata-lo algo difícil para o

personagem: “Você não é meu troféu (...) isso não é fácil para mim (...) você é o único (de suas vítimas) que eu quis libertar” (ep. 12).

Quando seu irmão fica sem contata-lo, Dexter sente sua falta: “Querido Ken, estou em pedaços, porque o tratamento frio? Com amor, Barbie” (ep. 8), nesta mensagem Dexter faz uma alusão ao modo como ambos esquartejam suas vítimas ao dizer “estou em pedaços”, também cita o modo como o “Ice Truck Killer” utiliza o frio para interromper o fluxo sanguíneo das vítimas e, finalmente, também menciona a boneca deixada pelo assassino em sua casa ao endereçar a carta a “Ken” e assinar como “Barbie”.

Esta procura por uma conexão com os outros se demonstra, ao longo da temporada, como uma necessidade de Dexter: “(...) O mais importante para mim era saber que não estava sozinho, mas Harry escondeu isso de mim” (ep.12). No entanto Dexter, na relação com os outros, se sente como um “forasteiro”, alguém que não faz verdadeiramente parte das interações sociais. Isto pode ser visto no segundo episódio em que um policial é morto: “Quando um policial é morto a vida (dos outros policiais) entram em suspensão”. Assim, Dexter, apesar de trabalhar no departamento policial, não se abala com a morte de um colega como os outros policiais, analisando a situação como alguém de fora. Tal sentimento de não-participar e não-se-encaixar com os outros tem, para Dexter, uma relação com seus assassinatos: “Tirar uma vida conscientemente é o desligamento da humanidade. Isso o torna um forasteiro, sempre olhando para dentro dela (da vida), procurando por companhia” (ep. 3).

Antes do aparecimento de seu irmão em sua vida Dexter parece não se incomodar com sua relação distanciada e de caráter “forasteiro” com os outros, no entanto, após a aproximação de Brian, a conexão com os outros passa a ser importante. Assim, quando Dexter pensa que seu irmão foi preso, o protagonista sente-se solitário: “Desde a morte de Harry eu estive sozinho, mas agora, pela primeira vez, me sinto sozinho” (ep. 7), “Sempre gostei de ser um forasteiro, mas agora sinto a necessidade de me conectar com alguém” (ep. 7).

Desde modo, Dexter sente-se sozinho e sente a necessidade de se relacionar com os outros de forma mais autêntica, querendo partilhar seus sentimentos: “Meu mundo impecável de mentiras está desabando ao meu redor e eu não posso contar para ninguém”. (ep. 6). O protagonista parece, assim, sentir-se feliz quando pode partilhar de uma relação mais autêntica com os

outros ao ver semelhanças entre si e as pessoas ao seu redor: “Eu amo Halloween, o único dia do ano que todos usam uma máscara, não só eu” (ep. 4); “É bom saber que não sou o único que finge ser normal” (ep. 5).

Nos momentos em que o “Ice Truck Killer” se afasta de Dexter este procura outras pessoas para contar a verdade sobre si. Primeiramente, quando Dexter pensa que o “Ice Truck Killer” foi preso, procura se tornar próximo de outro assassino, contando a ele como se sente e como esconde dos outros quem é: “Sou como você... sou vazio, mas consegui um jeito de não me sentir tão mal. Fingir. Finjo que os sentimentos estão lá para o mundo e para as pessoas que me rodeiam. Quem sabe um dia eles estarão lá”. (ep. 7). Em um segundo momento, quando o “Ice Truck Killer” fica sem contata-lo por um tempo, Dexter, ao realizar terapia com o intuito de descobrir se seu terapeuta é um assassino, acaba por contar para o psicólogo que matou pessoas: “Meu Deus como é ótimo poder dizer isso! Não estou brincando, matei pessoas, ah eu disse novamente, é ótimo!” (ep.8). Quando diz a verdade, Dexter fica extasiado, demonstrando extremo alívio em poder dizer tais palavras em voz alta e, ao confirmar que o terapeuta é um assassino, Dexter diz estar em conflito em mata-lo: “Tenho que confessar que estou em conflito. Você me ajudou a descobrir muito sobre mim mesmo (...)” (ep. 8), no entanto, tal conflito não o impede de cumprir com o código de Harry e de não sentir remorso ao matar sua vítima.

Dexter, ao final da temporada, assassina seu irmão, a única pessoa que, em sua concepção, sabia quem ele realmente era. O protagonista chama tal ato de sua tragédia: “Minha tragédia é ter matado a única pessoa de quem não tinha que me esconder” (ep. 12), demonstrando novamente que para ele ter alguém para quem pode contar a verdade e que verdadeiramente o conhece é bastante importante.

A última cena da temporada é um importante momento para análise do existencial ser-com-os-outros de Dexter. Nesta Dexter fantasia como seria se as pessoas soubessem que foi ele quem matou o “Ice Truck Killer”, imaginando pessoas segurando placas com sua foto, o agradecendo, assim como um avião carregando uma bandeira com seu nome e os outros policiais o parabenizando, ao imaginar isso, Dexter pensa: “Isso deve ser como se sente ao caminhar na luz. Minha escuridão revelada. Minha sombra aceita. Podem me ver. Sou um deles. Nos seus sonhos mais obscuros” (ep. 12). Desta forma, Dexter demonstra

querer revelar seus segredos e que estes fossem aceitos pelos outros, querendo ainda que seus atos, de assassinar outros assassinos, fossem celebrados, em síntese Dexter queria, como demonstra sua fala, ser visto e ser um deles (dos outros), ser como os outros.

Ainda em relação a última cena, Dexter completa sua fala dizendo que ele é como os outros em seus sonhos mais obscuros, revelando que os outros também querem o que ele quer: que os assassinos sejam mortos. Assim, Dexter considera que possui uma relação com os outros, um querer em comum, uma conexão. No entanto, tal conexão é pautada pela obscuridade, pelo não explícito, já que os outros são como ele apenas em seus sonhos.

Em suma, no existencial ser-com-os-outros Dexter aparenta estar estreitado em um ser-com fingido, distante, controlado e inautêntico, sem ser capaz de transcender o significado emocional das situações sociais em que se encontra, lidando com os sentimentos alheios e com seus próprios de forma literal. Tal modo-de-ser-com-os-outros fingido lhe dá vontade de estar sozinho para que possa ser si mesmo, no entanto, Dexter demonstra também querer ter uma relação com os outros mais autêntica. Assim, evidencia-se uma ambiguidade no relacionamento de Dexter com outros, por um lado sua relação com os outros é pautada pela inautenticidade, não podendo e não querendo se mostrar e se revelar, tendo a verdade sobre si encoberta. Por outro, Dexter demonstra querer se aproximar, se “conectar” com outros a sua volta, evidenciando, através de suas falas, aquilo que tem em comum com os outros.

Ainda em relação a este existencial Dexter parece não ter interesse na vida de seus colegas e de pessoas menos próximas de si, tratando-os como instrumentos para seu próprio interesse. O mesmo ocorre com suas vítimas, Dexter as desconsidera como Dasein, como portadores de um horizonte de significado, utilizando-as para satisfazer seu interesse em matar, não demonstrando ainda nenhum remorso ou culpa ao fazê-lo. Já com sua família, (pai, mãe, irmã e a pessoa que descobre ser seu irmão) e em alguns momentos com sua namorada Rita, Dexter parece demonstrar um preocupar-se-com, levando em consideração seus sentimentos. No entanto, apesar de explicitar tal preocupar-se, este ainda é restrito, pautado por um sentimento de distanciamento e estranheza.

6.1.2 Ser-Consigo

A primeira temporada de Dexter permiti desvelar o modo como o personagem vê a si mesmo. Dexter, em diversos momentos, relata ser anormal e um “monstro”, revelando uma ter uma imagem negativa de si mesmo: “Felizmente eu acordo mais cedo que pessoas normais” (ep. 9); “Sou um monstro muito organizado” (ep. 1); “Hoje sou um monstro marinho” (ep. 2); “As pessoas acham engraçado fingir que são monstros. Eu passei a vida inteira fingindo não ser um (...)” (ep. 4). O protagonista também se considera vazio e superficial, sem sentimentos e sem coração: “Igual a mim (caixa vazia), vazio por dentro” (ep.1); “Se eu tivesse um coração ele poderia estar quebrando agora” (ep.2); “Ela não sabe que eu não tenho um próximo nível” (ep. 5).

A visão negativa de si impele Dexter a sentir que não é merecedor do sentimento dos outros e que, portanto, se os outros sentem algo por ele são estranhos ou que, se não forem problemáticos, o deixarão: “A tenente tem atração por mim, e eu achei que eu era estranho” (ep. 2); “Isso é um desastre, eu escolhi Rita porque ela era problemática, se ela melhorar eu a perderei com certeza” (ep. 3); “Eu não posso dormir com Rita, toda vez que durmo com uma mulher ela me vê como realmente sou: vazio” (ep. 3).

Dexter se vê, ainda, como alguém não vulnerável: “Minha irmã põe uma máscara para impedir que o mundo veja o quão vulnerável ela é. Eu ponho uma máscara para não notarem o quão pouco vulnerável eu sou” (ep. 2). Tal falta de vulnerabilidade juntamente com o distanciamento sentido por Dexter em relação aos outros, como discutido anteriormente no item anterior, o faz se sentir como algo a parte, como não humano: “O que eu estou fazendo aqui? Tudo o que eu tinha que fazer era ir para casa, comprar comida e planejar meu ataque, mas eu tentei agir como humano, como se fosse meu trabalho salvar vidas” (ep.3); “Meu novo amigo achou que eu não resistia em matar Tucci, mas eu resisti, não sou o monstro que ele quer que eu seja. Não sou homem nem animal, sou algo inteiramente novo, com minhas próprias regras” (ep.4). A última fala demonstra que Dexter não se considera totalmente humano, mas, por seguir o código de Harry e não matar inocentes, também não é animal, é algo intermediário.

Dexter não tem apenas uma visão negativa de si, ele também se vê como agente necessário para manter o equilíbrio: “Guerrero (traficante) vive em um

mundo perigoso que não necessita de mim para balanceá-lo” (ep.2). Assim, Dexter acredita que o mundo comum, não traficante, necessita dele para ser balanceado, seus assassinos equilibram o mundo na medida em que exterminam as pessoas que, e sua opinião, devem morrer.

O âmbito do controle discutido anteriormente também se aplica ao existencial em questão. Dexter não controla somente sua relação com os outros, mas também controla a si mesmo ao não demonstrar o que sente e ao esconder quem é. Neste sentido Dexter demonstra se identificar com máquinas que enterram e que escondem o lixo: “Eu amava este lugar, as escavadoras compactando lixo, camada por camada, enfiando na terra, enterrando, escondendo. Eu achava isso relaxante” (ep.4). O controle de Dexter também é exercido em seu trabalho, uma vez que Dexter sabe exatamente em quantos casos trabalhou como visto no segundo episódio. Assim, Dexter demonstra ser metódico e calculador em diversos momentos: “Eu raramente desvio de um plano” (ep. 5) e “Eu gosto de fazer as coisas de um certo modo” (ep.5).

Esta importância do controle é pautada pelos ensinamentos de Harry a Dexter quando criança. Dexter, ao recuperar suas memórias de infância na terapia, lembra-se de um momento em que seu pai lhe disse: “Controle é tudo, se você perder controle tudo estará perdido” (ep.8). Assim, o pai impele Dexter a sempre se manter no controle, pois se descontrolar, deixar mostrar quem é, tem como consequência a perda de tudo.

Os ensinamentos de Harry a Dexter vão muito além da questão do controle, uma vez que foi Harry e seu código que moldou como Dexter vive: “Eu construí minha vida com base no código de Harry. Vivo de acordo com ele” (ep.9). A influência do pai na vida do protagonista é de tal profundidade que a identidade de Dexter se formulou segundo ele: “Eu sou uma coleção de comportamentos aprendidos, pedaços de Harry, talvez meu novo amigo está certo, talvez eu seja uma fraude” (ep. 4).

Assim, o Código de Harry se apresenta como a base sólida de Dexter, é neste que a personagem pauta sua forma de vida, sua personalidade e também seus gostos: “É um presente embrulhado e implorando pela morte, ferramentas a mão. Ele foi deixado aqui para eu mata-lo, mas meu amigo não me compreende tão bem assim, eu não posso matar esse homem, Harry não gostaria disso. Nem eu” (ep.10). Além disto foi Harry também que ensinou Dexter

a manter-se afastado dos outros: “Minha irmã está certa, eu não compartilho meus segredos com ninguém. Harry me ensinou a ter segredos, autossuficiência e uma boa reserva de sacos vazios” (ep.10).

Com o surgimento de seu irmão em sua vida e, conseqüentemente, com a recuperação de lembranças perdidas, Dexter passa a questionar quem ele realmente é e o que Harry representa para sua personalidade: “Às vezes eu não sei aonde o que Harry vê como eu termina e o meu eu verdadeiro começa” (ep.4); “Eu não sei quem sou” (ep.12).

Desde modo, a aproximação de seu irmão e as lembranças que este traz levam Dexter a conhecer seu passado, de início Dexter não quer entrar em contato com as memórias de sua infância: “Rudy não entendeu meu problema. Desejo que o menino em sangue vá embora, não que volte” (ep.10); “Se existe um inferno eu estou nele, revivendo as mesmas cenas de novo e de novo” (ep.11). Quando lembra de sua infância Dexter passa a ter ataques de pânico, e teme suas memórias, no entanto, após tornar-se curioso em relação ao que lhe aconteceu, Dexter busca compreender seu passado, deixando-se desdobrar sobre ele: “Nunca vivi no passado. Sempre fiquei feliz em deixa-lo em segredo, sem detalhes, só imagens que passam. Mas meu amigo quer que eu me lembre, e eu também quero” (ep.11).

Os questionamentos de sua personalidade se dão, pois, Dexter vê em Brian alguém que ele seria se não fosse pelos ensinamentos de Harry: “Tenho certeza que sem o código de Harry eu teria cometido um assassinato quando ainda era jovem, só para ver o sangue escorrer” (ep.3); “Você é um assassino sem razão ou sem remorso, você é livre” (ep.9). No episódio de número seis Dexter chama o “Ice Truck Killer”, seu irmão, de seu alter ego: “Todo o tempo eu pensei que isso era um jogo que eu estava jogando com meu alter ego, mas relações mudam e está ficando profunda”. Desta forma, para Dexter, seu irmão representa seu alter ego, sua outra personalidade, assim Dexter se vê como sendo também o “Ice Truck Killer”, sendo esta a parcela de sua personalidade encoberta pelo código de Harry, sua versão mais autêntica: “Tudo sobre meu novo amigo (ITK) é ousado, autêntico, o que isso me torna?” (ep.4).

A primeira temporada de Dexter mostra, portanto, o conflito do protagonista em descobrir quem ele é, exibindo, novamente, uma ambigüidade em seu modo-de-ser. Por um lado, Dexter é aquilo que seu pai o tornou, um

assassino com um código, com controle. Por outro, Dexter é também a versão mais autêntica de si e aquilo que seu irmão, seu alter ego, representa: um assassino ousado, autêntico sem razão ou remorso, um assassino livre. O uso da palavra “livre” em seu discurso demonstra justamente como este modo-de-ser assassino, representado pelo seu irmão, é seu modo-de-ser liberto, tornando Dexter e seu modo-de-ser presente, assassino contido, uma restrição de sua liberdade, um estreitamento de suas possibilidades de ser.

O conflito em relação a identidade de Dexter se torna literal na temporada quando seu irmão sequestra sua irmã adotiva, pessoa que ainda liga Dexter a Harry, e pede para Dexter matá-la em uma tentativa de cortar a relação do protagonista à Harry e a seu modo-de-ser fingido e inautêntico. Brian explica isso para o irmão quando Dexter está prestes a mata-lo: “Ela não é sua irmã verdadeira. Ela é uma estranha para você e sempre será. Estava ajudando você quando tentei matá-la (...) Você é quem necessita ser livre irmãozinho” (ep.12) Assim, para Brian, se Dexter matar a irmã tornar-se-á livre, e se entregará a quem realmente deveria ser. Dexter, logo em seguida, concorda com o que Brian diz, mas o mata da mesma forma, escolhendo ser o assassino que Harry o ensinou a ser.

Há, ainda, outra ambiguidade a ser observada, Dexter vê o assassino sem culpa como alguém livre e autêntico, mas ao mesmo tempo vê os outros assassinos como lixo e a si mesmo, pessoa que também mata, como um monstro. Em relação ao assassino que ele mesmo é, em relação a si, Dexter demonstra ter uma opinião mais negativa, ao visitar o container onde sua mãe foi morta ele pensa: “Eu não gosto deste lugar, algo indizível nasceu aqui. Algo que está no lugar mais profundo e escuro da coisa chamada Dexter” (ep.12), assim, para Dexter ele é uma coisa, algo indizível.

O discurso de Dexter explicita algo interessante, ele chama o container onde sua mãe morreu de “o local em que nasci”. Assim, a identidade de Dexter é, para ele, seu modo-de-ser-assassino, ele nasceu quando viu sua mãe ser morta, tal acontecimento é o que, segundo ele mesmo, o levou a ser um assassino em série. No décimo segundo episódio Dexter pensa: “Ele está me levando para um lugar antes dos assassinatos, um lugar onde o menino nasceu?”, isto demonstra que o protagonista considera que, antes de presenciar

a morte de sua mãe, ele nasceu “um menino”, mas depois, com o assassinato da mãe, se tornou uma “coisa”, “algo indizível”.

Brian também considera o do assassinato da mãe como o momento em que ambos, ele e Dexter, nasceram, como visto no último episódio da série. O modo como ambos assassinam suas vítimas parecem apresentar relações em comum com o modo como a mãe deles foi morta. Dexter e o irmão viram a mãe ser esquartejada e ficaram presos em um container com seu sangue dois dias até serem resgatados. Brian, após assassinar suas vítimas, as drena de sangue, guardando potes com estes como troféus, e, posteriormente, as esquarteja, enquanto Dexter assassina suas vítimas e depois também as esquarteja, guardando como troféu uma gota de sangue de cada um de suas vítimas. Assim, torna-se importante também compreender como o âmbito de matar e do sangue é vivenciado por Dexter, analisando desta forma o modo de ser de Dexter com o mundo circundante.

6.1.3 Ser-no-Mundo

A primeira temporada permiti desvelar o modo como Dexter é no mundo, possibilitando acesso à trama de sentidos em que está inserido. São dois os sentidos que se repetem no discurso de Dexter: o sentido de matar e de sangue. Segundo a ontologia de Heidegger, o que manifesta o ser dos entes não é o intelecto, mas sim a práxis, é a manualidade, o estar a mão dos entes, sua serventia, que desvelam seu sentido, o seu ser-para. Desta forma, os entes estão sempre inseridos em uma trama de sentidos, em um todo articulado de significado.

Assim, é necessário compreender o sentido, como o para que do matar e do sangue se apresenta para Dexter. No que concerne o matar Dexter deixa explícito em seu discurso o desejo e o prazer que sente ao assassinar suas vítimas: “Mas estou com fome de outra coisa” (ep.1)”, a “fome” apresenta-se aqui como seu desejo de matar. O assassinar também demonstra ser algo que o satisfaz: “O código de Harry foi cumprido, e eu estou satisfeito” (ep.1).

Matar se apresenta também como uma arte pra Dexter: “Miami com uma taxa de resolução de crimes em 20% é um ótimo lugar para mim, ideal para aperfeiçoar minha arte” (ep.1); “A enfermeira foi minha primeira colega de jogo,

sempre serei grato pelas portas magnificas que ela abriu para mim. As coisas foram caóticas no começo, mas aperfeiçoar uma nova arte leva tempo” (ep.3).

Em seu discurso, Dexter deixa claro a excitação que possui ao assassinar suas vítimas, chamando o ritual de investiga-las e depois apreende-las e mata-las de inebriante: “O ritual é inebriante” (ep.1). Dexter considera ainda que é bom em matar, melhor do que é em se relacionar com os outros: “Sozinho. Assim eu estou melhor. As relações são confusas, mas isso (investigar e matar vítima) eu entendo, isso eu faço bem” (ep. 5).

O desejo de Dexter em matar é demonstrado por este desde pequeno como visto no quinto episódio em que o protagonista pergunta ao pai quando ainda era criança: “Você já matou alguém pai? Como é tirar uma vida humana?”. Tal interesse também se apresenta no episódio de número oito em que Dexter, quando adolescente, teve vontade de matar um colega de sala porque este o importunava, sendo impedido por seu pai. É demonstrado, ainda, que Dexter realmente começou a matar ainda criança, assassinando animais. Quando seu pai descobre a cova em Dexter enterrava os ossos, ele questiona o menino, Dexter responde então que matou o cachorro do vizinho, pois este atrapalhava sua mãe doente a dormir. No entanto, Harry diz que achou muito mais ossos do que teria apenas um cachorro, possibilitando compreender que Dexter matou também muitos outros animais quando criança.

Mesmo quando pequeno Dexter não apresenta remorso ou sentimento de culpa ao matar, isto também é visto ao longo do restante da temporada, sendo mais facilmente observado no episódio nove em que Dexter, apesar de dizer que está em conflito, assassina seu terapeuta. Ao mata-lo o protagonista não demonstra nenhum sentimento de culpa ou parece ficar arrependido posteriormente, ele diz apenas que o Código de Harry deve ser cumprido. O único episódio em que Dexter demonstra culpa, remorso ou dúvida em relação ao que faz é no sexto episódio em que está com medo de ser preso, demonstrando ainda ficar confuso com tais sentimentos: “Nunca senti remorso, dúvida, arrependimento, o que está acontecendo comigo?”. Desde modo, percebe-se que a culpabilidade não aparece com as mortes de sua autoria e sim quando revelam a sua condição como “serial killer”.

O âmbito do controle discutido nos itens anteriores também se repete aqui, uma vez que Dexter aparenta possuir um sentimento de posse em relação

a sua vítima, demonstrando gostar de exercer poder sobre o outro: “Você (vítima) é meu agora, então faça o que eu mando” (ep.1). Ao decidir matar alguém Dexter possui pleno poder sobre sua vítima e seu futuro, assim, matar, assassinar, é um modo de submeter o outro ao seu pleno poder e controle.

Os assassinatos de Dexter são pautados no código que seu pai lhe ensinou, o Código de Harry, que permiti matar apenas outros assassinos que fugiram ao sistema, ou seja, que não foram apreendidos pela polícia. Assim, Dexter segue este código, não matando ninguém que não se encaixe nele: “Nunca faria isso (matar) com crianças, tenho critérios” (ep.1); “Paul precisava desaparecer, mas mata-lo não era a solução. Por enquanto o código de Harry permanece cumprido” (ep.10). Os ensinamentos de Harry também permitem Dexter cometer assassinatos sem ser pego, assim, para o protagonista a morte se apresenta de outra forma, como algo que pode incrimina-lo: “Harry me ensinou que a morte não é o fim, ela é o início de uma reação em cadeia que pode pega-lo se não tiver cuidado” (ep.3).

Apesar dos ensinamentos de Harry, Dexter explicita em seu discurso que seu horizonte de sentido no âmbito de matar não é vingança, não é isto que o motiva, que o leva a matar. Isto é compreendido através de um diálogo entre Dexter e seu irmão em que este diz ao protagonista: “Você só mata assassinos, é como um vingador”, ao que Dexter responde: “Não é por isso que eu mato” (ep.12).

Segundo Boss, pautado no pensamento heideggeriano, a patologia nada mais é do que a restrição, o estreitamento das possibilidades do modo-de-ser. Em seu discurso, Dexter desvela tal estreitamento no que tange seu desejo de matar. Assim, Dexter não vê outra possibilidade de ser que não o modo assassino, sente-se preso a condição de assassino sem ter a perspectiva de vir-a-ser de outro modo: “Eu também não posso evitar (matar)” (ep.1); “Eu sou um psicopata, não há nada que se possa fazer por mim” (ep.8). Desde modo, matar se mostra como um horizonte de sentido imutável, inegável: “Não tenho controle sobre o meu destino” (ep.2).

Em relação a outra unidade sentido recorrente no discurso de Dexter, o sangue, o protagonista apresenta uma forte ambiguidade: “Sangue as vezes me arrepia, as vezes me ajuda a manter controle” (ep.1). Assim, por um lado o sangue, para Dexter, possui duas facetas, por um lado ele é algo ruim, horroroso,

grudento e sujo: “Não há sangue grudento, horroroso, que ideia maravilhosa” (ep.1), sendo um corpo sem sangue, o modo como o “Ice truck Killer” deixa os corpos de suas vítimas, algo encantador, limpo, perfeito, um oásis, um ideal a ser buscado: “Eu nunca vi um corpo tão limpo, seco e perfeito como este. Encantador” (ep.1); “Primeiro ele vira minha cabeça para baixo com todo o sangue, agora ele me deixa isso (corpo sem sangue): um calmo oásis no meio da confusão” (ep.11).

Por outro lado, apesar do sangue se mostrar como algo ruim para Dexter, ele não consegue pensar sem sangue: “Não há sangue, não consigo pensar, preciso sair daqui” (ep.1). Além disso o sangue se mostra, em diversos momentos, como o oposto do que demonstra seu discurso primeiramente, aparecendo como algo lindo, dramático, divertido, como uma obra de arte: “Lindas linhas de sangue, sem manchas, sem respingos. Lindo e simples” (ep. 1); ao ver manchas de sangue: “É como fotografar um Jackson Pollock (famoso artista expressionista)” (ep. 5). Tal sentido positivo do sangue também se apresenta quando Dexter vê os potes de sangue que seu irmão coleciona das vítimas: “um frasco de sangue. Dramático, enigmático e divertido” (ep.10).

O âmbito do sangue parece ser de grande importância para Dexter, quando este está conversando com Rita no segundo episódio, o protagonista diz a ela: “O sangue é...”, ele pensa então: “minha vida”, mas responde a ela: “meu trabalho”. Assim, o sangue aparece como centro da existência de Dexter, quando pequeno diz que mataria para ver o sangue escorrer: “Tenho certeza que sem o código de Harry eu teria cometido um assassinato quando ainda era jovem, só para ver o sangue escorrer” (ep.3). Quando analisa as cenas de crime Dexter parece extasiado em acompanhar os padrões de sangue, Doakes, seu colega de trabalho, diz que parece ficar sexualmente excitado com o sangue.

Após descobrir como sua mãe foi morta, o sangue passa a incomodar Dexter. Em uma cena do crime do “Ice Truck Killer”, este deixa um quarto de hotel inundado em sangue para Dexter, o que lhe faz lembrar-se de sua infância. Dexter, após recuperar suas memórias, compreende que sua fascinação por sangue advém do que ocorreu com sua mãe: “Minha mãe foi assassinada na minha frente. Faz sentido que escolhi uma vida em que busco sentido em sangue. A única lembrança que tenho dela é banhada em sangue” (ep.11).

O sangue, dessa forma, apresenta-se como horizonte de sentido marcante para Dexter, pautado ao mesmo tempo por fascinação e asco, um querer estar perto de, ao fazer de sua profissão um especialista em sangue, mas também uma aversão, um deslumbre por um corpo drenado de sangue. Tal sentido é provocado, como desvelado nos episódios finais, pela vivência de Dexter em ver a morte e desmembramento de sua mãe.

6.1.4 Modo-de-Ser de Dexter

A compreensão das vivências de Dexter permite perceber que o modo-de-ser do protagonista é pautado por dois âmbitos que se repetem em todos os existenciais analisados: o âmbito da ambiguidade e do controle. O primeiro visto no ser-com-os-outros uma vez que Dexter apresenta uma dualidade em seu desejo de, ao mesmo, querer se aproximar e se manter afastados dos outros. No segundo existencial, ser-consigo, Dexter também demonstra ambiguidade em relação a si mesmo, vendo-se por um lado como o que Harry o tornou e ao mesmo tempo como o irmão, assassino livre, não tomando um posicionamento em relação a si mesmo.

Ainda neste existencial percebe-se que a compreensão de Dexter em relação aos assassinos também é dual, entendo estes ora como lixos, ora como livres, ou, no que tange a si mesmo, como monstro. Por último, o existencial ser-no-mundo também demonstra ambiguidade no âmbito do significado de sangue para Dexter, uma vez que este aprece, por um lado, como algo fascinante e, por outro, como algo aversivo.

Em sua ontologia, Heidegger discute o “decair do Dasein”, os modos como o Dasein “cai” no impessoal, se tornando “todos nós, ninguém”, aquele que é, ao mesmo tempo todos nós, mas que em última análise é ninguém. O decair no impessoal é um aliviar do fardo de *ter de ser*, é retirar do Dasein a responsabilidade de ser si mesmo, pois de início e na maioria das vezes, o Dasein é aquilo que tudo mundo é, sendo mais fácil permanecer no impessoal, sendo o que os outros são:

Mas, porque antecipa todo julgar e todo decidir, a-gente retira cada vez a responsabilidade de cada Dasein. A-gente pode que se prestar a que constantemente se apele para ela. Pode se incumbir de tudo com a maior facilidade, porque não há quem

tenha que responder por algo. Sempre 'era' a-gente e se pode dizer, no entanto, que não foi 'ninguém'. Na cotidianidade do Dasein a maior parte das coisas é feita por alguém de quem se deve dizer que não era ninguém (...) A-gente alivia, assim, cada vez, o respectivo Dasein em sua cotidianidade. (Heidegger, 2012, p. 367).

Segundo o mesmo autor, um dos modos como os quais o Dasein cai no impessoal é através da ambiguidade. Desde modo, Dexter, ao desvelar as ambiguidades supracitadas, vive no impessoal, decaído ao todos nós, ninguém, pautando seu ser naquilo que é comum a todos. Na ambiguidade o ser-aí não se posiciona, não decide, não se apropria de uma escolha. É nesse sentido que Dexter, por exemplo, diz que se eu tivesse que me envolver com alguém seria com Deb (irmã), não assume que está envolvido, que tem zelo por ela. Esta, entre tantas outras ambiguidades, pauta a vida de Dexter.

O âmbito do controle também aparece em todos os existenciais, em ser-com-os-outros, Dexter controla a sua interação com as demais pessoas ao mentir, ao utilizar máscaras que escondem quem realmente acha que é. Já no ser-consigo percebe-se que Dexter controla também a si mesmo ao não demonstrar o que sente. No último existencial discutido, ser-no-mundo, o controle aparece no interesse de Dexter de matar, uma vez que assassinar permiti total controle sobre o futuro do outro. Desta forma, desvelasse que o modo-de-ser de Dexter é principalmente pautado pela ambiguidade e pelo controle, sendo compreendido em todos os existenciais analisados.

Outra importante questão vista em relação ao modo-de-ser de Dexter é que este é fundamentado, ainda mais, este é controlado pelo "Código de Harry", os ensinamentos de seu pai. É este código que dita que Dexter deve sempre estar no controle sobre si para poder controlar também os outros, demonstrando apenas aquilo que é permitido pelo código. É este código também que impede Dexter de ser aquele que considera mais autêntico: seu irmão, seu alter-ego. Assim, o modo-de-ser autêntico de Dexter é encoberto, restringido pelo código do pai, Dexter deve obedecê-lo independente de seus desejos e querer. Dexter, portanto, vive de forma imprópria, vive através de Harry, através do que ele o tornou.

6.2 O Horizonte de Sentido de Pedro Filho

A compreensão do horizonte de sentido de Pedro Filho foi realizada através da análise de uma entrevista feita por Marcelo Rezende para um programa da rede Record. Neste sentido, é importante ressaltar que a análise realizada através de entrevistas feitas por terceiros dificulta a compreensão do horizonte de sentidos vividos pelo entrevistado. Por se tratar de uma entrevista voltada para o âmbito jornalístico, as ênfases a respeito dos acontecimentos vividos pelo entrevistado são outras, por exemplo, o impacto emocional dos crimes, o inusitado de certos acontecimentos, etc. Uma entrevista fenomenológica, fundamentada na fenomenologia hermenêutica, busca esclarecer com maior profundidade o âmbito de sentidos que concernem às experiências do entrevistado. Respeitando o movimento fenomênico da fala (discurso) do entrevistado, esse tipo de entrevista busca explorar significados e sentidos anunciados no discurso (logos) para se estabelecer as possíveis conexões de sentidos.

Esta análise foi realizada do mesmo modo que a apresentada anteriormente com o seriado Dexter. Procurou-se desvelar o horizonte de sentidos presentes no discurso de Pedro Filho, agrupando as unidades de sentido desveladas em três principais existenciais: Ser-com-os-outros, ser-consigo-mesmo e ser-no-mundo.

6.2.1 Ser-Com-Os-Outros

Pedro Filho, revela o modo como ele compreende as suas vítimas, dizendo que estas não possuem valor algum. Isto pode ser observado no momento em que o entrevistador pergunta se ele mataria novamente todas as pessoas que assassinou - Pedrinho responde: “É, é porque não vale m... nenhuma (...) Não valiam nada” (SIC), em outro momento da entrevista o homem diz ainda: “Não matei nenhum coitado. Não vale m... nenhuma”.

Pedro também demonstra não ter apreço por estupradores, sentindo nojo destes e considerando que estes denigrem a imagem do gênero masculino: “(...)

não posso ver nem longe que me dá o maior nojo, óh. Aquele estuprador que matou a mulher lá, o maníaco do parque lá, dá nojo quando eu vejo esse cara. O cara estraga a gente”; “Nós não aceitamos este tipo de gente”. É importante ressaltar que este horizonte de compreensão a respeito do estuprador nas cadeias brasileiras é comum, algumas cadeias chegam a isolar os estupradores de outros presos como medida de segurança. Tal compreensão sugere a possibilidade de uma compreensão imprópria, ou seja, impessoal (das man), Pedrinho pode estar se guiando por horizontes, onde todos se guiam (impessoais), não há aqui uma compreensão própria.

Deste modo, Pedro considera que todas suas vítimas mereciam morrer, pois não possuem valor algum, no entanto, ainda segundo o homem, mulheres e crianças não merecem o mesmo o destino: “(...) aí falei tudo que é homem bala neles, tudo que é mulher e criança não”. As mulheres pobres são vistas ainda como “coitadinhas” (SIC): “(...) Não era comigo, mas pessoa pobre! Pega uma mulher pobre! Elas são coitadinha (...)”. No entanto, não assassinar mulheres não se trata de defende-las, mas não se deve matá-las ou estuprá-las, pois, isto é, para Pedrinho, algo errado: “Não é defender mulher, mas não pode fazer isso aí, agora o senhor tá vendo aí, como é que tá aí? Todo dia é caso de estupro”.

Pedro compreende também que deve matar por seus amigos e família: “Uma pessoa vai e tira uma vida de um amigo, oh senhor, eu não vou vingar? Eu sou o que? Não sou amigo da pessoa. Ainda mas uma irmã ainda, mas uma mãe”. Assim, defender aquele que considera amigo ou família mostra-se importante para Pedrinho, uma vez que ele mataria novamente somente para defesa própria ou para defender alguém que gosta: “Não (mataria), de jeito maneira. Só se for no último caso mesmo, se for tirar minha vida ou a vida de alguém, de uma pessoa que a gente gosta, pelo contrário não”.

Ainda em relação a família Pedrinho demonstra cuidar deles: “(...) E eu tive que mata macaco, pescar, entendeu? Que antigamente aqueles chimpanzé, macaco da roça, comprava muito pra fazer gola de blusa, pesca, caça pra arrumar alimento pra minha família que tava passando fome”. No entanto, tal cuidado é pautado pelo o que é material, tangível. Mesmo quando assassina pela família, como será visto adianta no existencial ser-no-mundo, Pedro não demonstra ter uma conexão sentimental mais profunda, uma vez que em um momento assassina pelo pai e em outro, mata o pai pelo o que fez com sua mãe.

Assim, mesmo as relações que aparentam ser mais íntimas a Pedrinho são voláteis, seus sentimentos e ligação afetiva aparentam ser orientadas pelo imediatismo da situação, se algo o deixa bravo ele reage a tal sentimento independente de quem for a pessoa ou quão próxima esta é dele. Isto também é visto quando Pedro sente ódio de seu primo por este ter lhe agredido fisicamente, jogando este, ainda quando tinha dez anos, em um moedor e, quando isto não foi suficiente para machucá-lo, esfaqueou-o:

Ele me deu um soco nos olhos que inchou, entendeu? Aí uma vez esse primo meu tava descascando uma cana e passando lá no... (...) No moedor, é elétrica, aí eu empurrei ele lá to pensando que ele vai passar que nem passa cana (risos). (...) Mas não passou merda nenhuma só passou até aqui (aponta para o cotovelo) e ficou “uuuu” (sinalizando o movimento da máquina) aquele negócio lá, aí vieram todo mundo e desligaram a máquina. Entendeu? Mas quando vieram e desligaram a máquina eu piquei ele no facão tudo na máquina mesmo, aí antes que meu avô chegasse com os pião tudo da roça eu joguei no chão (...).

O trecho de entrevista apresentado acima demonstra ainda que Pedro diverte-se com a violência que inflige aos outros, uma vez que, ao contar a história de como agrediu o primo, ri da situação. Tal divertimento aparece em outros momentos da entrevista juntamente com a diversão de submeter os outros ao seu controle: “Tive que tomar o revólver do guarda (risos) se não eu não chegava onde tava meu pai que era na galeria da frente”; “(Matei) Uns oito eu acho (risos) e uns dez ou 14 feridos. Não fiquei satisfeito não”; “Isso aí é verdade, mas vou dizer pro senhor, pra mim sobreviver, tá aqui hoje tenho marca, tudo marcado de faca braços, costa, boca tudo. Tive que dar facada pra caramba viu (risos)”. Em seu discurso, Pedrinho revela ainda que os outros tem medo dele: “(...)meu companheiro já tavam sabendo que escutou no rádio de madrugada, ficou acordado jogando e não contou nada pra mim de medo né(...)”.

Desde modo, Pedro compreende que ser mantido afastado dos outros, pois considerasse perigoso para estes. Isto é visto em um trecho de uma entrevista antiga feito com o homem quando este havia sido preso pela primeira vez. Neste trecho, o entrevistador pergunta a Pedro se ele deve manter-se afastado dos outros, ao que Pedrinho responde: “Isso mesmo, tem que evitar né”, então o entrevistador pergunta se o motivo para tanto é porque ele apresenta perigo aos outros e Pedro concorda dizendo: “É, para ser sincero é”.

Pedrinho revela ainda gostar da solidão: “Eu sempre gostei da solidão, sempre gostei, sempre gostei da solidão”, dizendo que o motivo disto é justamente por ter sido mantido afastado dos outros durante seu encarceramento: “Porque já acostumei, antigamente não era 10, 12 não na cela, era um. Sozinho ali, entendeu? Só via gente quando passava o guarda e contava”.

Desde modo, Pedro revela um afastamento em relação aos outros, julgando aqueles que ele mesmo assassinou como pessoas sem valor. No entanto, Pedrinho considera aqueles que o outro assassina ou viola como “coitadinhos” (SIC). Exemplo disso pode ser visto quando o homem discursa sobre as mulheres que sofreram abuso sexual e quando afirma que se houvesse pena de morte no Brasil a justiça mataria apenas que não deveriam morrer. “(...) Pega uma mulher pobre! Elas são coitadinha”; “Não ia adiantar nada, só ia mata coitadinho”. Tal compreensão parece ter relação com o modo como Pedrinho vê a si mesmo, entendendo-se, como será visto no próximo existencial, como alguém cujo julgamento é soberano ao dos outros.

6.2.2 Ser-Consigo-Mesmo

Pedrinho demonstra compreender a si mesmo como um juiz, legislando sobre quem merece ou não morrer, não atribui essa função a justiça. Isto é visto na entrevista no momento em que Marcelo pergunta a Pedro se ele é a favor da pena de morte no Brasil, Pedrinho nega, explicando que: “Não ia adiantar nada, só ia mata coitadinho”. Quando Marcelo pergunta então a Pedrinho porque ele assassina os outros sendo contra a pena de morte, Pedrinho responde:

Porque não vale m.... nenhum, entendeu? Não matei nenhum coitado. Não vale m.... nenhuma, uma vez um repórter falou isso pra mim: ‘Pedrinho, você falou que não mata um pai de família, não mata gente boa, essas pessoas não é pai, como se fosse um pai de família?’ Eles que pensasse mil vezes antes de entrar no crime de cuida dos filho deles e da família deles, já na hora que entrou é porque não ama nem a família.

Desde modo, Pedrinho julga os outros por seus atos ilícitos, mas considera que seus próprios atos não são ilícitos, pois ele não é como os outros,

ele é quem pode lhes julgar. Por ver a si mesmo como juiz soberano, Pedro compreende que as pessoas que ele mesmo assassinou não tem valor, mas aqueles que a justiça condenou ou as pessoas assassinadas por outros como “coitadinhas”. Há um poder conferido a si mesmo, ele sabe quem deve de fato morrer. Tal poder, constitui-se pela certeza, pela ausência da dúvida - não há arrependimento, não há culpa em relação a si mesmo. Assim, é ele, e apenas ele, que segura nas mãos a decisão correta sobre o julgamento dos outros, é ele quem decide o que aguarda o futuro do outro, viver ou morrer.

Pedrinho, então, possui uma elevada estima, isto também é visto quando o entrevistador questiona Pedrinho sobre o emprego que teve quando foi liberado após ser preso pela primeira vez. Como caseiro de um sítio ele diz que lá costumava ter muitos ladrões, mas que ele era capaz de proteger a casa, pois ela só foi assaltada quando ele retornou à prisão: “Às vezes entrava ladrão lá e eu dava um susto nele (...) Dar susto, né? Dar um tiro para cima...opa opa opa ...vai, entendeu? Nunca ela foi roubado (...) Roubou depois que eu vim pra cadeia”.

Pedro, na época da entrevista aqui analisada, diz querer mudar quem ele foi, arrependendo-se das tatuagens que possuía no corpo, alterando-as quando saiu da prisão: “Mas me arrependo pro resto da vida de ter isso (tatuagens) aqui e isso aqui (aponta para os dois braços). Isso aqui é sem futuro”. Deste modo, Pedro demonstra querer apagar as marcas que denunciam quem ele foi.

O homem também diz não gostar do nome Pedrinho Matador, afirmando que tal apelido atrapalhou seu retorno à sociedade pelo período que passou solto: “(Atrapalhou) Muito, muito, muito, muito...Muito que eu não gosto nem que chame desse nome aí. Preso nenhum, companheiro aqui, nem o guarda me chama desse nome”. Pedrinho desvela, deste modo, querer se distanciar de quem foi anteriormente, recusando o nome que adquiriu na época de seus crimes e apagando as tatuagens realizadas nesta época que revelam seus feitos e quem era.

Por fim, em relação a si mesmo Pedrinho ainda parece considerar-se um agente de vingança, uma vez que seus assassinatos parecem desvelar um horizonte de sentido pautado pela justiça em relação ao outro, como será visto no existencial ser-no-mundo.

6.2.3 Ser-no-Mundo

No decorrer da entrevista, o discurso de Pedro desvela duas principais unidades de sentido no existencial ser-no-mundo: o modo como compreende o matar e a liberdade. Em relação ao primeiro, para Pedrinho assassinar parece ser algo que o faz se sentir bem: “Faz mal à família, faz mal ao amigo, então a gente pega aquele ódio, enquanto você não mata você não tá legal. É um negócio entendeu?”. Assim, assassinar é algo que permiti “descarregar” suas emoções: “É um alívio, sentia que descarregou aquilo que tinha que descarregar. Sem contar que matando o inimigo você descarrega”. Pedrinho ao matar parece se sentir útil aos outros, uma vez que pensa em aliviar a existência dos outros exercendo o seu poder – o poder de tirar a vida do outro, eliminar um obstáculo, um problema. É interessante observar que neste modo de ser no mundo, Pedrinho é literal, vê os acontecimentos de modo objetivado, sua compreensão e sua ação é afinada a algumas disposições afetivas, raiva, ódio, nojo e guiando-se por estas disposições mata, elimina. Sua compreensão a respeito dos outros não transcende, não flui para outras possibilidades compreensivas.

A primeira frase de Pedrinho supracitada também explicita algo interessante, o homem menciona a família e os amigos, dizendo que quando alguém prejudica estes ele sente ódio, sentimento que pode ser aliviado apenas quando mata. Deste modo, Pedro assassina por aqueles que gosta, vingando o que foi feito a eles. Tal vingança aparece em diversos momentos na entrevista, primeiramente Pedro vinga seu pai ao assassinar aqueles que o fizeram ser demitido:

Meu pai fazia assim um nescau pra nós de noite, um frio pra toma de noite que ele era guarda da noite e tinha o guarda de dia, o de dia roubava quase tudo, estourou a bomba meu pai segurou tudo sozinho. (...) Aí que aconteceu, aí eu fui matei o prefeito (que demitiu o pai) na porta da casa dele com dois tiros de espingarda, de 28. Esperei, ele chegou ‘tum, tum’, dois cartuchos. E depois de um mês e pouco desci da serra fui matei o guarda dentro da escola, tendeu.

Pedrinho vinga ainda a morte de sua primeira e segunda esposa: “É no tráfico, trabalhava com ela que ela era a chefe, ficou no lugar do marido né. Não gostou aí tive que mata eles e queima os corpos”; “Fui morar com a Aparecida

aí mataram ela também, (...) uns traficante lá de Jacareí, aí eu fui no casamento do irmão dele em Jacareí mesmo (...) Metemo bala neles”. Pedro viga ainda a morte de sua mãe ao matar a pessoa responsável por seu assassinato, o próprio pai: “(...) ele (pai) morava no xadrez da frente, no negócio de seguro onde fica os estuprador tudo, ele tava na cela junto, tinha que aguentar, entendeu? Fui no xadrez dele, ele deu 21 facadas na minha mãe, eu dei vinte e duas”. Assim, segundo Pedrinho, para vingar a morte da mãe é necessário danificar o outro, seu pai, mais do que este danificou a mãe, então para vingar a morte da mãe foi preciso esfaquear o pai uma vez a mais do que este esfaqueou a mãe, sendo necessário, ainda, cortar e mastigar o coração do pai, uma vez que danificar o coração é vingança: “Por causa do coração né que eu tinha jurado vingança (...) cortei, porque era vingança né (...) Mastiguei e cuspi fora (...) Mastiguei né, porque foi vingança, aí tinha que fazer aquilo, era mãe né?”

Na entrevista Pedrinho revela que não sente “nada” ao matar e que se sentia “normal”: “Entrevistador: Você saia normal? P: Normal E: Você não sentia nada? P: Nada E: Sentia nada de diferente? P: Diferença nenhuma E: Como se você fosse tomar um banho? P: É, um banho gelado (risos)”. No entanto, é importante ressaltar que as perguntas feitas pelo entrevistador são perguntas indutoras, não permitindo a Pedro utilizar as próprias palavras para descrever como se sente ao assassinar. De qualquer forma, em conjunto com o restante de seu discurso em que Pedro conta de forma casual ou ainda com divertimento o modo como assassinou suas vítimas, o ato de matar aparenta ser para o homem algo banal, cotidiano. Isto também é visto quando Pedrinho afirma: “Sim, entendeu? O senhor no meu lugar fazia o mesmo (matar)”, tal frase demonstra que para o homem qualquer um teria feito o mesmo que ele, assim a violência, o assassinato é visto como algo comum.

Neste sentido Pedrinho parece ainda não possuir remorso ou culpa em relação aos assassinatos cometidos, isto é compreendido quando o entrevistador pergunta ao homem se ele sente remorso pelo o fez, ao que Pedro responde: “P: Não tenho nada, vixi, não, tenho não. Tenho não porque se eles matassem eu também tendeu? E as pessoas que eles queriam matar também e que já mataram também, eles não iam senti. E: Não né? Tem alguém que você matou que você acha que não deveria ter matado? P: Não”. Assim, Pedrinho não demonstra sentir-se culpado pelo fez, sentindo ainda insatisfação por ter

deixado um dos homens que matou sua segunda mulher escapar: “P: (Matei) Uns oito eu acho (risos) e uns dez ou 14 feridos. Não fiquei satisfeito não E: Não ficou satisfeito não? Por que? P: Porque um escapou, aquele que mandou (matar) tinha escapado”.

Em um trecho da primeira entrevista realizada com Pedrinho, quando foi preso pela primeira vez, o homem revela, ao dizer que mataria outro assassino, o maníaco do parque, que era capaz de matar a qualquer momento, sem preocupação consigo mesmo ou com sua liberdade: “Falei pra ele (maníaco do parque) na hora que ele passou com o guarda, que ele mora lá em cima, falei pra ele assim: pode falta um dia pra eu ir embora, se você tiver de frente comigo te mando pro inferno, me dá até nojo fala num diabo desse”.

Ainda quando mais novo Pedrinho tatuou em seu braço o que sentia ao matar: “Mato por prazer”, no entanto, atualmente o homem demonstra não possuir o mesmo sentimento, uma vez que cobriu a tatuagem que possuía: “Você vê que eu parei com o crime que eu até tirei essa frase e fiz um escorpião aqui, era ‘mato por prazer aqui’ e eu fiz um escorpião. Eu fiz o escorpião lá em Santa Catarina pra tampa essa frase”. Desde modo, Pedrinho diz não querer mais cometer crimes, afirmando que não quer mais matar: “E: Você seria capaz de matar hoje? P: Não, de jeito maneira. Só se for no último caso mesmo, se for tirar minha vida ou a vida de alguém, de uma pessoa que a gente gosta, pelo contrário não. Olha que eu evitei, evito pra caramba, na rua mesmo evitei (matar)”.

No entanto, apesar de ter evitado matar, Pedrinho ainda assassinaria para proteger a si mesmo ou alguém que gosta, demonstrando que o horizonte de sentido de matar ainda está presente em sua vida. Em seu discurso Pedrinho demonstra ainda que sente uma obrigação em matar: “(...) eu era até obrigado, quantas pessoas já tirei vida no sistema penitenciário; “ (...) Não gostou aí tive que mata eles e queima os corpos”. Obrigação que parece estar relacionado com tal proteção de si ou de outros próximo a ele, uma vez que mataria apenas por isto.

A liberdade parece ser também uma unidade de sentido importante para Pedro, uma vez que ele diz ter amado a liberdade quando saiu da cadeia: “Eu amei a liberdade!”. Após 34 anos presos Pedrinho sentiu que o mundo ao seu redor havia mudado: “Tudo mudado, na estação, saí sozinho...tinha catraca,

tinha que por o negócio lá de...daqueles cartão lá. Tinha que pula (a catraca) de fora, ao contrário, tinha que te outra pessoa me ajudando”. Apesar da mudança no meio físico descrita por Pedro, a maior alteração para ele foi em relação aos jovens: “São os jovens de hoje...oxa...me surpreendeu bastante (...) o modo deles agir, de pensar, entendeu? Muito diferente de como era antigamente”.

Devido ao amor pela liberdade Pedrinho vê a cadeia como algo odioso e não sentiu falta alguma desta quando foi solto: “Nada que! To louco pra ir embora de novo (risos). Não senti nada senhor (...) Senti falta não (da cadeia), eu não gostava nem que falassem de cadeia pra mim”; “Vixi até corri (de matar) se o senhor quer saber (...) Porque não dá pra tira cadeia mais não, não quero, não dá”. Nesta última fala Pedro demonstra que “correu”, que evitou matar para não ser preso novamente, desta forma, o não assassinar se mostra não como um desejo, mas sim um meio para não ser preso novamente. Neste contexto, Pedro sente ainda que seu retorno a prisão foi injusto: “(Fiz) Nada, nada, nada, nada! Me pegaram (para levar à cadeia) trabalhando, lá no meu serviço, nós tava almoçando sentado lá na varanda, lá de Camboriú”.

Em seu discurso Pedrinho revela os planos para o futuro, desvelando seu horizonte de sentido, sendo este pautado pelo apreço as coisas cotidianas, ele quer evitar a cadeia e cuidar de si:

Não, não quero saber de mata mais não, não quero saber, não quero, não dá. Se eu quisesse matar eu voltava pro crime de novo. Sentei, você pensa que não sentei? Sentei, pensei qual caminho que eu ia pega, tendeu? Porque gente pra mata eu tinha, um monte na rua, de monte. Mas falei: “Pô, vo mata vou voltar pra cadeia de novo”, deixa eu trabalha, vou cuidar da minha vida. Já to velho já, to velho, deixo trabalhar, roçar meu matinho, toma meu vinho gelado, deixa esse baguiu pra lá.

A escolha de Pedrinho de não matar e apreciar as coisas cotidianas parece ter sido uma escolha própria, uma vez que o homem, ao dizer que está velho, aparenta ter pautado sua opinião na compreensão de que um dia irá morrer, que ele possui uma finitude. Em seu discurso tal compreensão é o que faz “sentar” (SIC) e refletir sobre o que quer para si. Para alcançar este futuro Pedrinho considera que não deve mais matar, pois assassinar é talhar sua liberdade, é ter a possibilidade de retornar a prisão. Assim, Pedro desconsidera o assassinar como projeto de futuro, preferindo viver em liberdade, afirmando

ainda que “viver a vida” é aproveitar a liberdade: “A vida é a gente saber viver ela, entendeu? Por exemplo, fiquei 34 anos preso, sai lá amei! Puxei amei! Amei a liberdade, não quis voltar mais, agora to louco pra voltar (à liberdade) de novo. Pra eu continuar com meu trabalho, viver minha vida”.

6.2.4 Modo-de-Ser de Pedrinho Matador

A análise dos existenciais acima permiti uma compreensão do modo-de-ser de Pedrinho. Ao se atentar ao existencial ser-com-os-outros, percebe-se que as relações sociais de Pedro parecem ser voláteis, sendo pautadas pelo imediatismo da situação. Ainda neste existencial o homem revela divertir-se com a violência ou submissão realizada com outros, possuindo ainda um código de conduta próprio, que foge aquilo que dita o impessoal, uma vez que Pedro considera assassinar algo comum, ao mesmo tempo em que assassina apenas aqueles que considera que deve morrer, não participando disto mulheres e crianças. Assim, as principais vítimas de Pedro são homens que cometeram crimes.

Apesar dele mesmo ter cometido diversos crimes, Pedrinho vê-se como diferente, seu poder de julgamento é soberano, sendo ele quem deve decidir se alguém vive ou morre. Assim, no existencial ser-consigo-mesmo o homem demonstra ter uma visão elevada de si, podendo esta ser ainda uma visão de onipotência, uma vez que é ele quem deve decidir o futuro dos outros.

Ao assassinar, Pedrinho parece se pautar em um horizonte de vingança, assim ele faz justiça àquelas pessoas que considera que deve vingar, como sua família, amigos, mulheres e crianças. Tal matar é ainda destituído de culpa ou remorso, suas ações são justificadas pela vingança ao outro, por seu código de conduta. Por fim, para Pedrinho a liberdade é um importante projeto de futuro, ele abstém-se de matar para cultivar a liberdade, escolhendo, para isto, uma vida pautada pelos prazeres cotidianos e do trabalho lícito. Assim, aquilo que antes era fonte de orgulho, o prazer de matar tatuado na pele, é hoje algo desejado de ser esquecido, apagado, as tatuagens foram alteradas e o nome “Pedrinho Matador” desconsiderado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerar os modos-de-ser de Dexter e Pedrinho descritos anteriormente, percebe-se uma congruência entre ambos. Tanto o personagem como o homem possuem um afastamento em seu modo-de-ser com os outros, demonstrando, por este motivo, um gosto pela solidão e isolamento dos outros. Ambos parecem também divertirem-se com a violência, com a subjugação e controle do outro, desfrutando do sentimento que possuem ao matar, sendo que tal sentimento desperta em Dexter excitação sexual.

Apesar de Dexter explicitar os fortes sentimentos que tem pela família, seu ser-com estes ainda é de afastamento e estranheza, coincidindo com Pedrinho ao não compreender e não respeitar os sentimentos alheios. Desta forma, ambos parecem não desejar compreender os outros, pois tal compreensão que não é descolada das disposições afetivas seria um possível caminho para a compaixão, pelo reconhecimento do outro naquilo que lhe concerne que é o direito a vida. A desconsideração em relação aos outros é uma negação do outro na sua alteridade, ou seja, como pessoas também envolvidas com um horizonte de sentido, de projeto, tal condição é mais fortemente demonstrada em relação as vítimas de ambos. Dexter chama suas vítimas de “lixo”, enquanto Pedrinho diz que estes “não valem nada”. Deste modo, aqueles que matam não possuem nenhum valor aos homens, podendo ser descartados quando estes desejarem. A objetivação dos outros exercidos pelo julgamento implacável coloca as pessoas como mero objetivo que podem ser descartados.

Com relação à compreensão de si mesmo (selbst), Pedrinho parece ter uma visão de si bastante elevada, de autoestima, enquanto Dexter apresenta uma baixa autoestima, vendo a si mesmo como um monstro ou como alguém inautêntico. No entanto, os dois se orientam por códigos de conduta próprios, legislando sobre quem deve viver ou morrer. Tais julgamentos são soberanos, acima da justiça e mesmo de Deus, vê-se um sentimento de onipotência. Assim, ambos possuem suas próprias regras e valores, fugindo da ética compartilhada pela sociedade. Cabe ressaltar que o sentido de ‘ethos’, de uma ética funda-se na experiência do convívio, do compartilhar.

Deste modo, são seus códigos de conduta que embasam quem serão suas vítimas, ambos os homens assassinam outras pessoas que cometeram crimes. No caso de Pedrinho o crime é compreendido de forma menos literalmente positivada no código penal, o homem assassina aqueles que em sua própria concepção cometeram crimes, enquanto Dexter escolhe como vítimas aqueles que comprovadamente assassinaram, pautando-se literalmente no que é considerado crime pela Justiça. Para Pedrinho o assassinato é explicitamente pautado em um horizonte de vingança, enquanto Dexter diz que o motivo de assassinar não é vingança, mas ambos matam apenas aqueles que seu código de conduta permite, aqueles que cometeram crimes. Ambos demonstram ainda nenhuma culpa ou remorso ao matar, divertindo-se ou excitando-se com tais atos.

Os modo-de-ser tanto de Pedrinho como Dexter afinam-se com o que a nosografia descreve como transtorno de personalidade antissocial. Ambos se encaixam nos aspectos descritos desse transtorno contemplados no DSM V e CID-10, assim como as características descritas por Robert Hare², estudioso de maior renome do transtorno atualmente. Desde modo, ambos possuem dificuldade em seguir as normas sociais impostas pela sociedade, preferindo seguir seus próprios códigos de conduta, desrespeitam e desconsiderando os sentimentos alheios, possuindo comportamento enganoso e manipulativo ao utilizar os outros para seu próprio benefício. Homem e personagem são também irritadiços, ferindo aqueles que lhes fazem mal ou a alguém que protegem, demonstrando, ainda, ao se colocar em conflito com os outros, propensão a se expor a situações de perigo, desprezando sua própria segurança. Por último, ambos não possuem remorso ou culpa pelos seus atos, não demonstrando ainda empatia em relação aos outros.

No entanto, o presente trabalho não se preocupou em analisar nosograficamente a patologia de Dexter e Pedrinho, mas sim oferecer uma compreensão de seus modos-de-ser afinado com o pensamento fenomenológico. Desta maneira, procurou-se compreender o sentido das

1. ²Robert Hare Famoso especialista em Psicopatas. Publicou: *Psychology of Criminal Investigations International Handbook on Psychopathic Disorders and the Law Snakes in Suits* Traduzido para o português: *Manual, Interview Guide, Percentile Tables*.

restrições vividas por cada um, tal empenho procurou refletir sobre o estreitamento encontrado em alguns existenciais analisados. Percebe-se que, apesar de impactar diversos existenciais, a psicopatia parece afetar mais profundamente o modo-de-ser-com-os-outros, uma vez que o afastamento, o não reconhecimento do outro, a dificuldade de empatizarem é notória.

Segundo Heidegger: “O ente em relação ao qual o Dasein se comporta como ser-com, mas não tem o modo-de-ser do instrumento utilizável, é ele mesmo Dasein. Desse ente o Dasein não se ocupa, pois ele se preocupa” (2012, p. 351). Deste modo, o Dasein, em relação ao próprio Dasein se preocupa, enquanto com outros entes o Dasein se ocupa. Isto quer dizer que o Dasein trata de outros entes, de início, pela sua práxis, por sua manualidade. Assim, segundo Heidegger o que desvela o ser dos entes é sua serventia. Isto quebra com o paradigma sujeito-objeto das ciências naturais, pois o Dasein não é um ente meramente observador, ele é um com o mundo, está junto ao significado e sentido que são compreendidos a partir dessa servicibilidade (utilidade). O *ser-em-si* dos entes é justamente, portanto, a manualidade, porque as coisas chegam para o Dasein como servindo para alguma coisa, para um para que, os entes (as coisas) estão, de início, sempre à mão.

O caráter de objetivação descrito anteriormente, mostra que tanto Dexter como Pedrinho, não se preocupam em larga medida com os outros as pessoas a serem executadas transformando-os em objetos, entes a serem manipulados como um instrumento, um meio para, e não como pessoa que está no mundo também envolvida em um horizonte de sentido. Esta substituição é descrita por Heidegger na ontologia de Ser e Tempo:

Pode como que retirar a “preocupação” do outro, ocupando seu lugar na ocupação, substituindo-o. Essa preocupação-com-o-outro se incumbe pelo outro daquilo de que este deve se ocupar. Este é expulso de seu lugar, dali se afasta para regressar posteriormente e receber, como algo terminado e disponível, aquilo de que se ocupava ou então para ficar de todo desobrigado desse encargo. Em tal preocupação-com o outro pode se tornar dependente e dominado. Essa preocupação-com substantiva que subtrai a “preocupação” determina em ampla extensão o ser-um-com-o-outro e, no mais das vezes, atinge a ocupação do utilizável.

Deste modo, quando afinado ao transtorno de personalidade antissocial, o Dasein se afasta de outros Dasein, substituindo o lugar de preocupação do

outro por uma ocupação, um objeto com serventia. Assim, parece que a psicopatia afeta a possibilidade de sentir-se junto aos outros, de partilhar com os outros a familiaridade presente quando se é íntimo, quando se está junto a outros Dasein.

João Augusto Pompeia, em seu livro “Os dois nascimentos do homem”, discorre sobre a importância dos limites para a organização da vida em sociedade. Os limites possibilitam a proteção ao instaurar a ordem, protegendo a sociedade da confusão, do caos. Os limites também são importantes para apreender que “nossa ação pode ser destrutiva para o mundo. É isso que nos dá uma medida de nosso poder, da nossa potência” (Pompéia, 2011, p. 36). O homem, ao viver em sociedade, ao constituir a *pólis*, constrói suas próprias leis, e “nessas leis está implícita uma recusa do homem a ser simplesmente servo das leis da natureza ou dos deuses. O homem se autoriza a ser legislador; (...) Os homens fazem as leis dos homens” (op. cit. p. 38).

Ao redigir suas próprias leis, o homem constitui sua ética, ética aqui deve ser entendida como Pompéia a explicitou:

Essa palavra (ética) vem do grego *ethos*, que significa originariamente o lugar onde se habita. Foi traduzida no latim para *habitat*. No pensamento de Heidegger, *ethos*, de onde provém ética, não é o mero espaço físico, mas sim a morada o abrigo, o lugar onde vivo, onde habito, no sentido de o lugar onde estou em “em casa”. É o lugar da liberdade (...) Liberdade aqui não quer dizer potência, mas sim familiaridade. (Pompéia, 2011, p. 37).

Desde modo, ao entender-se *ethos* como morada, a ética não é a forma de agir, mas sim “o significado do poder ser, em liberdade, o poder compartilhar a morada com os outros homens” (op. cit. p. 37). A ética é, portanto, o que permite a liberdade pautada pela intimidade, familiaridade com os outros. Neste contexto, Pompéia conclui: “Os animais nascem uma vez. Os homens nascem duas vezes. O segundo nascimento do homem é o surgimento do propriamente humano, a sua essência, seu *humanitas*, que é ser livre” (op. cit. p. 37).

O homem, portanto, nasce homem, mas torna-se humano. Assim, ser humano não é uma condição imediatamente dada, ela deve ser adquirida cotidianamente ou não, isto porque os homens podem tornar-se desumanos. Tornar-se humano é cuidar da sua morada humana, de seu *ethos*, é partilhar da morada com os outros, tornar-se íntimo e familiar com tal partilhar.

Ao nos atentar-se ao transtorno de personalidade antissocial, percebe-se que há uma restrição deste partilhar, desta liberdade constituída pela intimidade com os outros. O psicopata parece, então, não habitar a morada do *ethos*, parece não compartilhar das regras existentes na *pólis*, não possuir ética, sendo necessário possuir seu próprio código de conduta, como visto nos dois casos discutidos neste trabalho, condutas e morais não partilhadas pelo restante dos Dasein a sua volta. Por não compartilhar, não se tornar familiarizado com a morada, *ethos*, sente-se afastado, isolado e solitário.

A condição da psicopatia parece, portanto, ser pautada pela impossibilidade de adentrar a morada ética, a morada humana. O psicopata, parece, assim, não possuir o segundo nascimento, o nascimento para o *humanistas*, para o partilhar do *ethos*, para a liberdade de compartilhar de intimidade e familiaridade com a *pólis*, com os outros a sua volta. O transtorno de personalidade antissocial parece ser a impossibilidade de se tornar humano, tornando o homem desumano.

Segundo Pompéia:

Ética é a apropriação da moral no sentido de autenticação da liberdade que é restrição e do poder que é culpa. (...) Culpa porque, sendo uma história em aberto, o homem está sempre em falta diante de ser poder-ser, de sua necessidade de corresponder à sua essência, que consiste no cuidado de si mesmo, dos outros e do mundo.

Não se apropriando da moral, o homem não possui culpa, não tem a necessidade de corresponder a sua essência através do cuidado de si mesmo, dos outros e do mundo. Assim, compreende-se porque o chamado psicopata não possui culpa ou remorso e aparenta não possuir cuidado com si, com os outros ou com o mundo, porque este não possui ética, não se apropriou da liberdade da intimidade que permitiria o cuidado com os entes

Pode-se perguntar, portanto, o que houve que esse segundo nascimento, o nascimento para o *humanistas*, não se deu no chamado transtorno de personalidade antissocial? Independente das teorias que procuram explicar restrições e sintomas nosográficos encontrados no transtorno, é importante perceber que algo aí aconteceu que não possibilitou o desenvolvimento da alteridade, de sair de si, encarcerando o homem em si mesmo e impossibilitando

o compartilhamento da morada, da intimidade com os outros e o cuidado com entes, restringindo tal existência a um aparente isolamento do mundo ao redor.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Anti Social Personality Disorder*. In: *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, Fifth Edition. Arlington, VA, American Psychiatric Association, 2013, p. 659- 653.

BOLONHA, C. C. *Clube da Luta: Uma leitura fenomenológica do filme “Clube da Luta” buscando apreender o significado das vivências do narrador em sua existência*. 2007. 60 f. Tese (Trabalho de conclusão de curso em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2007.

BOSS, M; CONDRAU, G. *Análise Existencial- Daseinsanalyse: Como a daseinsanalyse entrou na psiquiatria*. . In: Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse. Nº 2 (1976)- São Paulo: A. Associação, 1976. p. 23- 35.

CARDINALLI, I. E. *Daseinsanalyse e Esquizofrenia : um estudo na obra de Medard Boss*. Sao Paulo : Escuta, 2012. 158 p.

_____. *A saúde e a doença mental segundo a fenomenologia existencial*. In: Revista da Associação Brasileira de Dasainsanalyse. Nº 15 e 16 (2011)- São Paulo: A. Associação, 2011. p. 98- 114.

_____. *A psiquiatria fenomenológica: Um breve histórico*. In: Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse. Nº 11 (2002)- São Paulo: A. Associação, 2002. p.72- 84.

CASTELLANA, G. B. *Dialética da Psicopatía*. São Paulo. 2012

CASTRO, L. DE. *Pedrinho Matador: O Dexter Brasileiro*. 2013. Disponível em: <http://4verbos.com.br/pedrinho-matador-o-dexter-brasileiro/> Data de acesso: 11 de Junho de 2014.

Cleckley, H. *The Mask of Sanity: An attempt to clarify some issues about the so-called psychopathic personality*. Georgia: Emily S. Cleckley, 1988. 485p.

DALGALARRONDO, P. A personalidade e suas alterações. In: *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed, 2008. p.257- 276.

DAYNES, K; FELLOWES, J. *Como identificar um psicopata: cuidado! Eles pode estar mais perto do que você imagina*. São Paulo: Cultrix, 2012. 238 p.

DUARTE, J. G. *Vitimizador ou Vítima? Uma análise da psicopatia segundo a visão da Psicologia Analítica*. 2003. 63f. Tese (Trabalho de conclusão de curso em Psicologia)- Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2003.

GARRIDO, V. *O psicopata: um camaleão na sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2005. 293 p.

HARE, R. *Without Conscience: The Disturbing World of the Psychopaths Among Us*. New York: The Guilford Press, 1999. 263p.

HEIDEGGER, M. *Seminários de Zollikon*. Petrópolis: Vozes. 200; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco. 2009. 370p.

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Vol II. Petrópolis: Editora Vozes. 1990

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Schuback. Petrópolis: Editora Vozes. 2009

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Tradução Fausto Castilho. Petrópolis: Vozes, 2012, p.1199.

HOLANDA, A. *Pesquisa Fenomenológica e Psicologia Eidética*. In: *Psicologia e Pesquisa Fenomenológica: Reflexões e Perspectivas*. São Paulo: Omêga, 2001.

DEFIFE, J. *Predador on the Prowl*. In: DEPAULO, B. *The psychology of Dexter*. Dallas: BenBella Books INC, 2010, p. 5- 17.

LIVEIRA, A. V. *Reflexões sobre o Transtorno de Personalidade Anti-Social*. 1999. 75 f. Tese (Trabalho de conclusão de curso em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 1999.

MORANA, H. C. *Identificação do ponto de corte para escala PCL-R (Psychopathy Checklist Revised) em população forense brasileira: caracterização de dois subtipos de personalidade; transtorno global e parcial.* 2003. 178f. Tese (Doutorado em Medicina Psiquiátrica)- Faculdade de Medicina: Universidade de São Paulo, São Paulo: 2003.

MOREIRA, D. A. *O método fenomenológico na pesquisa.* São Paulo: Pioneira Thomson, 2002, 152 p.

POMPEIA, J. A; SAPIENZA, B. T. *Ética e Moral.* In: *Os dois nascimentos do homem: Escritos sobre terapia e educação na era da técnica.* Rio de Janeiro: Via Vererita, 2011. p.177.

ROTHSCHILD, D; CALAZANS, R. A. *Morte: Abordagem fenomenológica existencial.* In: KOVÁCS, M.J. *Morte e desenvolvimento humano.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992, 243 p.

SAPIENZA, B. T. *Do desabrigo à confiança.* São Paulo: Escuta, 2007. p. 125

SEGRE, Marco; FERRAZ, Flávio Carvalho. O conceito de saúde. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 31, n. 5, Oct. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101997000600016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 Nov. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89101997000600016>.

SERAFIM, A de P. *Investigação psicológica da personalidade na conduta criminosa.* In: *Temas em psiquiatria forense e psicologia jurídica.* São Paulo: Vetor, 2006. 256 p.

TATOSSIAN, A. *A fenomenologia das psicoses.* São Paulo: Editora Escuta, 2006. p. 361.

TRINCA, R. T. *A filosofia transcendental de M. Heidegger e o problema do fundamento do ente.* 2002. 117 f. Tese (Trabalho de conclusão de curso em Psicologia) Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2002.

VAN DER BERG, J.H. O paciente psiquiátrico: Esboço de uma psicopatologia fenomenológica. São Paulo: Livro Pleno, 2000. 120 p.

ANEXOS

Anexo I: Análise dos episódios da primeira temporada de Dexter

Episódio 1	
Trecho	Unidade de Sentido
“Mas estou com fome de outra coisa”.	“fome”, de matar – desejo de matar.
“Voce é meu agora, então faça o que eu mando”.	Poder sobre o outro - sentimento de posse em relação a sua vítima.
“Eu também não posso evitar (matar)”.	Se sente aprisionado à condição de ter que matar – ausência de liberdade para a interdição. Ser obrigado a...
“Nunca faria isso com crianças, tenho critérios”.	Possui critérios, um código, que não o permite matar crianças. Julga isso como algo errado.
“As pessoas fingem várias interações humanas, mas eu sinto como se fingisse todas”.	Ser-com-outros é pautado pelo fingimento – não autêntico
Dexter mata cachorro quando criança porque sua mãe adotiva estava doente e não consegue dormir com o latido.	Preocupa-se com a mãe eliminando o incomodo sem sentimento de culpa. Ter razão = sem culpa.
“Sangue as vezes me arrepiá, as vezes me ajuda a manter controle”	Sentimento de dualidade com sangue.
Após matar um assassino Dexter diz: “O código de Harry foi cumprido e eu estou satisfeito”.	Sente-se satisfeito ao matar e por ter cumprido o código Harry.
“Sou um monstro muito organizado”.	Julga a si mesmo um monstro, mas gaba-se do seu controle.
“Não tenho sentimentos, mas se os tivesse os teria por Deb (irmã)”.	Sem sentimentos, mas se os tivesse seria por Deb. Proximidade com sua irmã.

Ajuda a irmã com seus casos policiais	Ser-com preocupado, solícito com a irmã.
“Não há sangue grudento, horroroso, que ideia maravilhosa (ao olhar para um corpo drenado de sangue)”.	O sangue é um horror, o ideal seria um corpo drenado de sangue.
“Eu nunca vi um corpo tão limpo, seco e perfeito como este. Encantador”.	Encantamento com a ideia de um corpo sem sangue.
“Não há sangue, não consigo pensar, tenho que sair daqui”.	Dualidade do sangue, é ruim, mas sem ele não consegue pensar.
“Queria que ela parasse com isso. É um desses rituais de paquera que não entendo”	Não entende um ritual afetivo, gostaria que ela parasse com isso.
“Miami com taxa de resolução de crime em 20% é um ótimo lugar para mim, ideal para aperfeiçoar minha arte”	Matar é visto como arte e num lugar de pouca punição.
“Igual a mim (caixa vazia), vazio por dentro”	Considera-se vazio.
Não se importa com os xingamentos de Doakes, pede desculpas por lhe dar arrepios	Interação social esquisita, foge ao esperado.
“Lindas linhas de sangue, sem manchas, sem respingos. Lindo e simples”.	Senso estético em relação ao sangue, sem respingos, sem manchas – controle absoluto.
Quando criança: “tenho vontade de matar pessoas, mas achei que você e mamãe não gostariam”	Tinha vontade de matar, mas não fazia por achar que os pais não gostariam. Sem culpa.
“Não entendo sexo, o ato parece indigno”	Não compreende a intimidade, parece algo indigno.
“Este assassino (Ice Truck Killer- ITK) é um artista” e então passa sua mão sobre a coxa de Rita (namorada)	Fica excitado sexualmente com a “arte” do assassino, ver os corpos drenados de sangue o deixa excitado.

Parece não se incomodar com cena de estupro vista no computador.	Não se incomoda com violência feita com os outros - sem compaixão.
“O ritual (de matar) é inebriante”	Sente-se feliz, quase que inebriado com a perspectiva de matar. Êxtase em matar
Fica maravilhado com a forma que o assassino utiliza o frio para parar a circulação do sangue.	Sente-se intrigado com a possibilidade de um corpo sem sangue.
Quando a namorada diz não quer perdê-lo, Dexter não entende porque ela diz isso, mas fica claro para o público que ela tem medo de perde-lo por ela não ter relações sexuais com ele.	Estranheza nas relações sociais. Não compreende aquilo que o impessoal dita.
“Beijar Rita foi... interessante”	Surpreende-se com o que sentiu, não esperava gostar de algo sexual.
Quando ITK invade sua casa Dexter diz: “Sei que deveria me sentir chateado, violado, mas acho que foi um ato amigável, tipo um convite para um jogo e eu quero jogar”	Sente-se animado com o jogo proposto por outro assassino.
Episódio 2	
Trecho	Unidade de Sentido
“Hoje sou um monstro marinho”	Auto-critica, se vê como monstro
Irmã pergunta como ele está, resposta: “Estou bem, tomei café da manha legal, mas você me conhece, vivo com fome”	Não sabe lidar com expressão de sentimentos é literal, objetivado não transcende.
Deb: “porque não conversamos sobre coisas de irmãos?” Dexter “nosso pai era policial, você é policial, eu trabalho para policia, isso (conversa sobre assassinos) é nossa coisa de irmão”	Relação ser com família pautada no tangível, nos casos policiais.

<p>“Eu vejo o sofrimento deles (família no tribunal). Em algum nível eu até entendo a dor deles, eu só não consigo sentir a dor deles”.</p>	<p>Não compreende os sentimentos, sabe identifica-los não os sente.</p>
<p>“Trabalhei em 2103 casos”. Advogado no tribunal: “mais ou menos?” “Não, exatamente 2103 casos”</p>	<p>Metódico no trabalho, não foge ao controle</p>
<p>“Tenente tem atração por mim, e eu achei que eu que era estranho”</p>	<p>Auto-critica, não merecedor de sentimentos</p>
<p>“o sangue é... (pensa: minha vida) meu trabalho”</p>	<p>Entende que sangue é o centro de sua existencia</p>
<p>“o que me surpreende mais sobre Rita é o quanto eu gosto de ficar com ela”</p>	<p>Se surpreende com suas emoções</p>
<p>“Me sinto como uma criança em sua festa surpresa” (quando vê caminhão do ITK)</p>	<p>Fica excitado com a perspectiva de conhecer mais acerca do assassino.</p>
<p>Enquanto descongelam os dedos encontrados no caminhão de gelo colegas de Dexter fazem diversas piadas, mas dexter não os ouve, não lhes dá atenção, fica focado nos dedos.</p>	<p>O assassinato, a perspectiva do jogo com o assassino é mais interessante do que a interação social no trabalho.</p>
<p>“Quando um policial é morto a vida (dos outros policiais) entraem suspensa”.</p>	<p>Trabalha no departamento de policia, mas não se abala como os outros com a morte de um policial. Analisa a situação como alguém de fora. Mostra-se frio justamente por ficar sempre de fora – olhar objetivado.</p>
<p>“Eu consigo matar um homem, me livrar do corpo e estar em casa em hora para ver Latterman, mas quando minha namorada se sente insegura fico perdido”</p>	<p>Não sabe como se comportar frente aos sentimentos dos outros.</p>

“Minha irmã põe uma mascara para impedir que o mundo veja o quão vulnerável ela é. Eu ponho uma mascara para não notarem o quão pouco vulnerável eu sou”	Não é vulnerável, mascara isso.
“Não me importo de quem sejam estes dedos, só com a mensagem que meu amigo quer me mandar”	Não se importa com a vitima do assassino, só com o que este quer lhe dizer, o jogo é mais importante do que os outros.
Dexter para sua “caçada” no meio para ir se encontrar com sua irmã quando esta pede pra eles se verem.	Atender o pedido da irmã torna-se mais urgente do que matar. Na relação com a irmã mostra algum afeto, preocupação.
“Não tenho controle do meu destino” (matar).	Matar se apresenta como horizonte de destino imutável, inegável. É compelida a matar – destino (determinação).
“Guerrero (traficante) vive em um mundo perigoso que não necessita de mim para balancear-ló”	O mundo “normal” não criminoso necessita de Dexter para ser equilibrado, se vê como agente necessário para manter o equilíbrio.
Episódio 3	
Trecho	Unidade de Sentido
“Para maioria das pessoas lidar com a morte é difícil, mas eu não faço parte dessa maioria. É o luto que me deixa incomodado. Não porque eu sou assassino, mas porque eu não entendo esses sentimentos, o que faz com que seja difícil fingi-los”.	Não compreende o sentimento de luto de que alguém possa sentir a falta do outro. Finge sentir para se encaixar no impessoal, mas é difícil.
“Fingir tristeza por duas horas é realmente difícil”.	Sente dificuldade em fingir tristeza por não compreende-la.

<p>“Hoje Jeremy (assassino) é só outro pedaço de lixo em Miami”.</p>	<p>Os assassinos não têm valor.</p>
<p>Não sabe como lidar com um homem vem cobrar de Rita a dívida que o ex marido lhe deve. “Nunca sei o que fazer nestas situações”.</p>	<p>Não sabe como lidar com questões do cotidiano, a necessidade de fingir quem é o impede de agir como agiria normalmente.</p>
<p>Quando Rita chora também não sabe o que fazer. “Você precisa de papel higiênico?”</p>	<p>Lida com os sentimentos dos outros de forma material, oferece ajuda naquilo que é tangível.</p>
<p>“Várias vezes na vida eu sinto como se estivesse faltando peças essenciais do quebra-cabeça humano”.</p>	<p>Não compreende o comportamento dos outros. Se vê como não humano.</p>
<p>“Eu sabia que ele (ITK) ia voltar, sinto como se fosse manhã de natal. Veja isso, um milagre no gelo (corpo esquartejado), incrível!” (Sorri e quando perguntam se ele está bem diz que isso parece um sonho)</p>	<p>Excitado, feliz quando se depara com novo assassinato do ITK.</p>
<p>Quando criança Dexter pergunta: “Você já matou alguém pai? Como é tirar uma vida humana?”</p>	<p>Expressa interesse em matar quando pequeno.</p>
<p>“Tenho certeza que sem o código de Harry eu teria cometido um assassinato quando ainda era jovem, só para ver o sangue correr”.</p>	<p>Vontade de matar, de ver o sangue escorrer.</p>
<p>Fica confuso quando impede um assassino de matar sua vítima. Diz: “O que eu estou fazendo aqui? Tudo que eu tinha que fazer era ir para casa, comprar comida e planejar meu ataque, mas eu tentei agir como</p>	<p>Não se vê como humano, se surpreende com sua ação de salvar a vida de outro.</p>

humano, como se fosse meu trabalho salvar vidas”.	
“Se eu tivesse um coração ele poderia estar quebrando agora”.	Considera-se sem coração, sem sentimentos.
“Jeremy não assassinou aquele cara quatro anos atrás, ele estava tirando o lixo”	Vê outros assassinos como lixo. Matar um assassino para ele não é assassinato, é “jogar fora o lixo”.
“A enfermeira foi minha primeira colega de jogo, sempre serei grato pelas portas magnificas que ela abriu para mim. As coisas foram caóticas no começo, mas aperfeiçoar uma nova arte leva tempo”.	Matar se apresenta como algo “magnífico” e como uma arte.
“Mas claro que na realidade foi Harry quem permitiu minha salvação (...) Suas lições nunca me desapontaram”.	Vê as lições do pai, o “Código de Harry” como sua salvação.
“Harry me ensinou que a morte não é o fim, que ela é o início de uma reação em cadeia que pode pegá-lo se não tiver cuidado”	Morte se apresenta como algo que pode incriminá-lo.
“Tirar uma vida conscientemente é o desligamento da humanidade. Isso o torna um forasteiro, sempre olhando para dentro dela, procurando por companhia”.	Sente-se um forasteiro, como não sendo parte da vida.
Após dar um novo carro a sua namorada que necessitava muito de um, diz: “Um ponto para o menino de madeira”.	Menção ao Pinóquio para dizer que o modo como age com os outros é mentira, um falso preocupar-se.
Episódio 4	
Trecho	Unidade de Sentido

<p>“Eu acho que as pessoas ao meu redor estão sempre criam laços, como amizade ou romance. Mas laços humanos sempre levam a complicações, a se comprometer, a compartilhar, a levar as pessoas ao aeroporto. Além disto, se eu as deixasse se aproximar muito, veriam quem eu realmente sou e eu não posso permitir isso, então hora de colocar minha máscara”.</p>	<p>Ser-com-outros é visto como uma complicação. Não pode deixar os outros ver quem ele é, necessita de uma máscara quando se relaciona com os outros. Trata-se de uma relação inautêntica, tem que esconder quem ele é.</p>
<p>Detetive Batista: “Isso é engraçado” Dexter: “A é?”.</p>	<p>Estranheza nas relações sociais.</p>
<p>Pai do Dexter ao tirar foto: “Dexter mais uma vez agora sorria”. Irmã: “É finja que você está queimando formigas”</p>	<p>Quando pequeno divertia-se queimando formigas, mas não se divertia em momentos de família. Diverte-se eliminado, matando os pequenos animais essa condição já se apresenta na infância.</p>
<p>Dexter: “Por que devo fingir que estou feliz?” Pai: “Porque é assim que você se mistura, se alguém tira sua foto você sorri, não importa se está feliz ou não, você só o faz para ser como os outros”</p>	<p>Não compreende o que dita o impessoal. Foi ensinado a compreender o impessoal e a se relacionar com os outros. Dexter questiona ter que se mostrar aquilo que não sente, mas o pai afirma que assim é que devemos ser com os outros. A inautenticidade é afirmada como modo de ser com os outros, não cabe mostrar o que sente.</p>
<p>“Eu amo Halloween, o único dia do ano que todos usam uma máscara, não só eu”.</p>	<p>Fica feliz em poder compartilhar algo com os outros. Ser como os outros.</p>

<p>“As pessoas acham engraçado fingir que são monstros. Eu passei a vida inteira fingindo não ser um. Namorado; amigo; irmão, todos parte da minha coleção de fantasias. Alguns acham que eu sou uma farsa, eu prefiro pensar que sou um mestre do disfarce”.</p>	<p>Considera-se um monstro. Suas relações sociais são fantasias, disfarces do seu “verdadeiro eu”. Prefere se ver sob uma ótica positiva, um mestre do disfarce ao invés de uma farsa. Disfarçar é sua arte, regozija-se em ser um mestre do disfarce. Enganar os outros.</p>
<p>Fica nervoso quando o ITK recria fotos de sua infância com partes de corpo de uma vítima. “Ele sabe, ele não está corrompendo memórias da minha infância, ele está mostrando a terrível verdade por trás delas”</p>	<p>Momentos da infância são lembrados como fingidos, as fotos são momentos de felicidade falsa.</p>
<p>“Tudo sobre meu novo amigo é ousado, autêntico, o que isso me faz?” Fica nervoso com este pensamento, quebra um tubo de ensaio e xinga.</p>	<p>Dúvidas sobre quem é, o “jogo” do ITK o faz refletir sobre si. Perante isso fica nervoso, quebra com seu modo-de-ser fingido, calmo.</p>
<p>Não presta atenção ao Batista quando este conta sobre seu aniversário de casamento, ao invés disto continua trabalhando.</p>	<p>Não interesse na vida pessoal dos colegas de trabalho, o trabalho é seu interesse maior.</p>
<p>“Eu amava este lugar, as escavadoras compactando lixo, camada a camada, enfiando na terra, enterrando, escondendo. Eu achava isso relaxante”</p>	<p>Identifica-se com algo que enterra que esconde.</p>
<p>Pai: “Estou feliz que você está se divertindo tanto Dexter” Dexter: “Você está brincando? Essa porcaria de feno está me dando alergia e estamos a horas passeando em uma plantação de abóbora, eu não entendo”.</p>	<p>Finge que gosta do passeio para os outros, mas para o pai conta como realmente se sente, ser-com o pai verdadeiro, sem fingimentos. Não compreende porque as pessoas gostam de passeios em família.</p>

<p>“Às vezes eu não sei aonde o que Harry vê como eu termina e o meu eu verdadeiro começa”</p>	<p>Dificuldade em compreender quem é.</p>
<p>“Eu sou uma coleção de comportamentos aprendidos, pedaços de Harry, talvez meu novo está certo, talvez eu seja uma fraude”.</p>	<p>Não sabe quem é.</p>
<p>Quando Rita o visita em casa e interrompe sua investigação do ITK fica impaciente e diz: “Eu devo lhe avisar que ultimamente não sou eu mesmo”</p>	<p>Fica impaciente quando a namorada interrompe seu trabalho. O trabalho é mais excitando do que ficar com a namorada.</p>
<p>“Eu comecei a apreciar os momentos tranquilos com Rita, isso (sexo) talvez seja melhor”</p>	<p>Surpreende-se com o quanto gosta de ter relações sexuais.</p>
<p>Batista quando pede conselhos a Dexter sobre o presente que comprou a esposa, Dexter fala a verdade sem considerar seus sentimentos, quando Batista pergunta a Deb não somente sobre o presente, mas sua roupa Deb lhe diz que tudo está perfeito e Batista fica mais uma vez confiante.</p>	<p>Não considera o sentimento dos outros. Dificuldade em compreender relações sociais.</p>
<p>Após ter relações sexuais com Rita: “Isso foi... inesperado”.</p>	<p>Apresenta dificuldade em nomear seus sentimentos.</p>
<p>“Todos aqueles anos sorrindo para a câmara foi vazio e falso, as fotos, sem sentido”.</p>	<p>Sente que seus momentos de infância em família são vazios, falsos.</p>
<p>Quando o pai passa mal Dexter insiste em tirar a foto que pai queria.</p>	<p>Cuidado com outros</p>

<p>“É um presente embrulhado e implorando pela morte, ferramentas à mão. Ele foi deixado aqui para eu mata-lo, mas meu novo amigo não me compreende tão bem assim, eu não poso matar esse homem. Harry não gostaria disso. Nem eu”.</p>	<p>Seu gostar e não gostar é pautado no “Código de Harry”. Não gosta de matar pessoas “inocentes” (que não cometeram assassinatos)</p>
<p>“Talvez eu nunca seja o humano que Harry queria que eu fosse, mas eu não podia matar Tucci, esse também não sou eu. Meu novo amigo achou que eu não resistiria matar Tucci, mas eu resisti, não sou o monstro que ele quer que eu seja. Não sou homem nem animal, sou algo inteiramente novo, com minhas próprias regras. Sou Dexter”.</p>	<p>Não se considera completamente humano, mas também não considera animal (como considera aqueles que assassinam inocentes), ele é algo novo intermediário a estes dois polos. Possui seu próprio código de conduta, seu próprio modo de atuar frente aos outros, a si e às suas vítimas.</p>
Episódio 5	
Trecho	Unidade de Sentido
<p>“Gostaria de fingir que estou só. Completamente só. Talvez depois de um apocalipse ou de uma praga. Qualquer um. Sem ninguém para fingir ser normal. Sem precisar esconder quem eu realmente sou. Seria... libertador”.</p>	<p>Gostaria de estar sozinho para parar de fingir e poder ser quem é.</p>
<p>“Não sou o único que gosta de solidão. Meu companheiro também. (...) Ele escolheu bem este lugar, todas essas pessoas aqui (policiais), parece... desrespeitoso”.</p>	<p>Compreende que o lugar de solidão do outro deve permanecer assim, é desrespeitoso entrar neste local.</p>

Dexter diz ao ver maca em manchas de sangue: “É como fotografar um Jackson Pollock (famoso artista expressionista)”	Manchas de sangue se apresentam como arte.
“Ela não sabe ainda que eu não tenho um próximo nível”.	Considera-se superficial.
Rita: “Você já desejou alguma coisa?”. Dexter: “Quando era pequena eu mataria por um Atari (história em quadrinhos). Dexter pensa: “É sempre assim, quando há sexo nos relacionamentos conversa afiada não satisfaz mais, logo ela me chamará de um projeto de ciências e baterá a porta na minha cara”.	Não possui desejos mais profundos, sentimentais, deseja coisas materiais, cotidianas. Quando as pessoas percebem sua superficialidade o deixam.
“Imagino colocar a Rita e as crianças em uma coisa dessas (trailer) e pegar a estrada, congestionamento, banheiros públicos, horas de nada, só de conversas. O sonho americano, meu pesadelo”.	Seu pesadelo é conviver por longas horas com outros.
“Eu imagino o que eu fiz para ele pensar que somos tão íntimos, eu penso se funcionaria na Rita”	Não compreende as diferenças entre relações. Não sabe como se aproximar de alguém.
“Ela sente que eu não sou um apoio. Péssimo sinal. Ela está percebendo”.	Não é uma pessoa que pode dar apoio aos outros.
“Isso deve ser como o amor é. A inabilidade de sentir tem suas vantagens”.	Não sente amor.
Menina: “Você gostaria de ir ao baile?” Dexter adolescente: “Por que eu	Dificuldade em compreender relações sociais.

<p>quereria isso? ". Pai: "Ela queria que você a convidasse para o baile" Dexter: "Não foi isso que ela falou".</p>	
<p>Dexter adolescente: "Eu não ligo para garotas, eu gosto de ficar sozinho.</p>	<p>Gosta da solidão.</p>
<p>"Sozinho. Sem simular, sem se esconder".</p>	<p>Gosta de ficar sozinho, pois não precisa fingir ser algo que não é.</p>
<p>"O problema com ser normal é que pessoas normais fazem coisas idiotas como estas (ficar bêbado) ".</p>	<p>Não comete atos idiotas, pois não é normal.</p>
<p>"É bom saber que não sou o único que finge ser normal".</p>	<p>Gosta da familiaridade com outro, aproximação por similaridade.</p>
<p>Rita: "Dexter sou eu, desculpa que não falei com você desde aquele lugar", Dexter responde: "do necrotério".</p>	<p>Não compreende que Rita não quer dizer o nome do lugar pelo sentimento que lhe traz, Dexter diz o nome como se ela tivesse se esquecido deste. Não compreende o sentimento, entende a fala em nível superficial, cotidiano.</p>
<p>Rita e Dexter assistem a um drama e Rita chora bastante, mas Dexter não, ele diz: "Talvez se eu não piscar meus olhos se encheram de lágrimas. Eu odeio isso. Calculo cada movimento, é cansativo. Devia acabar com isso. A não ser que possa acalmá-la de alguma forma". Começa a beijar as pernas de Rita em tentativa de realizar sexo oral. Rita o para e diz que não está com vontade disto.</p>	<p>Procura acalmar Rita com algo que não condiz no momento, dificuldade em compreender os sentimentos alheios. Foge ao que é esperado socialmente.</p>
<p>"Sozinho. Assim eu estaria melhor. As relações são confusas. Mas isso eu</p>	<p>É bom em investigar e matar, mas não em se relacionar.</p>

entendo, isso eu faço bem (investigar sua próxima vítima).	
“Meu assassino serial favorito é um comedor de pastilha. Que humano da parte dele”.	Desaprova a demonstração de humanidade no assassino que tem em alta estima.
“Eu raramente desvio de um plano”.	Organizado, metódico.
“Como vocês se amam? Vocês são iguais a mim (assassinos), como vocês fazem isso funcionar? ”	Quer entender como pessoas que nem ele, assassinos, amam.
“Eu gosto deste lugar, várias memórias estão enterradas lá embaixo (local no mar onde se desfaz dos corpos de suas vítimas) ”.	Gosta do local onde despoja as vítimas, sente-se bem ali. Considera seus assassinatos memórias e gosta de estar perto delas.
“Eu gosto de fazer as coisas do modo certo”.	Metódico.
Quando Rita pergunta qual seu sonho de vida Dexter diz: “Eu quero algum dia ser contente, me sentir confortável como todo mundo, quero...” Rita: “Uma vida normal” Dexter: “Sim, exatamente isso”.	Deseja ser como os outros, adentrar no impessoal.
Episódio 6	
Trecho	Unidade de Sentido
“Não entendo aniversários, a festa, a música. Comemorar por estar vivo mais um ano parece forçado”.	Não compreende algo que é cotidiano aos outros. Festas e aniversários são momentos de compartilhar ele se furta dessa experiência, não vê sentido.
“Meu mundo impecável de mentiras está desabando ao meu redor e eu não posso contar para ninguém”	Sente vontade de compartilhar, mas não pode, suas escolhas o colocaram nesta solidão.

<p>Fica nervoso quando descobre que um menininho o viu matar uma de suas vítimas.</p>	<p>Quando sua segurança é ameaçada fica nervoso, quebra com o modo-de-ser calmo que normalmente demonstra. O testemunho do outro (menininho) coloca-o em ameaça.</p>
<p>“Penso se em tempo eles se lembraram de mim. Eu serei o cara que partiu o coração da mãe deles. Eu partirei o coração deles também”.</p>	<p>Preocupa-se com o que os filhos de Rita sentirão caso seja preso. Manifesta um sentimento de culpa em relação as pessoas.</p>
<p>“Eu não deveria estar aqui. Rita vai ficar devastada se eu for preso”.</p>	<p>Preocupa-se com os sentimentos de Rita.</p>
<p>“Nunca senti remorso, dúvida, arrependimento. O que está acontecendo comigo?”</p>	<p>Não sente remorso ou dúvida até ser quase descoberto como serial killer. Interessante é observar que a culpabilidade não aparece com as mortes de sua autoria e sim quando revelam a sua condição como serial killer.</p>
<p>“Se eu não estivesse em perigo, eu quase me sentiria culpado por entrar no e-mail de Masuka (colega de trabalho)”.</p>	<p>Sentiria culpa se não estivesse em perigo.</p>
<p>Mente para irmã com facilidade quando esta o pega mexendo no computador de Masuka.</p>	<p>Tem facilidade em mentir.</p>
<p>“Memórias divertidas de todos eles (suas vítimas)”.</p>	<p>Acha divertido lembrar de quando matou suas vítimas.</p>
<p>“É assim que ela é, tem um coração grande, é gentil, bem diferente de mim”.</p>	<p>Não se acha gentil.</p>

<p>No episódio como um todo demonstra preocupação com sua irmã não o perdoar por ir contra suas ideias no caso policial em que estão trabalhando, quer que ela perdoe ele.</p>	<p>Preocupa-se com sua irmã e com o relacionamento entre eles.</p>
<p>“Quase não escapei de ser pego, eu percebo agora que meus dias estão contados, então melhor aproveitá-los ao máximo”. Depois de dizer isso Dexter se junta aos outros na festa de Astor, filha de sua namorada Rita e brinca com seu outro filho Cody.</p>	<p>Aproveitar os dias, a vida, é brincar com os filhos de Rita e participar da sua vida.</p>
<p>“Todo o tempo eu pensei que isso era um jogo que eu estava jogando com meu alter-ego. Mas relações mudam e esta está ficando profunda”.</p>	<p>Considera o ITK seu alter-ego, sua outra identidade. Dexter se vê como sendo também como ITK, identificando-se e tendo uma relação “profunda” com ele.</p>
<p>Episódio 7</p>	
<p>Trecho</p>	<p>Unidade de Sentido</p>
<p>Fica extasiado na cena do crime ao, seguindo os padrões de sangue, imaginar como o assassino matou sua vítima</p>	<p>Sente-se feliz ao ver a cena do crime e imitar os movimentos feitos pelo assassino.</p>
<p>Conta a Rita que tem um lado negro, e que não mata pessoas inocentes, mas esta acha que este está brincando.</p>	<p>Dividi com Rita seu segredo.</p>
<p>“Por semanas me senti como um estudante de um mestre (ITK) ”.</p>	<p>Vê o ITK como seu mestre.</p>

<p>“A primeira vez que vi seu trabalho me senti como um explorador hispânico chegando no litoral do novo mundo, sem sangue nas vítimas, nem sequer um salpicado ou mancha”.</p>	<p>ITK o leva a descobrir o desconhecido.</p>
<p>Quando o ITK é preso: “E aí está, todas as grandes expectativas, esperança de grandiosidade que eu tinha morreram, só restou uma pessoa (Jeremy, assassino) no meu círculo de amigos (assassinos)”</p>	<p>Frustração quando o ITK é preso. Busca outra pessoa com quem se conectar (Jeremy).</p>
<p>Diz para Jeremy: “Sou como você... sou vazio. Mas consegui um jeito de não me sentir tão mal. Fingir. Finjo que os sentimentos estão lá para o mundo e para as pessoas que me rodeiam. Quem sabe um dia eles estarão lá”.</p>	<p>Busca partilhar o que sente com outra pessoa, busca conectar-se com outro.</p>
<p>“Sentirei saudades do meu parceiro. Claro tenho Rita e as crianças, mas eles não sabem quem realmente sou, nunca poderão saber. E agora que o pai delas voltou as coisas mudaram, tudo mudou. Sempre gostei de ser um forasteiro, mas agora sinto a necessidade de me conectar com alguém”.</p>	<p>Quer se conectar com alguém e demonstrar quem realmente é.</p>
<p>“Desde a morte de Harry eu estive sozinho, mas agora, pela primeira vez, me sinto sozinho”.</p>	<p>Com a morte da única pessoa que sabia quem Dexter era, ele se sente sozinho.</p>
<p>Quando descobre que prenderam o homem errado e que o ITK ainda está solto, Dexter fica extasiado.</p>	<p>Fica feliz por saber que há ainda uma pessoa viva que sabe seu segredo.</p>

Episódio 8	
Trecho	Unidade de Sentido
Sente-se triste com a perspectiva de o ITK não aparecer de novo.	Sente-se triste com o distanciamento do ITK, a quem se sente conectado, quer se sentir conectado.
“Eu realmente gosto de controlar”	Gosta de estar no controle.
Mensagem mandada para o ITK: “Querido Ken, estou em pedaços, porque o tratamento frio? Com amor, Barbie”.	Procura pelo ITK, quer sua aproximação novamente.
“Eu sou um psicopata, não tem nada que se possa fazer por mim”	Sem perspectiva de vir-a-ser de outro modo que não o modo-de-ser estreitado na psicopatia.
Tinha vontade de matar um colega de classe que o importunava quando pequeno.	Vontade de matar aqueles que o chateiam.
“Isso é um desastre, eu escolhi a Rita porque ela era problemática, se ela melhorar eu perderei ela com certeza”.	Acredita que alguém “problemático” não pode querer estar com ele.
Quando Rita o chama para ir a sua casa Dexter vai porque pensa que algo estava errado, quando descobre que ela queria ter relações sexuais, ele diz ter muito trabalho e vai embora.	Evita se tornar íntimo, próximo de alguém.
“Eu não posso dormir com Rita, toda vez que eu durmo com uma mulher ela me vê como realmente sou: vazio. E logo ela vai embora. Mas eu não quero perder Rita. Não posso matar Meredian (psicólogo) ainda, preciso de outra sessão de terapia”.	Medo de ser visto como é, por como acha que é, e ser deixado por isso.

<p>Em terapia Dexter percebe que tem problemas com controle, gosta de controlar todas as situações e se lembra de momentos de sua infância. Lembra-se que seu pai lhe disse: “Controle é tudo, se você perder controle tudo estará perdido”. Lembra-se também de estar chorando quando pequeno coberto sangue. Depois desta sessão Dexter vai à casa de Rita e tem relações sexuais com ela.</p>	<p>Sente necessidade de controlar, como seu pai lhe ensinou quando pequeno. Perde o controle e tem relações sexuais com Rita. Controle é tudo.</p>
<p>Na próxima sessão depois de ter tido relações com Rita: “Está tudo certo Doutor, parei de me preocupar com aquele amigo meu que está sumido”. Diz isso deitado no sofá de modo relaxado e sorrindo.</p>	<p>Gosta da intimidade com Rita, por sentir-se próximo a alguém se afasta do ITK (única pessoa que se sente mais próximo, uma vez que sabe quem ele é), sente que não precisa mais se preocupar com ele.</p>
<p>Diz para o terapeuta que é um assassino em série: “Meu deus como é ótimo poder dizer isso (...) Não estou brincando, matei pessoas, ah eu disse novamente, é ótimo”.</p>	<p>Gosta de poder se mostrar para alguém, de dizer a verdade sobre si para outros.</p>
<p>Depois de contar ao terapeuta que mata pessoas ele a mata também, pois o próprio terapeuta é um assassino. “Tenho que confessar que estou em conflito. Você me ajudou a descobrir muito sobre mim mesmo (...) “Fui criado com certos princípios, ações tem consequências, e esta (morrer) é a sua”.</p>	<p>Sente conflito em matar alguém que o ajudou, mas seu código de conduta prevalece.</p>

<p>“O fato de que sou um assassino, isso é algo que eu não posso controlar”.</p>	<p>Sem compreensão de outras possibilidades de ser que não seu modo-de-ser estreitado.</p>
<p>Episódio 9</p>	
<p>Trecho</p>	<p>Unidade de Sentido</p>
<p>“Hora do banho, momento único de privacidade agora que estou em um relacionamento de verdade”. Rita e as crianças entram no banheiro e Dexter se incomoda.</p>	<p>Gosta de ter tempo para si próprio, ficar sozinho.</p>
<p>“Felizmente eu acordo mais cedo que pessoas normais”.</p>	<p>Acha-se anormal. Esta em vigília mais cedo – controle.</p>
<p>Ao ver seu suposto pai biológico Dexter analisa o corpo com seus conhecimentos forenses. Quando tem uma lembrança da infância e percebe que aquele é realmente seu pai fica abalado.</p>	<p>Abala-se ao descobrir quem era seu verdadeiro pai. Algo da sua história o toca.</p>
<p>Quando quer um momento a só com seu pai fingi estar muito triste e pede um momento a sós com intuito de examinar o corpo e uma mostra de sangue para comparar ao seu e ver se realmente é filho dele.</p>	<p>Manipula os outros para conseguir o quer.</p>
<p>Quando descobre que Harry mentiu para eles, Deb fica chocada e chateada enquanto Dexter diz que é interessante.</p>	<p>Reação emocional superficial.</p>
<p>Não compreende porque Deb fica tão chateada com ele por investigar a morte do pai biológico, não sabe como lidar com os sentimentos dela, diz: “Eu não sei o que você quer de mim”.</p>	<p>Não sabe lidar com os sentimentos da irmã, não sabe como se portar perante eles.</p>

<p>“Tive um pai, alguém que me chamava de filho. A ideia nunca me ocorreu. Harry era tudo que eu precisava, Harry tinha todas as respostas, ela sabia o que era bom, ruim, seguro e perigoso. Eu construí minha vida com base no código de Harry. Vivo de acordo com ele. Mas Harry mentiu, por que ele faria isso? O que mais eu não sei? Minhas bases sólidas estão se tornando em areia movediça. Talvez Rudy estivesse certo, você nunca pode verdadeiramente conhecer alguém”.</p>	<p>Quando descobre que Harry mentiu para ele, Dexter sente-se em “areia movediça”, pois questiona o código que é a base de sua vida.</p>
Episódio 10	
Trecho	Unidade de Sentido
<p>Dexter ajuda Rita quando esta é atacada pelo ex-marido, cuida das crianças e compra um spray de pimenta para ela se proteger.</p>	<p>Cuida de Rita e de suas crianças.</p>
<p>“Um frasco de sangue. Dramático, enigmático e divertido. Poderia ser ele (ITK) ”.</p>	<p>Acha um frasco de sangue algo dramático, enigmático e divertido.</p>
<p>“Agora estou curioso, ele sumiu por tanto tempo eu sabia que ele estava planejando algo grandioso. Mas uma cena do crime só para mim? ”</p>	<p>Fica curioso com o retorno do ITK e o que ele pode ter feito para ele.</p>
<p>Passa mal quando vê a cena do crime cheia de sangue deixada pelo ITK para ele. Enquanto os outros fazem perguntas sobre o que ele viu, Dexter, tremendo, responde de forma agressiva.</p>	<p>Perde o controle ao se deparar com a cena do crime que relembra sua infância.</p>

<p>“Minha irmã está certa, eu não compartilho meus problemas com ela, nem com ninguém. Harry me ensinou a ter segredos, auto-suficiência e uma boa reserva de sacos vazios. Por sorte, nunca tive um problema que não pudesse resolver. Até esse menino entre o sangue. Isso me assusta. Quero que desapareça”.</p>	<p>Assusta-se com a lembrança de se ver chorando no meio de muito sangue.</p>
<p>“Prefiro a Rita encantadora que a Rita preocupada. Se eu conseguir que o ex-marido dela seja meu problema ela poderá dormir melhor esta noite”.</p>	<p>Resolve os problemas de Rita para esta se tornar a Rita que ele gosta.</p>
<p>“Harry não acreditava em assassinato preventivo, mas talvez eu possa fazer uma exceção só desta vez, a final Harry não era perfeito, ele mentiu sobre mau pai biológico”</p>	<p>Com a mentira de Harry o código é questionado.</p>
<p>“Rudy não entendeu meu problema. Desejo que o menino em sangue vá embora, não que volte. Por sorte, agora tenho que me concentrar no problema dos outros”.</p>	<p>Quer esquecer a lembrança do menino sentado entre sangue.</p>
<p>Dexter se irrita com o ex-marido de Rita e bate nele. Diz: “Harry sempre me falou para não me envolver emocionalmente, acho que é por isso”.</p>	<p>Segundo Dexter, este se envolve emocionalmente com os problemas de Rita.</p>
<p>Dexter não viola o código de Harry com ex-marido de Rita, arma para que ele seja preso novamente, diz: “Paul precisava desaparecer, mas mata-lo não era a solução. Por enquanto o</p>	<p>Continuar a seguir o código de Harry.</p>

código de Harry permanece cumprido”.	
Durante todo o episódio Dexter tem ataques de pânico quando lembra o que aconteceu com sua mãe em sua infância.	Tem dificuldade em lidar com as memórias de sua infância, fica com medo delas.
Episódio 11	
Trecho	Sentido
Após descobrir como sua mãe morreu Dexter se incomoda com a presença de sangue nas cenas do crime.	Após descobrir sobre a morte de sua mãe, o sangue passa a incomodar Dexter.
“Se existe um inferno eu estou nele, revivendo as mesmas cenas de novo e de novo”.	Sente-se no inferno ao relembrar de sua infância.
“Eu sei que eu deveria ficar e ser parte do abraço em grupo, mas eu não consigo focar. Estou preso nas garras da memória, quero saber o que significa”.	Quer descobrir o que as memórias que tem significam.
Nervoso com as memórias que fica relembrando, Dexter é agressivo com Doakes.	Demonstra agressividade ao relembrar suas memórias.
“Primeiro ele vira minha cabeça para baixo com todo o sangue, agora ele me deixa isso: um calmo oásis no meio da confusão (pedaços de um cadáver sem sangue) ”.	O corpo sem sangue demonstra-se como um oásis.
Protege a irmã e se preocupa com seu bem-estar.	Ser-com-outros (irmã) preocupado.
“Minha mãe foi assassinada na minha frente. Faz sentido que escolhi uma vida em que busco significado em sangue. A única lembrança que tenho	Busca significado no sangue devido ao assassinato de sua mãe.

dela é banhada em sangue. Preciso saber mais detalhes”.	
“Nunca vivi no passado. Sempre fiquei feliz em deixa-lo em segredo, sem detalhes, só imagens que passam. Mas meu amigo quer que eu me lembre, e eu também quero”.	Não se ocupava com o passado, mas agora quer descobrir o que aconteceu com ele.
Dexter diz ao descobrir quem era sua mãe e como ela foi morta na sua presença: “Não é surpresa que me senti desconectado toda minha vida. Se eu tivesse emoções eu teria que sentir”	Considera que se desconectou de suas emoções para não sentir como é ver sua mãe ser morta em sua frente.
Dexter fica revoltado ao interrogar uma velha amiga de seu pai sobre o assassinato de sua mãe.	Fica nervoso ao tentar descobrir sobre seu passado.
“Harry tinha um código. Nunca pediria que destruísse provas”.	Acredita que Harry seguia à risca seu código. Não acredita nas coisas que ele pode ter feito.
“Depois de todas as mentiras que Harry contou eu gostaria de fugir também”.	Gostaria de fugir de Harry ao descobrir o quanto este mentiu para ele.
“Ao menos eu sei que minha irmã está a salvo esta noite”.	Preocupa-se com sua irmã.
Quando acha que sua irmã está com ITK Dexter fica muito preocupado.	Preocupa-se com sua irmã.
Episódio 12	
Trecho	Unidade de Sentido
“Tenho vivido na escuridão durante muito tempo. Com passar dos anos meus olhos se ajustaram até que a escuridão se converteu em meu mundo e pude ver, mas então Rudy	Dexter viveu sem lembrar de sua infância por muito tempo, agora que lembra está “cego”.

acendeu a luz. Inundou minha memória e agora estou cego”.	
Dexter chama o container onde sua mãe foi assassinada de “o lugar onde nasci”.	Dexter se vê como assassino, sua “eu”, sua identidade é, para ele, um serial killer que tem sua origem, segundo Dexter, no fato de ter visto sua mãe ser assassinada.
“Eu não gosto deste lugar, algo indizível nasceu aqui. Algo que está no lugar mais profundo e escuro de da coisa chamada Dexter”.	Dexter se vê como coisa, como algo indizível.
“Ele está me lavando para um lugar antes dos assassinatos, um lugar onde o menino nasceu? ”	Antes de se ver sua mão morrer era um “menino”, depois virou, “nasceu” uma “coisa”.
“Eles dizem que lar é onde seu coração está, talvez esse seja o lugar onde deixei o meu”.	Considera-se sem coração.
Rudy: “Eu nunca esqueci o dia que a gente...” Dexter: “Nasceu”. Refere-se ao dia que a mãe deles foi morta.	Considera a origem de quem é a morte de sua mãe.
Rudy: “Você só mata assassinos, é como um vingador”. Dexter: “Não é por isso que eu mato”.	Sua motivação ao matar não é vingança.
“Você é um assassino, sem razão ou remorso, você é livre”.	Considera um assassino sem razão e sem remorso livre, mas ele, Dexter, não é livre.
“Eu não sei quem eu sou”	Perante
“Não posso, não Deb, eu gosto muito dela.	Gosta de sua irmã, não quer matá-la.
“O que foi que eu fiz? Afastei meu verdadeiro irmão, alguém que me vê, me aceita como sou, por uma irmã adotada que me rejeitaria se	Incomoda-se por ter afastado de si a única pessoa que o aceita como ele é.

<p>soubesse a verdade, e por um pai adotivo que me traiu. Foi isso que foi: uma traição. O mais importante para mim era saber que não estava sozinho, mas Harry escondeu isto de mim. O que eu realmente lhe devo depois disto? ”.</p>	
<p>Para Brian (Rudy): “Você é uma ocasião especial. Posso te dar mais tranquilizantes, se você quiser. É um serviço que eu normalmente não ofereço”. Brian: “Sou sua vítima agora? Vai coletar uma gota do meu sangue para sua coleção? ”. Dexter: “Você não é um troféu. Mas tenho que sacrificar você”. Brian: “Para que? Para manter o código? ”. Dexter: “Para segurança de minha irmã” Brian: “Ela não sua irmã verdadeira. Ela é uma estranha para você e sempre será. Estava ajudando você quando tentei matá-la”. Dexter grita: Eu sei disso! Isso não é fácil para mim. Você mais que ninguém merece isso. Você é o único (de suas vítimas) que eu quis libertar”. Dexter pressiona sua testa contra a do irmão e ambos choram. Brian: “Você é quem necessita ser livre, irmãozinho. Sua vida é uma mentira. Você....” Dexter corta a garganta de Brian. “Desculpe eu não conseguia mais ouvir isso. Mas você está certo”.</p>	<p>Matar o irmão não é igual a matar suas outras vítimas. Sente-se triste ao mata-lo, não o considera seu troféu. Se preocupa com sua irmã, mata para deixa-la a salvo.</p>

<p>Na manhã seguinte após assassinar seu irmão Dexter vai à casa de Rita trazendo o café da mesma forma que fazia antes. Rita: “E você como está? Está bem? ” Dexter: “Sim... Não. Passei por muitas coisas. Seria bom ficar um pouco com você e com as crianças. Perdoe-me pelos últimos dias”. Rita: “Da próxima vez só me diga o que está acontecendo. Quem sabe eu posso lidar com verdade”. Dexter pensa: “Queria que isso fosse verdade. A realidade é que não resta ninguém com vida que possa lidar com minha verdade”.</p>	<p>Dexter procura retornar a sua rotina, mas não o consegue, deixa Rita ver que ele não está bem. Gostaria de poder ser verdadeiro com Rita ou com outro alguém.</p>
<p>“Às vezes me pergunto o que aconteceria se tudo que está dentro de mim, negado e não conhecido, fosse revelado. Mas eu nunca saberei. Passei minha vida me escondendo. É minha única maneira de sobreviver”.</p>	<p>Sente-se curioso em dividir seus segredos com alguém. Considera que se não se esconder não sobreviverá.</p>
<p>“Minha querida e perturbada Debra”.</p>	<p>Considera a irmã alguém querido.</p>
<p>“Minha tragédia é ter matado a única pessoa de quem não tinha que me esconder. Mas só eu lamento sua morte. Todos os outros me agradeceriam se soubessem que fui eu quem o matou (Brian) ”.</p>	<p>Gostaria de ter alguém a quem pudesse se mostrar de verdade.</p>
<p>Dexter fantasia como seria se as pessoas soubessem que foi ele que matou Brian. Imagina pessoas segurando placas que com sua foto, o</p>	<p>Gostaria de revelar seus segredos e que estes fossem aceitos pelos outros, que seus atos fossem celebrados. Dexter considera que os</p>

<p>agradecendo, um avião carregando uma bandeira com seu nome, os outros policiais o agradecendo por ter “tirado o lixo” (como Dexter se refere aos assassinos que mata). Enquanto imagina isso diz: “Isso deve ser como se sente ao caminhar na luz. Minha escuridão revelada. Minha sombra aceita. Podem me ver. Sou um deles. Nos seus sonhos mais obscuros”.</p>	<p>outros são como ele em seus sonhos mais obscuros, ou seja, que os outros também querem ver os assassinos, no caso Rudy, morto, mas sua igualdade é “obscura”.</p>
--	--

Anexo II: Análise da Entrevista com Pedro Filho

Trecho	Unidade de Sentido
<p>Marcelo Rezende: E você como se sentia?</p> <p>Pedrinho: Ah... sentia um alívio né?</p> <p>M: Ah é?</p> <p>P: É um alívio, sentia que descarregou aquilo que tinha que descarregar. Sem contar que matando o inimigo você descarrega.</p>	<p>É um alívio matar os inimigos, sente-se descarregando.</p>
<p>M: Você saía normal?</p> <p>P: Normal</p> <p>M: Você não sentia nada?</p> <p>P: Nada</p> <p>M: Sentia nada de diferente?</p> <p>P: Diferença nenhuma</p>	<p>Não sentia nada ao matar, sentia-se “normal”.</p>
<p>M: Como se você fosse tomar um banho?</p> <p>P: É, um banho gelado (risos)</p>	<p>Matar é como tomar um banho gelado.</p>

<p>Narrador (Marcelo Rezende): Aos treze anos depois de uma briga com o primo, a primeira demonstração de fúria.</p> <p>P: Ele me deu um soco nos olhos que inchou, entendeu? Aí uma vez esse primo meu tava descascando uma cana e passando lá no...</p> <p>M: Moedor</p> <p>P: No moedor, é elétrica, aí eu empurrei ele lá to pensando que ele vai passar que nem passa cana (risos).</p> <p>M: Queria jogar ele no moedor né?</p> <p>P: Mas não passou merda nenhuma só passou até aqui (aponta para o cotovelo) e ficou “uuuu” (sinalizando o movimento da máquina) aquele negoção lá, aí vieram todo mundo e desligaram a máquina. Entendeu? Mas quando vieram e desligaram a máquina e eu piquei ele no facão tudo na máquina mesmo, aí antes que meu avô chegasse com os pião tudo da roça eu joguei no chão, mas aí o juizado de menor... aí meu avô lá sei lá... sei que não fiquei nem dois dias preso.</p>	<p>Matar como vingança. Diverte-se, ri, da violência com o outro.</p>
<p>P: Antigamente como não existia disciplina não existia nada, por exemplo uma pessoa já tinha bronca do outro talvez nem nada o outro quando você via já matava já arrancava a cabeça aquele monte de cobra lá, eu era até obrigado, quantas pessoas já tirei vida no sistema penitenciário.</p>	<p>Matar é algo banal, cotidiano. Era obrigado a matar.</p>

<p>P: Meu fazia assim um nescau pra nós de noite, um frio pra toma de noite que ele era guarda da noite e tinha o guarda de dia, o de dia roubava quase tudo, estourou a bomba meu pai segurou tudo sozinho. E eu tive que mata macaco, pescar, entendeu? Que antigamente aqueles chimpanzé, macaco da roça, comprava muito pra fazer gola de blusa, pesca, caça pra arrumar alimento pra minha família que tava passando fome. Aí que aconteceu, aí eu fui matei o prefeito na porta da casa dele com dois tiros de espingarda, de 28. Esperei, ele chegou “tum, tum”, dois cartuchos. E depois de um mês e pouco desci da serra fui matei o guarda dentro da escola, tendeu?</p> <p>M: O guarda...</p> <p>P: O guarda de dia, fui lá esperei ele, taquei uma pá de cadeira em cima dele, taquei e fui embora.</p>	<p>Matar apresenta-se como vingança pelo o que foi feito com o pai.</p>
<p>P: Fui morar com ela E os que trabalhava com ela não gostava não.</p> <p>M: Pessoal do tráfico.</p> <p>P: É no tráfico, trabalhava com ela que ela era a chefe, ficou no lugar do marido né. Não gostou aí tive que mata eles e queima os corpos.</p>	<p>Mata por vingança ao que foi feito com sua esposa. Sente-se obrigado a matar.</p>
<p>M: E você depois casou de novo?</p> <p>P: Fui morar com a Aparecida aí mataram ela também.</p> <p>M: Quem matou?</p> <p>P: Ah uns traficante lá de Jacareí, aí eu fui no casamento do irmão dele em Jacareí mesmo.</p> <p>M: Você soube que ele tava casando.</p>	<p>Matou por vingança por terem matado sua segunda esposa. Não mata mulheres e crianças, mas homens mata.</p>

<p>P: O irmão dele ia casar, aí joguei um xaveco, com mais duas pessoas aí falei tudo que é homem bala neles, tudo que é mulher e criança não. Foi o que aconteceu.</p> <p>M: Aí o que é que você fez?</p> <p>P: Metemo bala neles.</p>	
<p>M: Matou quantos?</p> <p>P: Uns oito eu acho (risos) e uns dez ou 14 feridos. Não fiquei satisfeito não</p> <p>M: Não ficou satisfeito não? Por que?</p> <p>P: Porque um escapou, aquele que mandou tinha escapado. Tava lá pro lado de lá, mas depois morreu de AIDS parece.</p>	<p>Matar e ferir é visto como algo engraçado. Insatisfação por ter deixado um escapar.</p>
<p>N: E aí não parou mais de matar, a próxima vítima foi um rapaz que engravidou a prima predileta de Pedrinho e que não quis casar.</p> <p>P: Faz mal à família, faz mal ao amigo, então a gente pega aquele ódio, enquanto você não mata você não tá legal. É um negócio entendeu?</p> <p>P: Uma pessoa vai e tira uma vida de um amigo, oh senhor, eu não vou vingar? Eu sou o que? Não sou amigo da pessoa. Ainda mas uma irmã ainda, mas uma mãe.</p>	<p>Se não matar fica com ódio, não fica bem. Se faz mal a família ou aos amigos deve matar, se não matar não pode ser amigo da pessoa.</p>
<p>(Reprise da entrevista feito com Pedrinho quando este tinha 18 anos:</p> <p>Entrevistador: Você não pode ser misturado com ninguém?</p> <p>P: Isso mesmo, tem que evitar né?</p> <p>E: Porque você seria uma pessoa perigosa, é isso?</p>	<p>Considera que não pode ser misturado com ninguém, pois é perigoso.</p>

<p>P: É, para ser sincero é.)</p>	
<p>M: No momento em que você soube que seu pai matou sua mãe o que você pensou?</p> <p>P: Foi a meia noite e eu lutava boxe, eu tava na cela quando o carcereiro chegou com os guardas e falou: “Pedro uma notícia ruim”, aí falei do cansado de receber notícia ruim, uma a menos uma a mais, mas jamais imaginei, mas meu companheiro já tavam sabendo que escutou no rádio de madrugada, ficou acordado jogando e não contou nada pra mim de medo né. Aí falou assim: “sua mãe foi assassinada”. Eita p..., ta de brincadeira, o senhor tá ficando doido? Isso aí é real? “É, você quer ver sua mãe no necrotério, vou pegar autorização do juiz” Aí falei tudo bem. Chegou lá minha mãe tudo esfaqueada, ixi, toda meu deus, pelo amor de deus não acreditei. Tudo bem, e eu era inexperiente jurei vingança no caixão em voz alta ainda.</p>	<p>Sente-se incrédulo com a morte da mãe. Os outros tem medo dele. Queria se vingar pela morte de sua mãe.</p>
<p>P: Falei que a pessoa que fez aquilo ali ia pagar no mesmo estilo.</p> <p>M: Seu pai.</p> <p>P: Porque ele teve, ele morava no xadrez da frente, no negócio de seguro onde fica os estuprador tudo, ele tava na cela junto, tinha que aguentar, entendeu? Fui no xadrez dele, ele deu 21 facadas na minha mãe, eu dei vinte e duas.</p>	<p>Para vingar a morte é necessário danificar o outro mais do que este danificou a pessoa que Pedrinho vinga.</p>
<p>P: Por causa do coração né que eu tinha jurado vingança, mas não que eu comi! Povo aí na internet tá falando que eu comi coração (faz não com o dedo) eu simplesmente cortei, porque era vingança né, cortei e joguei e fora.</p>	<p>Para se vingar da morte da mãe é preciso cortar e mastigar o coração do pai. Danificar o coração, é vingança.</p>

<p>M: Você tirou o coração do teu pai?</p> <p>P: Um pedaço.</p> <p>M: Tirou um pedaço e jogou fora?</p> <p>P: Mastiguei e cuspi fora.</p> <p>M: Ah mas não engoliu?</p> <p>P: Não!</p> <p>M: Mas mastigou?</p> <p>P: Mastiguei né, porque foi vingança a tinha que fazer aquilo, era mãe né?</p>	
<p>P: Tive que tomar o revólver do guarda (risos) se não eu não chegava onde tava meu pai que era na galeria da frente.</p>	<p>Dominar o outro, tomar algo do outro é engraçado.</p>
<p>M: Tava com o revólver do PM e arrasto ele até a outra galeria?</p>	
<p>P: Não, eu deixei ele dentro da cela. Aí eu fui lá fiz e depois devolvi não usei, se quisesse usar o revólver eu usava, eu não usei nada só usei a minha faca. Faca de preso feita em casa.</p> <p>M: Foi você que fez?</p> <p>P: Peguei feita lá.</p>	<p>Toma algo que pertence a outro.</p>
<p>M: Dos presos de longa duração na cadeia você é um dos únicos que continuou vivo.</p> <p>P: Isso aí é verdade, mas vou dizer pro senhor, pra mim sobreviver, tá aqui hoje tenho marca, tudo marcado de faca (mostra os braços), braços, costa, boca tudo. Tive que dar facada pra caramba viu (risos).</p>	<p>Diverte-se com a violência infligida a outros.</p>
<p>M: Pra viver?</p> <p>P: Sim, entendeu? O senhor no meu lugar fazia o mesmo.</p>	<p>Qualquer um teria matado como ele, a violência é vista como algo comum.</p>

<p>M: Você tem remorso?</p> <p>P: Não tenha nada, vixi, não, tenho não. Tenho não porque se eles matassem eu também tendeu? E as pessoas que eles queriam matar também e que já mataram também, eles não iam senti.</p> <p>M: Não né? Tem alguém que você matou que você acha que não deveria ter matado?</p> <p>P: Não</p>	<p>Não tem remorso, nem culpa.</p>
<p>M: Todo mundo que você matou se fosse para repetir você repetiria?</p> <p>P: É, é porque não vale m... nenhuma.</p> <p>M: Não valem nada?</p> <p>P: Não valiam nada.... antigamente tinha gente muito... vixe....é...nossa, sujeito no sistema você ouvia (coçando a cabeça) ... não gosto nem de lembrar senhor</p>	<p>Não se arrepende de matar. Os outros não valem nada.</p>
<p>P: Sai de lá...amei...</p> <p>M: Gostou?</p> <p>P: Amei a liberdade</p>	<p>Amou a liberdade quando saiu da cadeia.</p>
<p>N: E agora vai deixar o mundo por mais oito anos</p> <p>P: Por que eu não fiz nada!</p> <p>M: A é?</p> <p>P: Nada, nada, nada, nada! Me pegaram trabalhando, lá no meu serviço, nós tava almoçando sento lá na varanda, lá de Camboriú</p>	<p>Sente-se injustiçado por ter sido preso novamente.</p>

<p>P: As vezes entrava ladrão lá e eu dava um susto nele. M: Como é que é dar susto? P: Dar susto, né? Dar um tiro para cima...opa opa opa ...vai, entendeu? Nunca ele foi roubado M: Não né? P: Roubou depois que eu vim pra cadeia</p>	<p>Considera-se importante, sem ele a casa foi assaltada.</p>
<p>M: E você alguma vez se sentiu sozinho, na cadeia, perdido...? P: Eu sempre gostei da solidão, sempre gostei, sempre gostei da solidão</p>	<p>Gosta da solidão, de ficar isolado.</p>
<p>M: A é? P: Porque já acostumei, antigamente não era 10, 12 numa cela era um. Sozinho ali, entendeu? Só via gente quando passava o guarda e contava</p>	<p>Acostumou-se a ficar sozinho, pois ficou muito tempo isolado.</p>
<p>M: Qual foi o maior susto que você tomou quando chegou na rua? P: Tudo mudado, na estação, saí sozinho...tinha catraca por o negócio lá de...daqueles cartão lá, pra ir lá, tinha que pula de fora ao contrário, tinha que te outra pessoa me ajudando</p>	<p>Mundo (Unwelt) mudou, estranhamento a esta mudança. Precisa do outro.</p>
<p>M: O que mais te surpreendeu? Foi o jeito das pessoas, ou a rapidez, ou a falta de delicadeza. O que mais te impressionou assim, uma coisa só se você tivesse que me dizer? P: (rindo e coçando a cabeça) São os jovens de hoje...oxa...me surpreendeu bastante M: Por que hein? P: Num sei, o modo deles agir, de pensar, entendeu? Muito diferente de como era antigamente. M: Ah é? P: Muito, muito, muito...</p>	<p>Surpreende-se com o jovem de hoje, diferente do que era.</p>

<p>(Trecho de uma entrevista antiga) – P: Tem um monte aqui pra ser morto, inclusive aquele que chegou esses dias, num posso ve nem longe que me dá o maior nojo, óh. Aquele estuprador que matou a mulhé lá, o maníaco do parque lá, dá nojo quando eu vejo esse cara. O cara estraga a gente. Eu acabo com um desgraça desse aí..</p>	<p>Nojo do estuprador, o estupro denigre o gênero masculino. O outro pode estragar quem ele é.</p>
<p>M: O que você falou pra ele (maníaco do parque)? P: Falei pra ele na hora que ele passou com o guarda, que ele mora lá em cima, falei pra ele assim: pode falta um dia pra eu ir embora, se você tivé de frente comigo te mando pro inferno, me dá até nojo fala num diabo desse (coçando a cabeça e parecendo enojado) M: É? Mas por que você não gostava dele? P: Porque vou gostar de um diabo desses seu Marcelo? (rindo) Fala pra mim?</p>	<p>Pode matar a qualquer momento, sem consideração a própria liberdade.</p>
<p>M: Sim, mas num era nada contigo! P: Num era comigo mas pessoa pobre! Pega uma mulher pobre! Elas são coitadinha... E agora parece que tá piorando de novo. Você num tá vendo aí?</p>	<p>Vê a mulher pobre como coitadinha, não merece morrer.</p>
<p>O Sr. vê na televisão quanto estupro tem aí? E tudo pessoa de colarinho branco que tá estuprando. M: Desde que eu te conheço você tem sempre a mesma conversa que tem principio de defender mulher. P: Não é defender mulher, mas não pode fazer isso aí, agora o senhor tá vendo aí, como é que tá aí? Todo dia é caso de estupro. Têm a cadeia deles..., antigamente não tinha cadeia desse tipo de estuprador, vinha pro meio nosso.</p>	<p>O estupro é inconcebível. Não matar mulher não se trata de defende-la, mas não se pode estupra-las.</p>
<p>Nós não aceitamos esse tipo de gente. Hoje não vem mais, vai pra cadeia deles!</p>	<p>Não aceita estupradores.</p>
<p>M: Você é a favor da pena de morte?</p>	

<p>P: Se no Brasil sou a favor? (balançado a cabeça negativamente e com veemência)</p> <p>M: Num vale?</p> <p>P: Num ia adiantar nada, só ia mata coitadinho</p>	<p>O poder, a decisão certa em matar é dele. Ele quem decide quem deve morrer, não a justiça. Julga a si mesmo soberano, faz justiça.</p>
<p>M: Mas se você é contra a pena de morte, por que você matou tanta gente?</p> <p>P: Porque não vale m(erda) nenhum, entendeu? Num matei nenhum coitado. Num vale m(erda) nenhum, uma vez um repórter falou isso pra mim: Pedrinho, você falou que num mata um pai de família, num mata gente boa, essas pessoas num é pai, como se fosse um pai de família? Eles pensasse mil vezes antes de entrar no crime de cuida dos filho deles e da família deles, já na hora que entrou é porque num ama nem a família.</p>	<p>Julga os outros por seus atos ilícitos, ele não é ilícito, ele é quem julga. Não matou ninguém “coitado”, ninguém que não merecia, suas vítimas não valiam nada. Aquele é morto pelos outros é coitadinho, quem é morto por ele não vale nada.</p>
<p>M: Você acha que a fama de Pedrinho Matador na rua te atrapalhou muito?</p> <p>P: Muito, muito, muito, muito...Muito que eu num gosto nem que chame desse nome aí. Preso nenhum, companheiro aqui, nem o guarda me chama desse nome.</p>	<p>Não gosta do nome Pedrinho Matador. Impõe o seu desejo aos outros, o obedecem.</p>
<p>P: Muitos não sabiam, alguns sabiam né? As vezes eu vestia a camisa pra não mostrar a tatuagem, entendeu? E outros tinha que conta a verdade que eles queriam a carteira, queria tudo, entendeu? E muitos na obra, me davam serviço mas era por dia porque num é fichado num é nada...até... O único serviço mesmo, legal, que eu gostei, com casa, mobilhada tudo, toma conta de chacinha, foi esse patrão meu de Camboriú.</p>	<p>Gostou do serviço ser caseiro, de proteger a casa.</p>

<p>M: Você sentiu falta?</p> <p>P: Do que?</p> <p>M: Da cadeia?</p> <p>P: Nada que! To louco pra ir embora de novo (risos). Não senti nada senhor.</p> <p>M: Não sentiu...</p>	<p>Não sentiu falta da cadeia, amou a liberdade.</p>
<p>P: Falta nenhuma.</p> <p>M: 34 anos não sentiu falta?</p> <p>P: Senti falta não, eu não gostava nem que falassem de cadeia pra mim.</p>	
<p>M: Você seria capaz de matar hoje?</p> <p>P: Não, de jeito maneira. Só se for no último caso mesmo, se for tirar minha vida ou a vida de alguém, de uma pessoa que a gente gosta, pelo contrário não. Olha que eu evitei, evito pra caramba, na rua mesmo evitei.</p>	<p>Não deseja mais matar, só se for para se proteger ou para proteger alguém que gosta.</p>
<p>P: Vixi, até corri se o senhor quer saber. To falando sério mesmo.</p> <p>M: Eu sei.</p> <p>P: Porque não dá pra tira cadeia mais não, não quero, não dá.</p>	<p>Cadeia é algo odioso, não quer mais ficar preso. Seu medo é de ser encarcerado novamente, não mata para não ser preso.</p>

<p>M: Você sente falta de matar?</p> <p>P: Não, não quero saber de mata mais não, não quero saber, não quero, não dá. Se eu quisesse matar eu voltava pro crime de novo. Sentei, você pensa que não sentei? Sentei, pensei qual caminho que eu ia pega, tendeu? Porque gente pra mata eu tinha, um monte na rua, de monte. Mas falei: “Pô, vo mata vou voltar pra cadeia de novo”, deixa eu trabalha, vou cuidar da minha vida. Já to velho já, to velho, deixo trabalhar, roçar meu matinho, toma meu vinho gelado, deixa esse baguiu pra lá.</p>	<p>Horizonte de sentido do quer é pautado pelo apreço as coisas cotidianas, quer evitar a cadeia e cuidar de si. Possui noção de finitude.</p>
<p>P: (Aponta para tatuagens no braço direito) Você vê que eu parei com o crime que eu até tirei essa frase e fiz um escorpião aqui, era “mato por prazer aqui” e eu fiz um escorpião. Eu fiz o escorpião lá em Santa Catarina pra tampa essa frase. Aqui outra (aponta para o outro braço) fiz uma pena.</p> <p>M: E aqui tava escrito o que?</p> <p>P: Aqui tava escrito o nome de uma mulher que já era, já morreu. Então fiz uma pena pra poder tampar, tendeu? Modifiquei tudo, pode ver aqui (mostra braço direito) era agulha, na agulha, aqui foi na máquina. Mudei tudo.</p>	<p>Tatuagem demonstra como via o matar: matava por prazer.</p>

<p>M: Você tirou pra...</p> <p>P: Não</p> <p>M: Deixa o passado pra trás.</p> <p>P: Pra mudar o passado é.</p> <p>M: Ficou para trás.</p> <p>P: Mas me arrependo pro resto da vida de ter isso aqui e isso aqui (aponta para os dois braços). Isso aqui é sem futuro.</p> <p>M: É?</p> <p>P: Tatuagem é...</p> <p>M: Por que?</p> <p>P: porque não gosto, não gosto.</p> <p>M: Marca muito né?</p> <p>P: Marca muito, tatuagem de cadeia com a de rua é completamente diferente, mesmo que for na máquina, mas é diferente.</p>	<p>Arrepende-se das tatuagens, apaga as marcas que denunciam quem ele foi.</p>
<p>M: O que é a vida pra você?</p> <p>P: A vida é a gente saber viver ela, entendeu? Por exemplo, fiquei 34 ano preso, sai lá amei!</p> <p>M: Gostou?</p> <p>P: Puxei amei! Amei a liberdade, não quis voltar mais, agora to louco pra voltar (à liberdade) de novo. Pra eu continuar com meu trabalho, viver minha vida.</p>	<p>A vida deve ser aproveitada. Aproveitar a vida é viver em liberdade.</p>
<p>M: Terminou sua carreira ou não?</p> <p>P: É, pra mim terminou.</p>	<p>Não deseja mais matar.</p>

Anexo III: Transcrição da entrevista de Marcelo Rezende com Pedrinho Matador

Marcelo Rezende: E você como se sentia?

Pedrinho: Ah.. sentia um alívio né?

M: Ah é?

P: É um alívio, sentia que descarregou aquilo que tinha que descarregar. Sem contar que matando o inimigo você descarrega.

M: Você saia normal?

P: Normal

M: Você não sentia nada?

P: Nada

M: Sentia nada de diferente?

P: Diferença nenhuma

M: Como se você fosse tomar um banho?

P: É, um banho gelado (risos)

M: É?

P: É, é verdade

M: Como que você entrou no crime?

P: Eu entrei sem saber, quando eu entrei eu já tava.

M: Quantos anos você tinha?

P: Uns 13 anos, 14 anos.

Narrador (Marcelo Rezende): Aos treze anos depois de uma briga com o primo, a primeira demonstração de fúria.

P: Ele me deu um soco nos olhos que inchou, entendeu? Aí uma vez esse primo meu tava descascando uma cana e passando lá no...

M: Moedor

P: No moedor, é elétrica, aí eu empurrei ele lá to pensando que ele vai passar que nem passa cana (risos).

M: Queria jogar ele no moedor né?

P: Mas não passou merda nenhuma só passou até aqui (aponta para o cotovelo) e ficou “uuuu” (sinalizando o movimento da máquina) aquele negócio lá, aí vieram todo mundo e desligaram a máquina. Entendeu? Mas quando vieram e desligaram a máquina e eu piquei ele no facão tudo na máquina mesmo, aí antes que meu avô chegasse com os pião tudo da roça eu joguei no chão, mas aí o juizado de menor... aí meu avô lá sei lá... sei que não fiquei nem dois dias preso.

N: A lista de assassinatos de Pedrinho ultrapassa 100 pessoas segundo contagem dele mesmo.

P: Antigamente como não existia disciplina não existia nada, por exemplo uma pessoa já tinha bronca do outro talvez nem nada o outro quando você via já matava já arrancava a cabeça aquele monte de cobra lá, eu era até obrigado quantas pessoas já tirei vida no sistema penitenciário.

N: 47 mortes aconteceram dentro das penitenciárias. Eu vi Pedrinho matador pela primeira vez há exatos 16 anos, nosso encontro foi no presídio de segurança máxima em Taubaté no interior de São Paulo. Ali estavam os piores bandidos do estado a elite do crime, todos tinham medo de chegar perto de Pedrinho, todos sem exceção tinham medo de morrer.

M: Você acha que matou quantas pessoas?

P: No sistema foram uns 40 e poucos, quase 50.

M: E fora?

P: Uns quase 50 também.

N: Tudo começou para defender o pai que anos depois ele mataria, a família morava em Santa Rita do Sapucaí, pequena cidade do sul de Minas Gerais. O pai trabalhava na escola da prefeitura, acusado de roubar a merenda foi despedido pelo vice-prefeito sem direito a nada.

P: Meu fazia assim um nescau pra nós de noite, um frio pra toma de noite que ele era guarda da noite e tinha o guarda de dia, o de dia roubava quase tudo, estourou a bomba meu pai segurou tudo sozinho. E eu tive que mata macaco, pescar, entendeu? Que antigamente aqueles chimpanzé, macaco da roça, comprava muito pra fazer gola de blusa, pesca, caça pra arrumar alimento pra minha família que tava passando fome. Aí que aconteceu, aí eu fui matei o prefeito na porta da casa dele com dois tiros de espingarda, de 28. Esperei, ele chegou “tum, tum”, dois cartuchos. E depois de um mês e pouco descí da serra fui matei o guarda dentro da escola, tendeu?

M: O guarda...

P: O guarda de dia, fui lá esperei ele, taquei uma pá de cadeira em cima dele, taquei e fui embora.

(Entrevista com psiquiatra forense).

N: Pedrinho também matou por amor.

P: Fui morar com ela.

M: Entendi.

P: E os que trabalhava com ela não gostava não.

M: Pessoal do tráfico.

P: É no tráfico, trabalhava com ela que ela era a chefe, ficou no lugar do marido né. Não gostou aí tive que mata eles e queima os corpos.

M: E você depois casou de novo?

P: Fui morar com a Aparecida aí mataram ela também.

M: Quem matou?

P: Ah uns traficante lá de Jacareí, aí eu fui no casamento do irmão dele em Jacareí mesmo.

M: Você soube que ele tava casando.

P: O irmão dele ia casar, aí joguei um xaveco, com mais duas pessoas aí falei tudo que é homem bala neles, tudo que é mulher e criança não. Foi o que aconteceu.

M: Aí o que é que você fez?

P: Metemo bala neles.

M: Matou quantos?

P: Uns oito eu acho (risos) e uns dez ou 14 feridos. Não fiquei satisfeito não

M: Não ficou satisfeito não? Por que?

P: Porque um escapou, aquele que mandou tinha escapado. Tava lá pro lado de lá, mas depois morreu de AIDS parece.

M: Depois o que?

P: Morreu de AIDS parece.

N: E aí não parou mais de matar, a próxima vítima foi um rapaz que engravidou a prima predileta de Pedrinho e que não quis casar.

P: Faz mal à família, faz mal ao amigo, então a gente pega aquele ódio, enquanto você não mata você não tá legal. É um negócio entendeu?

M: Que fica dentro de você.

P: Uma pessoa vai e tira uma vida de um amigo, oh senhor, eu não vou vingar? Eu sou o que? Não sou amigo da pessoa. Ainda mas uma irmã ainda, mas uma mãe.

N: Quando chegou à cadeia Pedrinho tinha apenas 18 anos, mas já era temido e jurado de morte por outros presos.

(Reprise da entrevista feito com Pedrinho quando este tinha 18 anos:

Entrevistador: Você não pode ser misturado com ninguém?

P: Isso mesmo, tem que evitar né?

E: Porque você seria uma pessoa perigosa, é isso?

P: É, para ser sincero é.)

N: E o medo se espalhou ainda mais quando Pedrinho aos vinte anos fez uma promessa ao saber da morte da mãe.

M: Você estava preso neste período?

P: Estava, tava preso.

M: No momento em que você soube que seu pai matou sua mãe o que você pensou?

P: Foi a meia noite e eu lutava boxe, eu tava na cela quando o carcereiro chegou com os guardas e falou: “Pedro uma notícia ruim”, aí falei do cansado de receber notícia ruim, uma a menos uma a mais, mas jamais imaginei, mas meu companheiro já tavam sabendo que escutou no rádio de madrugada, ficou acordado jogando e não contou nada pra mim de medo né. Aí falou assim: “sua mãe foi assassinada”. Eita p..., ta de brincadeira, o senhor tá ficando doido? Isso aí é real? “É, você quer ver sua mãe no necrotério, vou pegar autorização do juiz” Aí falei tudo bem. Chegou lá minha mãe tudo esfaqueada, ixi, toda meu deus, pelo amor de deus não acreditei. Tudo bem, e eu era inexperiente jurei vingança no caixão em voz alta ainda.

M: Ah é, o que você falou?

P: Falei que a pessoa que fez aquilo ali ia pagar no mesmo estilo.

M: Seu pai.

P: É no mesmo estilo entendeu.

N: Preso também por assassinato na mesma cadeia que o filho, o pai mal teve tempo de encarar os olhos de vingança de Pedrinho.

P: Naquele aguento lá que teve na hora do pátio lá tá.

M: Uma briga.

P: Porque ele teve, ele morava no xadrez da frente, no negócio de seguro onde fica os estuprador tudo, ele tava na cela junto, tinha que aguentar, entendeu? Fui no xadrez dele, ele deu 21 facadas na minha mãe, eu dei vinte e duas.

M: Deu quantas?

P: Vinte e duas.

M: E aí?

P: Por causa do coração né que eu tinha jurado vingança, mas não que eu comi! Povo aí na internet tá falando que eu comi coração (faz não com o dedo) eu simplesmente cortei, porque era vingança né, cortei e joguei e fora.

M: Você tirou o coração do teu pai?

P: Um pedaço.

M: Tirou um pedaço e jogou fora?

P: Mastiguei e cuspi fora.

M: Ah mas não engoliu?

P: Não!

M: Mas mastigou?

P: Mastiguei né, porque foi vingança a tinha que fazer aquilo, era mãe né?

M: Nesse dia como é que foi a situação?

P: Tava com revólver do guarda aqui na cintura aí não usei o revólver, só a peixeira do guarda da galeria da PM, tem guarda que fica um aqui e um no pátio. Eu inclusive não usei o revólver nele, depois ainda devolvi ainda, tó.

M: Você conseguiu o revólver como?

P: Tive que tomar o revólver do guarda (risos) se não eu não chegava onde tava meu pai que era na galeria da frente.

M: Tava com o revólver do PM e arrasto ele até a outra galeria?

P: Não, eu deixei ele dentro da cela. Aí eu fui lá fiz e depois devolvi não usei, se quisesse usar o revólver eu usava, eu não usei nada só usei a minha faca. Faca de preso feita em casa.

M: Foi você que fez?

P: Peguei feita lá.

(Entrevista com a irmã de Pedrinho).

M: Dos presos de longa duração na cadeia você é um dos únicos que continuou vivo.

P: Isso aí é verdade, mas vou dizer pro senhor, pra mim sobreviver, tá aqui hoje tenho marca, tudo marcado de faca (mostra os braços), braços, costa, boca tudo. Tive que dar facada pra caramba viu (risos).

M: Pra viver?

P: Sim, entendeu? O senhor no meu lugar fazia o mesmo.

N: Condenado a 120 anos, cinco meses e 20 dias de prisão, cumpriu 34 anos, quatro a mais do permitido pelas leis brasileiras. Ninguém queria soltá-lo com medo de novos assassinatos.

M: Você tem remorso?

P: Não tenha nada, vixi, não, tenho não. Tenho não porque se eles matassem eu também tendeu? E as pessoas que eles queriam matar também e que já mataram também, eles não iam senti.

M: Não né? Tem alguém que você matou que você acha que não deveria ter matado?

P: Não

M: Todo mundo que você matou se fosse para repetir você repetiria?

P: É, é porque não vale m... nenhuma.

M: Tem alguém que você matou que você acha que não deveria ter matado?

P: (pensativo), Não, não

M: Todo mundo que você matou, se fosse para repetir você repetiria

P: É, é porque não dá m(..erda), é uma bosta (impaciente)

M: Não valem nada?

P: Não valiam nada.... antigamente tinha gente muito... vixe....é...nossa, sujeito no sistema você ouvia (coçando a cabeça) ... não gosto nem de lembrar senhor

N: Deixou o mundo por três anos...

P: Sai de lá...amei...

M: Gostou?

P: Amei a liberdade

N: E agora vai deixar o mundo por mais oito anos

P: Por que eu não fiz nada!

M: A é?

P: Nada, nada, nada, nada! Me pegaram trabalhando, lá no meu serviço, nós tava almoçando sento lá na varanda, lá de Camboriú

N: Condenado à revelia por participar de rebeliões e porque estava com uma arma emprestada pelo ex-patrão

P: As vezes entrava ladrão lá e eu dava um susto nele.

M: Como é que é dar susto?

P: Dar susto, né? Dar um tiro para cima...opa opa opa ...vai, entendeu? Nunca ele foi roubado

M: Não né?

P: Roubou depois que eu vim pra cadeia

M: E você alguma vez se sentiu sozinho, na cadeia, perdido...?

P: Eu sempre gostei da solidão, sempre gostei, sempre gostei da solidão

M: A é?

P: Porque já acostumei, antigamente não era 10, 12 numa cela era um. Sozinho ali, entendeu? Só via gente quando passava o guarda e contava

N: Quando Pedrinho foi preso, em 1973, o país estava em plena ditadura. A seleção era apenas tricampeã mundial. Elvis, ainda estava vivo. O Brasil não tinha metrô e a internet era só ficção. Na saída do presídio....

M: Qual foi o maior susto que você tomou quando chegou na rua?

P: Tudo mudado, na estação, saí sozinho...tinha catraca por o negócio lá de...daqueles cartão lá, pra ir lá, tinha que pula de fora ao contrário, tinha que te outra pessoa me ajudando

M: O que mais te surpreendeu? Foi o jeito das pessoas, ou a rapidez, ou a falta de delicadeza. O que mais te impressionou assim, uma coisa só se você tivesse que me dizer?

P: (rindo e coçando a cabeça) São os jovens de hoje...oxa...me surpreendeu bastante

M: Por que hein?

P: Num sei, o modo deles agir, de pensar, entendeu? Muito diferente de como era antigamente.

M: Ah é?

P: Muito, muito, muito...

(Trecho de uma entrevista antiga) –

P: Tem um monte aqui pra ser morto, inclusive aquele que chegou esses dias, num posso ve nem longe que me dá o maior nojo, óh. Aquele estuprador que matou a mulhé lá, o maníaco do parque lá, dá nojo quando eu vejo esse cara. O cara estraga a gente. Eu acabo com um desgraça desse aí..

(Entrevista atual)

P: O senhor tava entrevistando ele num era eu

M: Estava entrevistando ele, parei pra gente conversar

P: E eu tava tomando o meu sol

M: Isso

P: Hora de almoço, era uma hora da tarde

M: Isso mesmo

P: Ai eu falei pra ele memo!

M: O que você falou pra ele?

P: Falei pra ele na hora que ele passou com o guarda, que ele mora lá em cima no (abacaxi????) , falei pra ele assim: pode falta um dia pra eu ir embora, se você tivé de frente comigo te mando pro inferno, me dá até nojo fala num diabo desse (coçando a cabeça e parecendo enojado)

M: É? Mas por que você não gostava dele?

P: Porque vou gostar de um diabo desses seu Marcelo? (rindo em tom jocoso)
Fala pra mim?

M: Sim, mas num era nada contigo!

P: Num era comigo mas pessoa pobre! Pega uma mulher pobre! Elas são coitadinha... E agora parece que tá piorando de novo. Cê num tá vendo aí?
O Sr. vê na televisão quanto estupro tem aí? E tudo pessoa de colarinho branco que tá estuprando.

M: Desde que eu te conheço você tem sempre a mesma conversa que tem princípio de defender mulher.

P: Num que é defender mulher, mas num pode faze isso aí, agora o s.r. tá vendo aí, como é que tá aí? Todo dia é caso de estupro. Têm a cadeia deles..., antigamente num tinha cadeia desse tipo de estuprador, vinha pro meio nosso. Nós num aceitamo esse tipo de gente. Hoje num vem mais, vai pra cadeia deles!

M: Você vê muita gente assim?

P: Oxe! E hoje vai lá pro meio deles lá, num sei que cadeia é

(...outra pessoa falando)

M: Você é a favor da pena de morte?

P: Se no Brasil sou a favor? (balançado a cabeça negativamente e com veemência)

M: Num vale?

P: Num ia adiantar nada, só ia mata coitadinho

M: É?

P: É...

M: Só ia pegar os pequenos?

P: Só ia morre coitadinho...

M: Mas se você é contra a pena de morte, por que você matou tanta gente?

P: Porque não vale m(erda) nenhum, entendeu? Num matei nenhum coitado. Num vale m(erda) nenhum, uma vez um repórter falou isso pra mim: Pedrinho, você falou que num mata um pai de família, num mata gente boa, essas pessoas num é pai, como se fosse um pai de família? Eles pensasse mil vezes antes de

entrar no crime de cuida dos filho deles e da família deles, já na hora que entrou é porque num ama nem a família.

M: Você acha que a fama de Pedrinho Matador na rua te atrapalhou muito?

P: Muito, muito, muito, muito...Muito que eu num gosto nem que chame desse nome aí. Preso nenhum, companheiro aqui, nem o guarda me chama desse nome.

M: Não né?

P: Nem eles gosta. E nem fui eu que colocou viu? Foi Juiz que colocou. Promotor, Juiz, muitos anos atrás que colocou

M: E quando você saia pra arrumar emprego agora, qual era a reação das pessoas?

P: Muitos não sabiam, alguns sabiam né? As vezes eu vestia a camisa pra não mostrar a tatuagem, entendeu? E outros tinha que conta a verdade que eles queriam a carteira, queria tudo, entendeu? E muitos na obra, me davam serviço mas era por dia porque num é fichado num é nada...até... O único serviço mesmo, legal, que eu gostei, com casa, mobilhada tudo, toma conta de chacinha, foi esse patrão meu de Camboriú.

N: Pouco tempo depois de deixar o presídio, Pedrinho passou a morar aqui (imagem da chácara em Camboriú), trabalhava como caseiro de um sítio em Santa Catarina, cuidava de tudo, da limpeza à segurança. A pedido de um irmão de Pedrinho, Gilberto resolveu dar chance ao matador.

(Trecho de entrevista com ex-empregador de Pedrinho - Gilberto)

N: Pedro Rodrigues Filho quando ele anda na cadeia o presídio cala.

M: Você sentiu falta?

P: Do que?

M: Da cadeia?

P: Nada que! To louco pra ir embora de novo (risos). Não senti nada senhor.

M: Não sentiu...

P: Falta nenhuma.

M: 34 anos não sentiu falta?

P: Senti falta não, eu não gostava nem que falassem de cadeia pra mim.

M: Você seria capaz de matar hoje?

P: Não, de jeito maneira. Só se for no último caso mesmo, se for tirar minha vida ou a vida de alguém, de uma pessoa que a gente gosta, pelo contrário não. Olha que eu evitei, evito pra caramba, na rua mesmo evitei.

M: É?

P: Vixi, até corri se o senhor quer saber. To falando sério mesmo.

M: Eu sei.

P: Porque não dá pra tira cadeia mais não, não quero, não dá.

M: Você sente falta de matar?

P: Não, não quero saber de mata mais não, não quero saber, não quero, não dá. Se eu quisesse matar eu voltava no camburiú de novo. Sentei, você pensa que não sentei? Sentei, pensei qual caminho que eu ia pega, tendeu? Porque gente pra mata eu tinha, um monte na rua, de monte. Mas falei: “Pô, vo mata vou voltar pra cadeia de novo”, deixa eu trabalha, vou cuidar da minha vida. Já to velho já, to velho, deixo trabalhar, roçar meu matinho, toma meu vinho gelado, deixa esse baguiu pra lá.

N: Arrependido de ter marcado na pele os seus segredos, Pedrinho agora tenta apagar o passado.

P: (Aponta para tatuagens no braço direito) Você vê que eu parei com o crime que eu até tirei essa frase e fiz um escorpião aqui, era “mato por prazer aqui” e eu fiz um escorpião. Eu fiz o escorpião lá em Santa Catarina pra tampa essa frase. Aqui outra (aponta para o outro braço) fiz uma pena.

M: E aqui tava escrito o que?

P: Aqui tava escrito o nome de uma mulher que já era, já morreu. Então fiz uma pena pra poder tampar, tendeu? Modifiquei tudo, pode ver aqui (mostra braço direito) era agulha, na agulha, aqui foi na máquina. Mudei tudo.

M: Na hora que você saiu da cadeia que você trocou?

P: Só não tirei o resto, da perna aqui ainda, porque não deu tempo.

M: Foi preso.

P: Não deu tempo.

M: Não deu tempo de tirar.

P: Entendeu? E é caro esse diabo aqui pra tirar viu.

M: É caro?

P: Oxi.

M: Você tirou pra...

P: Não

M: Deixa o passado pra trás.

P: Pra mudar o passado é.

M: Ficou para trás.

P: Mas me arrependo pro resto da vida de ter isso aqui e isso aqui (aponta para os dois braços). Isso aqui é sem futuro.

M: É?

P: Tatuagem é...

M: Por que?

P: porque não gosto, não gosto.

M: Marca muito né?

P: Marca muito, tatuagem de cadeia com a de rua é completamente diferente, mesmo que for na máquina, mas é diferente.

M: O que é a vida pra você?

P: A vida é a gente saber viver ela, entendeu? Por exemplo, fiquei 34 ano preso, sai lá amei!

M: Gostou?

P: Puxei amei! Amei a liberdade, não quis voltar mais, agora to louco pra voltar (à liberdade) de novo. Pra eu continuar com meu trabalho, viver minha vida.

M: Terminou sua carreira ou não?

P: É, pra mim terminou.